

SERÔES

COMPRA
LE ABR. 1940



Nº 24
JUNHO
1907



Ultimas publicações

A farça , novella dramatica, por Raul Brandão, 1 vol. broch	1\$600
Recordações e viagens , por Anthero de Figueiro, 1 vol. broch. 600, encad....	1\$800
A mulher amada , por Arnaldo da Fonseca, 1 vol. broch.....	1\$500
Flirts , contos e novellas, por Henrique de Vasconcellos, broch. 800, encad.....	1\$000
Bom humor , por João Chagas, 1 vol. br. 600, cart.....	1\$700
Jornadas do Minho , por D. João de Castro, 1 vol. br. 600, cart.....	1\$750
Impressões de theatro , por Joaquim Madureira, 1 vol. illustrado, encad. 1\$200, broch.....	1\$000
Elogio historico de Manoel Pinheiro Chagas , por Henrique Lopes de Mendonça.....	1\$400
Na Suissa , por Augusto Louza	1\$500
Serra da Estrella , pelo Dr. Adelino Abreu, 1 vol. illustrado, broch. 800, enc....	1\$000
O Paço de Cintra , pelo conde de Sabugosa, com illustrações de S. M. a Rainha D. Amelia, e de Casa Nova, 1 vol. broch. 1\$500, encad luxuosamente.....	3\$500
Contos , por Modesta (Mafalda Mousinho de Albuquerque), com prefacio de D. João da Camara, 1 vol. broch.....	1\$500
Chronicas do Bihé , por Alexandro Malheiro, 1 vol. illustrado.....	1\$200

Poesia

Parabolas , por Antonio Corrêa d'Oliveira, 1 vol. cart.....	1\$700
Ara , do mesmo auctor	1\$700
Auto de Junho , do mesmo auctor.....	1\$100
Tentações de Sam Frei Gil , do mesmo auctor, 1 vol. cart.....	1\$700
Versos , por Modesta (Mafalda Mousinho de Albuquerque), com prefacio de Candido de Figueiredo, 1 vol. broch....	1\$400

Peças theatraes

Nó cégo , peça em 3 actos representada no theatro D. Maria, original de Henrique Lopes de Mendonça (<i>3 homens e 4 mulheres</i>)	1\$300
Almas doentes , peça em 2 actos, representada no mesmo theatro, original de Marcellino Mesquita (<i>4 homens e 3 mulheres</i>)	1\$300
Em casa do filho , peça em 1 acto representada no theatro do Principe Real, ori- ginal de Maximiliano de Azevedo (<i>3 homens e 1 mulher</i>)	1\$200
Os que furam , peça em 1 acto, representada no theatro do Gymnasio, original de Emygdio Garcia (<i>4 homens e 1 mulher</i>).. ..	1\$200
Comedia intima , peça em 1 acto, representada no theatro de D. Maria, original de Carlos de Moura Cabral (<i>3 homens e 2 mulheres</i>).....	1\$200
Amor á antiga , comedia em 4 actos, representada no mesmo theatro, original de Augusto de Castro (<i>6 homens e 6 mulheres</i>).....	1\$400

Medicina

A vida sexual , pelo Dr. Egas Moniz. I — Physiologia , 1 vol illustrado encad....	1\$250
II — Pathologia , 1 vol. enc. 1\$750, broch.....	1\$000
Manual medico sanitario , pelos Drs A. Guimarães e Cassiano Neves, 1 vol. encad.....	1\$000

(Veja-se a bibliotheca *O que devemos saber*).

Summario

MAGAZINE

PAG.

LAVADEIRAS EM QUELUZ

Photographia do Sr. PEDRO LIMA, Lisboa..... FRONTISPICIO

LISBOA TRAGICA — OS DRAMAS DO INCENDIO

(18 illustrações) por VICTOR RIBEIRO..... 403

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

A Caminho da Feira — Photographia do Sr. VICTORINO CARDOSO, Porto..... 414

A VOZ DE OUTRO PLANETA

(5 illustrações)..... 415

GUERRAS COLONIAES

(6 illustrações e 1 vinheta) por EDUARDO DE NORONHA..... 421

VISÃO CRUEL — POESIA — A VICENTE ARNOSO

(1 vinheta) por AFFONSO VARGAS..... 429

A MUSICA DO EGIPTO — No TEMPO DOS FARAÓS

(9 illustrações) por JOSEFINA DE VASCONCELOS ABREU..... 430

A LENDA DO CANZARRÃO

(2 illustrações e 1 vinheta) por CONAN DOYLE..... 436

HENRY FIELDING

(6 illustrações) por CARLOS DE MESQUITA..... 452

EVORA ANTIGA — O MOSTEIRO DO CALVARIO

(4 illustrações e 1 vinheta) por A. F. BARATA..... 460

OS SERÕES DOS BÉBÉS — O CORCUNDINHA

(4 illustrações e 1 vinheta)..... 464

ACTUALIDADES

(22 illustrações e 1 vinheta)..... 470

OS SERÕES DAS SENHORAS (23 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 185

Os NOSSOS FIGURINOS » 187

A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 191

LAVORES FEMININOS..... pag. 192

CONSULTORIO DE LUIZA..... » 196

NOTAS DE DONA DE CASA..... » 198

A MUSICA DOS SERÕES

MINUETE

De BEETHOVEN..... paginas 4

Quinto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA.—Um trabalho photographico, que se adapte á decoraçãõ da capa dos **Serões**. Assumpto ao arbitrio dos concorrentes, dentro da clausula indicada: uma paizagem, um busto, uma figura inteira, um grupo de figuras, uma composiçãõ allegorica ou pittoresca, etc. A photographia pode preencher toda a pagina, comtanto que n'ella haja espaçõ adequado para se collocarem os respectivos dizeres, ou ser mais pequena para se adaptar a qualquer decoraçãõ arranjada *ad hoc*.

CONDIÇÕES

1.^a—As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.^a—As photographias premiadas serão publicadas nas capas dos **Serões**, em numeros escolhidos pela direcçãõ. As que obtiverem mençãõ honrosa poderão igualmente ser aproveitadas para capas, ou publicadas no corpo da revista, conforme convier á direcçãõ. No primeiro caso, os autores terão o direito de receber a importancia d'ellas, segundo a tabella por que identicos trabalhos costumam ser remunerados pelos **Serões**.

3.^a—A propriedade das photographias premiadas, e das que, com mençãõ honrosa, forem aproveitadas nas capas da revista, ficarãõ pertencendo aos **Serões**.

4.^a—A direcçãõ dos **Serões** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.^a—A decisiãõ do jury, escolhido pelos **Serões**, será definitiva.

6.^a—As provas devem ser enviadas á direcçãõ dos **Serões** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.

7.^a—Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, ou substituir-se por livros de valor identico, editados pela casa Ferreira & Oliveira, Limitada. Poderá haver **dois terceiros premios**, caso concorram obras que justifiquem esta duplicaçãõ.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepçãõ — 15 de agosto

Titulo da photographia :

Local em que foi tirada :

Nome e endereço do photographo :

Declaraçãõ — *Declaro que não sou photographo de profissãõ e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura :

Endereço : Direcçãõ dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138, Lisboa — No verso do envelope a indicaçãõ : Quinto concurso photographico dos **Serões**.



A NACIONAL

Companhia Portuguesa de Seguros
sobre a vida humana

CAPITAL 200:000\$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as categorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde 20 réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

A VIDA SEXUAL

PELO

DOUTOR EGAS MONIZ

Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os orgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a menopausa. O instincto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artificial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introdução. Neuroses sexuaes. Heterosexualidade morbida. Homosexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados.

1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS Pelo correio, franco de porte

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM. DA — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Obras primas

D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L. DA

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

ARTIGUILL
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons es-
tabelecimentos de Por-
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMAO

R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria
1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

**O genio portuguez
aos pés de Maria**

1 vol..... 600

Raul Brandão

A FARÇA

NOVELLA DRAMATICA

1 vol. br..... 600

Luiz Guimarães, F.º

Pedras preciosas

VERSOS

1 vol. ed. de luxo... 1\$000

GRANDE DEPOSITO

—+ DE +—

Moveis de ferro e colchoaria

—+ DE +—

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza,
com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epi-
lepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

MATERIAL ESCOLAR

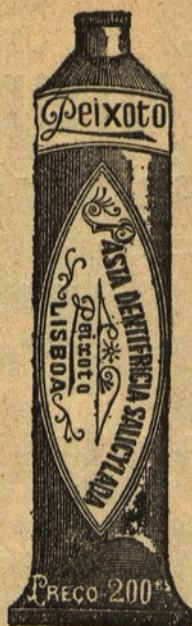
A LIVRARIA

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138

tem á venda um grande sortimento de material para escolas e dá todos os esclarecimentos que lhe sejam pedidos sobre preços, qualidades, etc.

Especialidade em carteiras, louzas, caixas metricas, abacos, quadros de leitura, solidos geometricos, esferas terrestres, armillares de Copernico e Ptolomeo, globos celestes e quadros para o ensino das linguas e das sciencias.



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83

LISBOA



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO
Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.
LISBOA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

Livraria Ferreira & Oliveira, Lmt.^{da}

132, RUA AUREA, 138

Tentações de S. Frei Gil

por Antonio Correia d'Oliveira — 1 volume lindamente cartonado,
edição de luxo

700

Chrestomathia archaica

Excerptos da litteratura portugueza, desde o mais antigo que se co-
nhece até ao seculo xvi, com introdução grammatical, notas e glos-
sario, por José Joaquim Nunes — 1 volume cartonado

1\$000

Theologia moral

por Pedro Scavini, versão portugueza de Augusto Joaquim Alves
dos Santos, lente de theologia da Universidade de Coimbra. **Acaba
de sahir o 3.º volume**, brochado

3\$000

4\$500

Obra completa, 3 volumes brochados

Contos

por Modesta (Mafalda Mousinho d'Albuquerque), 1 volume brochado.

500

LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrução primaria, organisados por

D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados officialmente para o triennio de 1907-1909:

1.ª classe	100 réis
2.ª e 3.ª classe.....	300 »
4.ª classe.....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organisadores, para corresponderem ao excellenté acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.ª classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.ª e 3.ª e o da 4.ª de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.

Pedidos aos editores

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}

132, RUA AUREA, 138

VINHOGELHO DO PORTO



O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a autorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórmula de lembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Media noche — por D. João da Camara — versão hespanhola por J. Nombela y Campos — Madrid, 1907 — O illustre professor hespanhol sr. Nombela y Campos traduziu com elegancia e carinho uma das obras primas do theatro portuguez contemporaneo, antecedendo a traducção de um formoso prologo em que justamente se exaltam as qualidades de poeta e dramaturgo de D. João da Camara. Um relevante serviço prestado á litteratura portugueza, pelo qual manifestamos calorosamente o nosso apreço e o nosso reconhecimento.

Renascença — *Revista mensal illustrada Letras Sciencias e Artes* — n.º 37, março de 1907 — Summario: — A Capella de Beneficencia Portugueza por Araujo Vianna — Bacchanal por Max Gomes — Leda e seu renascimento por J. Barbosa Rodrigues Junior — Catullo por Barão de Paranapiacaba — Lilitha por Flávia Visão do luar por L. Ferreira do Amaral — No Rio Juruá por Raul de Azevedo — A biographia do soberano philosopho por Elysió de Carvalho — O Advento da Republica por Aurelio de Figueiredo — Ensaio social por Arthur Guimarães — Uma voz por C. Magalhães de Azevedo — Giosué Carducci por Cwan d'Hunac — Vana por Mendes d'Aguiar — A visita do General Roca — Emmanuel Guimarães por Sousa Bandeira — Revisão de provas.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª Serie — maio de 1907 — n.º 39 — Séde da Redacção e Administração — Rua Castilho 27, 3.º

Semana Alegre — Porto — *Publicação litteraria e artistica* — n.º 8 — Maio de 1907.

Echo Feniano e Girondino — *Magazine illustrado, de instrucção e de recreio* — *Publicação mensal* — abril de 1907 — Redacção e administração — Papelaria dos Loyos 76 — Porto.

Livro de Dôr — por Carlos Cilia de Lemos — Lisboa, 1907 — Versos de um principiante, que precisa despir a Musa das roupagens ltuosas em que artificialmente a envolve, para nos dar algo de sincero e sentido e não afogar á nascença faculdades esperançosas.

Versos — por Modesta (D. Mafalda Mousinho de Albuquerque) — Lisboa, 1907 — Um rescendente ramilhete, creado ao terno calor de uma alma feminina sob a antiga e doce inspiração romantica que revela o nome do invocado patrono, Thomaz Ri-

beiro. Não ha novidades nem audacias; ha a espontaneidade de um delicado talento, que corresponde á singeleza do pseudonymo. Ramilhete, dissemos, apropriado para encher de perfume um *bondoir* aristocratico, e para trazer suas ves emoções a um coração repleto de sentimento.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica mensal* — n.º 4, Abril de 1907 — Rua Lourenço d'Azevedo — Coimbra — Summario: Elpis. O jornal catholico de seculo xx por M. Abundio da Silva — o organicismo sociologico e os catholicos por Hector — Entorno da crise russa por Theodorico — A proposito da conferencia de Haya — A santa Sé por Padre Guimarães Dias — chronica social do estrangeiro. — Bibliographia.

Vida intelectual — *Revista illustrada* — n.º 1 — maio de 1907 — Madrid — O primeiro numero d'esta interessante revista hespanhola, dirigida pelo illustre cathedratico de Salamanca J. Nombela y Campos, é uma brilhante promessa, que denuncia as faculdades eximias do seu director, um amigo de portuguezes e apaixonado cultor da nossa litteratura. N'ella se nos depara entre variados e eruditos artigos, uma apreciação, muito lisongeira para o nosso orgulho nacional, sobre o livro de Eugenio de Castro *A Sombra do Quadrante*; e já para os numeros proximos nos é promettida a analyse da *Tentação de S. Frei Gil* de Corrêa d'Oliveira e da traducção do *Palacio de Veiros* de Julio Dantas. Quando a importancia litteraria da revista não originasse de sobra o nosso apreço bastaria para isso a attenção sympathica que dedica ao movimento litterario de Portugal. É com verdadeiro alvoroço que felicitamos o nosso bom amigo Nombela y Campos.

The Teikoku Gaho — *illustrated mouthly magazine* — Tokio, Japão — 4.º mez — Magazine japonéz, com algumas indicações em inglez, profusamente illustrado — Devemos á amabilidade do nosso eminente collaborador Wenceslau de Moraes a remessa regular d'esta revista, interessantissimo para o estado do desenvolvimento moderno do grande imperio nipponico.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — n.º 3 — março de 1907 — vol. 3.º — Séde da Associação: Rua Garret, 95 — Lisboa.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre	1\$200	Moeda fraca	Frs.
Trimestre	600	12\$000	15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

QUARTO CONCURSO DOS «SERÕES»

MENÇÃO HONROSA



LAVADEIRAS EM QUELUZ

Photographia do Sr. Pedro Lima, Lisboa



LISBOA TRAGICA

OS

DRAMAS DO
INCENDIO

Neste momento, em que echôam ainda nos nossos ouvidos os gritos lancinantes de tantos desgraçados que pereceram nas chammas do grande incendio da rua da Magdalena, um dos mais notaveis dos ultimos tempos, já pela sua origem, em que a justiça descobriu, por

indicação indignada da voz publica, um dos mais repellentes attentados criminosos, já pelas peripicias terriveis, de todos conhecidas, em que quatorze victimas encontraram a mais affrontosa de todas as mortes, neste momento será talvez opportuno lembrar, num simples memento noticioso, algumas das mais memoraveis tragedias do incendio, que teem alarmado a nossa formosa cidade de Lisboa, destruindo na sua implacavel furia edificios, haveres e vidas dos seus cidadãos.

Antigos incendios dos seculos XV e XVI



ARECEMOS de informação historica, mas facil é imaginar o que seriam antes do terremoto taes sinistros na velha cidade, cuja casaria informe se amontoava em apertadas ruas e viellas, de que nos

dão ainda hoje pallida idêa os bairros da Alfama, da Mouraria e do Castello; naquelles tempos em que os recursos contra o fogo, que lavrava de casa para casa, se resumiam nos processos rudimentares de cortar e atalhar a propagação do incendio, que ou se apagava a baldes de agua, ou por falta de material que ardesse, combatido numa lucta esteril, anarchica, dos populares animosos que acorriam

á salvacão das victimas ou á pilhagem criminosa dos bens.

Não iremos remontar ás tragicas e mal conhecidas catastrophes, a que vagamente alludem as velhas chronicas, occorridas nos seculos xiv, xv e xvi, tempos em que sabemos, por exemplo, ter ardido num pavoroso incendio grande parte da famosa rua Nova, que corria pelos sitios da actual rua dos Capellistas. Era a rua principal da velha cidade, o Chiado daquelle tempo, delineada desde o reinado de D. Diniz, com 13 metros de largo, e mais tarde guarnecida dos ricos bazares onde se vendiam as preciosidades artisticas do Oriente. Pois uma boa parte dessa rua commercial e opulenta foi devorada pelo fogo calamitoso de 30 de janeiro de 1396, que alastrou pela Confeitaria e Ver-o-Peso, victimando innumeradas

peçoas, e causando enormes prejuizos de predios e de fazendas.

E comtudo, naquelles tempos de costumes semi-barbaros, e ainda depois, a justiça não raro empregava contra logares condemnados pelas leis, a pena extravagante de destruição pelo fogo, do mesmo modo que, annos passados, a Inquisição procurava exterminar ferozmente os incredulos nos autos de fé da praça publica. A's *casas de tavolagem*, ainda hoje perseguidas por assaltos ridiculos, applicava-se a pena de serem reduzidas a cinzas, como em 1490, no dia 1 de junho, se ordenou com respeito a uma da praça da Palha, casa — «que se tornava escandalosa pelas juras e blasphemias dos jogadores». — E um padre, que miudamente nos relatou mil factos curiosos na sua obra tão consultada — *O anno historico* —, commentava a pena dizendo — «abrazem-se as casas de jogo já que o jogo tem abrazado muitas casas».

Deixemos tambem as noticias do sinistro occorrido na antiga rua do Principe, ao Terreiro do Paço, em 1575 (18 de fevereiro), no qual o fogo devorou por completo um dos lados da rua, e do incendio que dois dias depois da partida de D. Sebastião para a Africa lavrou numa tercena á beira rio, junto a Santos, onde se armazenava trigo e polvora. A explosão foi enorme, alarmando a cidade e causando grande numero de victimas.

Os incendios do Hospital de Todos os Santos e da igreja do Loreto

Dos seculos xvii e xviii temos porém noticias numerosas e pormenorizadas de temerosos incendios.

Bastaria citar o que em 27 de outubro de 1601, depois da meia noite, devorou

numa fogueira enorme a igreja e parte das enfermarias do grandioso Hospital Real de Todos os Santos, ao Rocio, fundação notavel de D. João II, e o outro não menos falado, que em 29 de março de 1651 destruiu por completo a igreja italiana de Nossa Senhora do Loreto, e os predios contiguos, onde se alojava então o deposito das decimas.

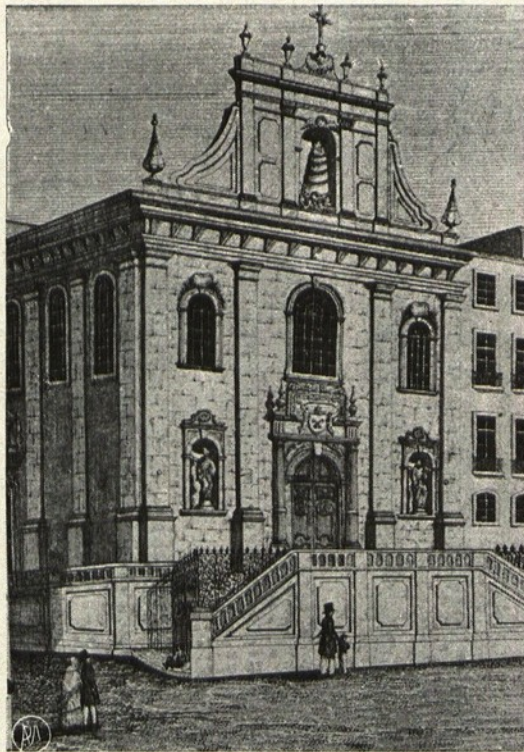
Ardem os conventos de S. Francisco e da Trindade

O seculo xviii não alvoreceu com bons pronuncios, com relação a incendios, visto que logo nos primeiros annos delle, grandes e pavorosos sinistros atterram a cidade. Na noite de 9 de janeiro de 1707, um foguete mal lançado caiu sobre o telhado da igreja do grande convento de S. Francisco da Cidade, que padeceu neste desastre graves danos.

No anno seguinte de 1708, noutro dos mais populosos e importantes conventos de Lisboa, o da Trindade, o fogo devorava, no dia 22 de setembro varios lanços do edificio, deixando apenas incolumes o templo, e cerca de 18 cellas de religiosos. Depressa porém os frades trinos reedificaram o seu convento, que o terremoto de

1755 arrasou, acabando a destruição o fogo que se seguiu.

Do que era o edificio antes do incendio de 1708 e depois delle dão-nos idéa ligeira a gravura de Domingos Vieira Serrão no precioso livro de Lavanha e outras antigas vistas da cidade. O que elle era em 1833, antes de ser demolido para a abertura da rua da Trindade, mostra-nol-o o desenho de Luiz Gonzaga Pereira, conservado na sua memoria manuscrita sobre egrejas de Lisboa, existente na Bibliotheca Nacional.



EGREJA DO LORETO
Gravura antiga

Tres pavorosos fogos—Novo incendio em S. Francisco e segundo grande incendio do Hospital Real

O dia 10 de agosto de 1734 é de triste memoria para a cidade de Lisboa. Nada menos de tres grandes incendios a apavoraram. Assim nol-o conta Fr. Claudio da Conceição, no *Gabinete Historico*.

Foi um na rua nova do Almada, defronte dos Oratorianos do Espirito Santo, fogo tal que condemnou 18 predios, morada de 59 familias, e chegou a ameaçar o convento, onde hoje estão os Armazens do Chiado. O segundo muito violento tambem, devorou grande parte do convento das commendadeiras da Encarnação, salvando-se a igreja; o terceiro foi junto á igreja do Paraizo, na actual rua deste nome, e nelle arderam algumas casas.

O convento de S. Francisco da Cidade era malfadado como o edificio do hospital real. Repetidos e violentos incendios os assediavam a ambos. Em 1741, na madrugada de 30 de novembro, volviam chammas sinistras a destruir o dormitorio e a livraria. Baldados foram os esforços para as debellar; a voracidade do fogo, que durou até ao dia seguinte, refere o *Gabinete Historico*, apenas respeitou a igreja. Reedificada logo, o terremoto arrasou-a, e a reconstrucção ultima nunca chegou a cabo, apresentando até principios de seculo XIX o aspecto que estampas antigas nos conservaram.

A's tres horas da manhã de 10 de agosto de 1750, soou o momento da mais horrivel catastrophe que antes do terremoto alanceou os espiritos, em Lisboa. Ardia segunda vez o hospital real.

Resta-nos do desastre uma *Relação* impressa, folheto hoje raro, daquelle mesmo anno. Teve principio o fogo num monte de aparas na casa das tinhas, e dalli irrompeu com rapidez pelas enfermarias, casas dos enjeitados, corretores, cozinhas, igreja, casas do Provedor e da fazenda, botica e outras officinas.

E' facil de imaginar o horror deste quadro: via a cidade arder o seu grandioso hospital, onde jaziam em leitos tantos miseraveis, nada menos de 720, onde se encerravam em medonhos carceres 17 doudos, e onde se creava avultado numero de infelizes enjeitados.

Não se apura da relação o numero de victimas, que devia ser grande. Acudiram os frades das ordens religiosas, arrabidos, dominicos e outros, transportando os enfermos e as crean-

ças aos seus conventos e ás casas visinhas, á Calçada de Sant'Anna, aos conventos de S. Domingos e do Desterro, ás casas do Senado e do Conde da Ribeira. Vieram logo os soberanos e toda a nobreza opulenta da cidade a offerer suas berlindas, coches e carruagens para o transporte dos doentes, disputando entre si sobre quem mais e melhor pudesse exercitar estes piedosos soccorros de humanidade christã.

As comunidades saíram pelas ruas em peditorios; quasi todas as familias os soccorreram com os seus obulos.

Cinco annos depois o terremoto acabava de destruir o grande hospital real, de que já restavam apenas o gracioso portico, cujo desenho se conserva, com seu tableiro e escadarias, bem como parte da fachada do edificio.

Outros sinistros no fim do seculo XVIII

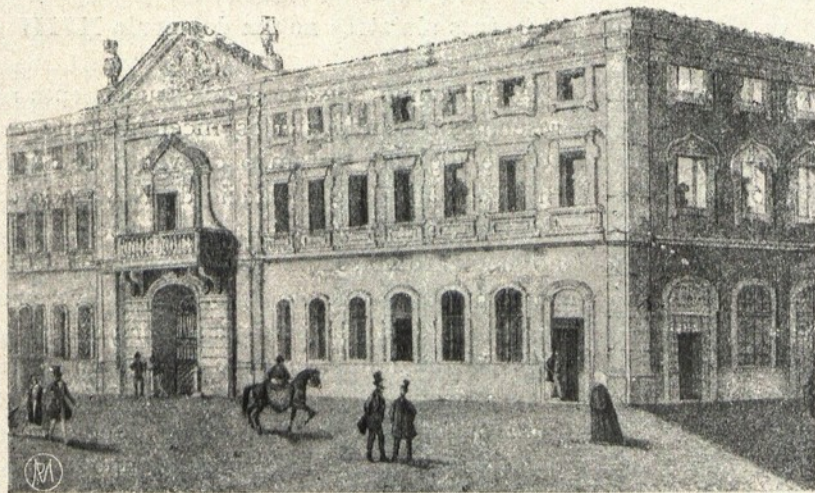
Assim como deixámos em esquecimento na resenha do seculo XVII os incendios que em 1651 e 1694 devoraram o convento de Santa Brigida (Santos), e o edificio do Noviciado da Companhia de Jesus, á Cotovia, tambem agora, no memento do seculo XVIII, passaremos de relance pelo fogo que em 1745, a 13 de fevereiro, pegou nas casas da polvora á Ribeira, causando explosão medonha, em que pereceram 28 victimas, ficando perto de 100 pessoas feridas, das quaes algumas morreram pouco depois; pelo que em 14 de dezembro do mesmo anno rompeu violento ás 4 horas da madrugada nos aposentos da rainha, no paço da Ribeira; pelo que em 1751 lavrou surdamente, como conta o sempre minucioso auctor do *Gabinete historico*, causando quasi completa ruina naquelle velho e soberbo palacio; e finalmente pelo que em 1753 a 5 de agosto, se ateou em predios da rua das Canastras, causando avultados prejuizos em boas casas, lojas e armazens bem recheados.

O incendio da Patriarchal

No decorrer da tarde de 10 de maio de 1769, os habitantes da capital ouviam o desesperado rebate dos sinos, e de todos os pontos da cidade se avistava a densa columna de fumo que se levantava do alto da Cotovia. Estava ardendo com força o enorme edificio onde se installára a nova Patriarchal, construido havia pouco no sitio das obras do conde de Tarouca, espaçoso terreiro que depois teve as denominações po-

pulares de *Patriarchal queimada*, e de *Largo das pedras*, e onde actualmente vicejam arvores e plantas do jardim do Principe Real.

Neste grande e voraz sinistro logo a voz do povo indigitou um crime: recahiram suspeitas sobre o armador antigo da egreja Alexandre Franco Vicente, que tinha a seu cargo as arrecadações dos riquissimos paramentos e alfaias. Chamado a explicações o indiciado auctor do crime fugiu, mas preso logo em Faro, e confessado o crime, praticado no intuito de encobrir avultados roubos, o *Incendiario da Patriarchal* condemnado segundo as justças feras do tempo, por accordam de 28 de janeiro de 1773, foi com baraço e pregão amarrado á cauda de um cavallo, açoitado e conduzido ao alto da Cotovia, onde no proprio sitio do seu



PALACIO DA INQUISIÇÃO

crime o amarraram a um poste e o queimaram vivo.

Estava ainda recente o exemplo das execuções summarias que o marquez de Pombal ordenára se fizessem pelas ruas aos malfeitores e incendiarios, que aproveitavam os momentos sinistros da medonha catastrophe de 1755, para roubar as casas e activar o brazeiro enorme em que se consumia a cidade. Descreveu-nos esses horrores, com a sua phrase colorida e viva o illustre escriptor Pinheiro Chagas, no seu romance *O Terremoto de Lisboa*.

A vida do *Incendiario da Patriarchal*, cheia de pormenores e incidentes curiosos, foi aproveitada pelo romancista popular Leite Bastos para um dos volumes da collecção em que historiou alguns dos grandes criminosos dos

ultimos tempos, como o Mattos Lobo, o Diogo Alves e o ultimo Carrasco.

Alguns fogos com que se inicia o seculo XIX

Observemos agora a chronica dos sinistros pelo fogo no decurso do seculo que passou. Logo ao alvorecer desta quadra, em que na cidade cresce sensivelmente a população e em que os novos costumes, a illuminação a gaz, os theatros, as noitadas, reuniões e *soirées* augmentam as facilidades e os perigos de tão funestos acontecimentos, veremos illuminar-se a cidade em 1819 com o fogaréo em que arde ao cimo da calçada da Graça o grande palacio dos duques de Loulé.

A 3 de janeiro de 1830 ardia o predio da arcada, no canto do Terreiro do Paço, pertencente ao barão de Sobral. O fogo foi terrivel, e nelle pereceu, entre outras victimas, um conhecido pastelleiro da rua dos Capellistas, de nome Luiz Ferreira da Silva.

Como arden o antigo palacio da Inquisição, ao Rocio

A revolução de 1820 tinha abolido a omminosa Inquisição, e o povo indignado invadio o palacio, sito ao topo do Rocio, destruindo e exterminando

os instrumentos de tortura, e pondo em liberdade, como na tomada da Bastilha, os miseros que inda apodreciam em seus carceres. O palacio passou a chamar-se *Paço da Regencia* e a ter applicações varias, instalando-se nelle algumas repartições entre ellas as do *Erario regio*, do *credito publico* e do *papel sellado*. Assim estava, quando no dia 14 de julho de 1836 um pavoroso incendio o devorou, reduzindo tudo a um montão de ruinas, e deixando apenas intactas as grossas paredes, com o aspecto que gravuras da epocha nos conservaram.

Suspeitou-se de crime neste fogo, que tão grandes prejuizos causou aos cofres do Estado. Depois de longas hesitações, as ruínas fôram demolidas, e no lugar dellas se fez

em 1841 o largo de Camões e o theatro de D. Maria.

Similhantermente persistiram por muitos annos as ruinas em que o terremoto deixára o palacio dos duques de Bragança, ao Thesouro Velho, até que um grande incendio devorou em 1841 as barracas e construcções provisórias e mesquinhos casebres, que pouco a pouco alli se tinham ido construindo, e onde vivia como nos casebres do Loreto e nas ruinas do palacio Vidigueira, a S. Roque, numerosa população de vadios e galderios. Destruídos os casebres pelo fogo de 1841, edificaram-se os grandes predios que hoje alli existem.

Grandes fogos destroem a Escola Polytechnica e parte do Convento de Xabregas

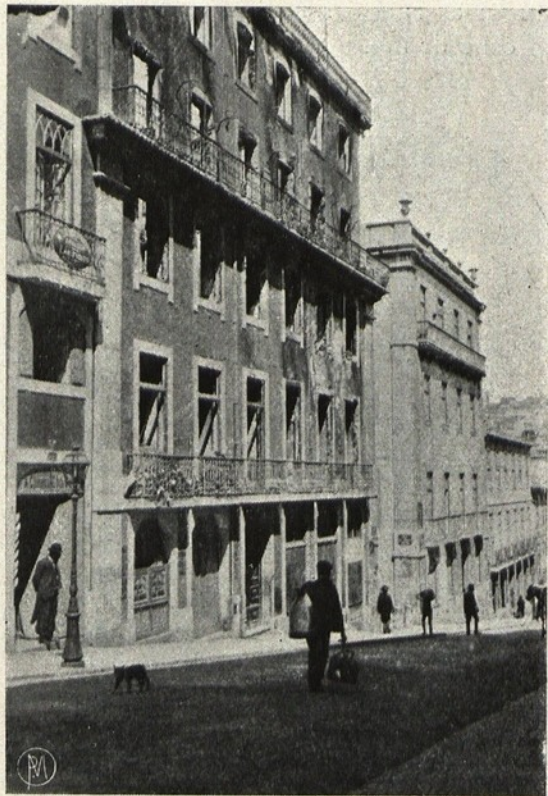
Um dia, a 22 de abril de 1843, pelas tres horas da tarde, um incendio, cuja causa se ignora, levanta-se de subito num dos extremos do edificio, que antes fôra o Noviciado da Companhia de Jesus (salteado pelo fogo de 1694, como dissémos) e depois transformado em Collegio dos Nobres pelo grande Marquez, e em Escola Polytechnica, em 1837, por Passos Manuel.

O fogo lavra violento; os sinos da cidade dão rebate que se communica de torre a torre, chamando ao lugar do sinistro as bombas, as tropas, os artifices, obrigados pelo seu dever, e a multidão de voluntarios, populares, estudantes, militares, auctoridades, e a tripulação dos navios nacionaes e estrangeiros surtos no Tejo. O espectáculo, como o descreveu Castilho, na *Revista Universal Lisbonense* (*Obras compl.*, vol. 42), era medonho: — «rollos de fumo negro que, torcidos, espedaçados e abertos em grandes florestas de nuvens, denunciavam que, ajudado do vento impetuoso de nordeste, o fogo, não só poderia em breve engulir o edificio que o borbotava, mas algum largo trato da povoação contigua e subjacente».

De facto, soprado pelo vento o incendio recrudescia, a despeito dos esforços dedicados dos que diligenciavam atalhal-o e salvar as preciosidades do ensino, manuscritos, livros, instrumentos, museus. Ao cabo de 5 horas estava tudo reduzido a um montão de cinzas, guardado pela tropa, e no qual se procedia ás ultimas operações do rescaldo.

O anno immediato de 1844 foi mais terrivel

ainda. Logo a 11 de janeiro, depois da meia noite, declarava-se fogo no antigo Convento de Xabregas, em parte do qual estava estabelecida a fabrica de fição e tecidos. O povo attribuiu este fogo a origem malevola e criminosa, chegando a julgar-se que os inglezes, que já nos haviam queimado fabricas, pretendiam assim destruir o inicio da reconstituição da industria em Portugal. Felizmente, porém, a fabrica não ardeu, e só a parte occidental do casarão, que áquelle tempo se destinava a prisão penitenciaria, ficou totalmente destruida, e com ella uns 20 teares ordinarios, sal-



O PREDIO DA RUA DA MAGDALENA
Incendiado em 10 de abril de 1907.

vando-se a egreja, que dividia a meio o edificio, e a parte oriental delle. Transformado em fabrica de tabacos, o antigo convento padeceu ha dois annos novo e terrivel incendio.

As horrorosas catastrophes da rua da Magdalena

Foi porém, em novembro de 1844, que na malfadada rua da Magdalena se ateiou uma das mais horriveis tragedias que nesta rapida noticia podemos registar.

Altas horas, quando no predio, então designado pelo n.º 121, todos dormiam tranquillos e descansados, sob uma calamitosa noite de inverno, de vento que rebramia furioso, de chuva que desabava em cataratas do ceu, ao ribombar dos trovões, o incendio lavrava surdamente, e só quando as ondas de fumo e o cheiro acre das madeiras ardidadas se elevaram e cresceram, os habitantes espavoridos despertaram; correm ás portas e janellas, e tomadas as saidas pelo fogo, soltam um alarido aterrorador clamando angustiadamente por soccorro.

Vinte e cinco pessoas se achavam ali perdidas; o bramir da tempestade abafava-lhes as vozes; as ruas desertas, as casas cerradas; só ao cabo de muito tempo acordaram ao sobre-

aos outros, mas esta cadeia de salvação não chega a meia altura, e o infeliz despenha-se e morre; neste momento o sobrado da sua casa abate engulindo no fogo o resto da familia. Chegam as escadas; não attingem bem o 3.º andar. Perante o primeiro salvador que desponta ao cimo da escada, offerecem-se duas mulheres atterradas, a filha e a creada da casa, que n'uma lucta extraordinaria de generosidade debatem qual d'ellas ha-de descer primeiro, forcejando cada uma pelo salvamento da outra.

Desce a criada; e a ama, a afflita e gentil menina vendo subir a alterosa escada o seu destinado noivo, que corria a busca-la nos braços vigorosos, sente-se tomada de pejo, e na diligencia de buscar roupas com que se cubra, perece precipitada nas chammas.

Os moradores do quarto andar fogem pelos telhados, deixando no incendio todos os seus haveres. O fogo irrompendo pelas janellas da trazeira do predio, passava ao lado opposto, destruindo a casa contigua, que era o n.º 4 da rua da Padaria.

Assignala uma triste fatalidade a rua da Magdalena; já em 28 de janeiro de 1787, uma vingança de ciume causára alli horrivel incendio criminoso, em que pereceram trinta victimas, e do qual se conservou longos annos a memoria sinistra no espirito de nossos avós.

Foram estes, como o recente incendio na mesma rua, as mais horripilantes tragedias do fogo, na cidade de Lisboa!



O INCENDIO DA BOA VISTA

Gravura antiga de Coelho, desenho de Nogueira da Silva

salto os visinhos; acodem ao rebate, que logo se produziu, espectadores impotentes para remediar a imminente catastrophe.

Rompia a alvorada sombria, quando as bombas e escadas, desnorreadas por toques errados dos sinos da Sé, depois de perder tempo em caminhadas sem tino, chegam porfim, e em grande confusão iniciam trabalhos desordenados. As chammas recrudescem, as escadas faltam; os moradores dos andares baixos descem á rua por cordas ou salvam-se pelos predios visinhos; o resto perece em tristissima hecatombe.

Mil peripecias lancinantes, dramaticas, se desenrolam neste quadro. No 2.º andar, o dono da casa tenta descer por lenções atados uns

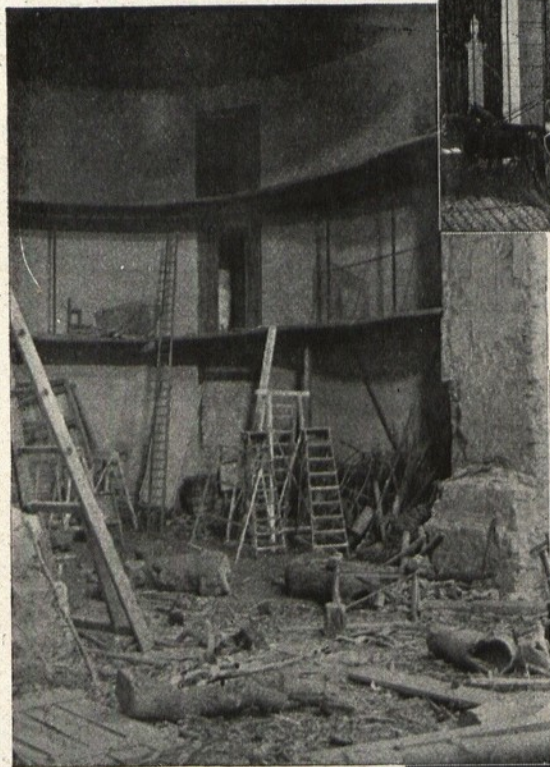
Os incendios na Boavista e no theatro das Laranjeiras

Em 1858 atejava-se o incendio numas carroarias á Boavista, onde em 1826 já outro incendio enorme abrazára e destruiu a cordoaria e algumas estancias de madeira. Nas estancias de Gomes & C.ª e na typographia do *Archivo pittoresco* se declarou o fogo de 9 de dezembro de 1858, reduzindo extensos edificios a um montão de ruinas.

Quatro annos passados, a 9 de setembro de

1862, pelas 2 horas da tarde, motivado talvez por alguma braza que operarios soldadores deixaram cahir no forro do telhado, rompia violento fogo no theatro das Laranjeiras, esse recinto onde o opulento e artista Conde de Farrobo reunira em repetidas festas, cuja memoria se não extinguirá, tudo o que havia de mais selecto na sociedade portugueza. Theatro e sala de baile foram pasto das

cupava a area desde o Pelourinho á rua do Ouro, e onde estavam o Banco de Portugal, a Casa da Camara, a Companhia das Lesirias, e nos baixos alguns estabelecimentos, como a



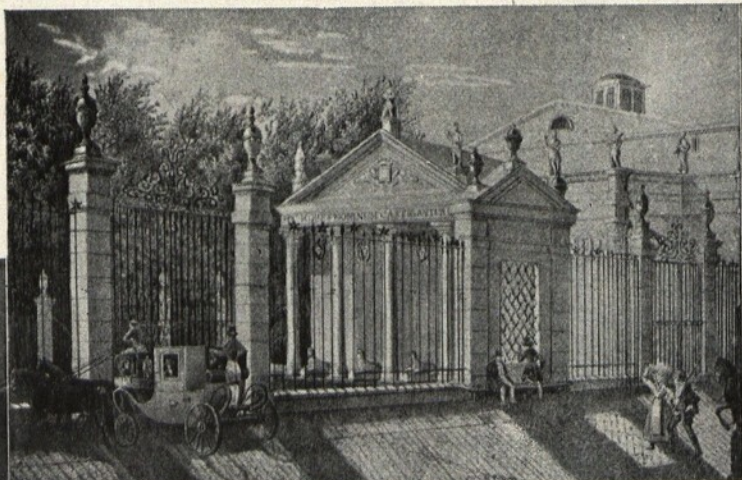
RUINAS DO INTERIOR DO THEATRO
Estado actual

chammas, que se elevavam em lavaredas de vistosas côres, originadas pelas tintas do scenario que ardia.

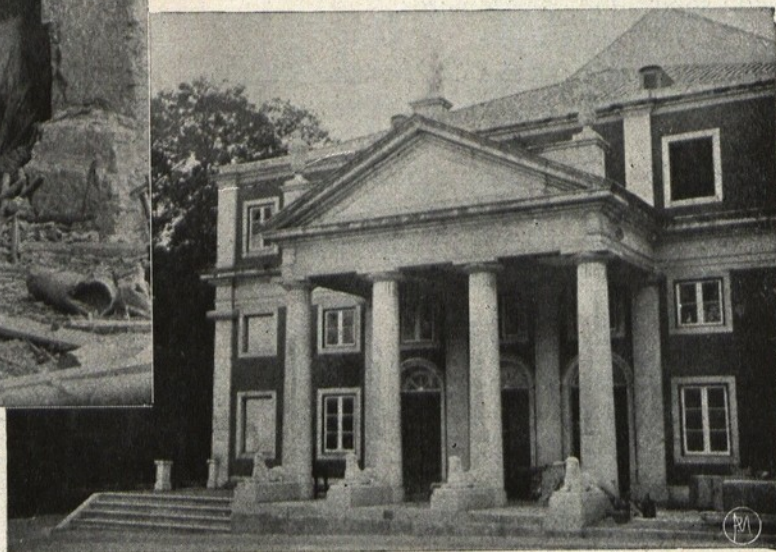
Ainda persistem, por detraz do severo peristylo de cantaría, as ruinas daquelle recinto elegante.

O fogo do Banco

Citaremos mais alguns d'estes dramas, occorridos em tempos modernos. Em 1863, pelas nove horas da noite de 19 de novembro, um dos mais extensos fogos de que ha memoria, destruiu quasi todo o vasto quarteirão, que oc-



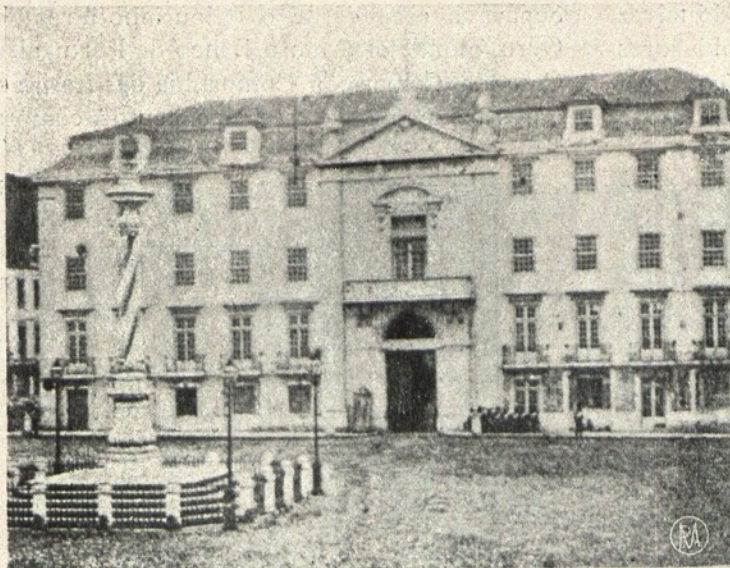
FACHADA DO THEATRO DAS LARANJEIRAS
Lithographia dos meados do seculo XIX



FACHADA DO THEATRO DAS LARANJEIRAS
Estado actual

pastelaria Coquejo, um chapelleiro, e um ferreiro.

Tudo o fogo destruiu; perderam-se os magnificos quadros a oleo e ricos pannos de Arrás das salas pombalinas da Camara; apenas escapou a casa forte do Banco e um predio á esquina da rua dos Capellistas, defendido por solido guardafogo do resto do quarteirão em que estava encravado. Conta-se que no terceiro andar morava um commerciante



O ANTIGO EDIFÍCIO DA CAMARA MUNICIPAL

que conseguira fugir, mas ao chegar á rua lembrou-se de que deixára valores grandes no cofre; subiu quando abatiam os telhados e ficou soterrado nos escombros.

Outros incendios na rua do Crucifixo, Chiado e Praça de Luiz de Camões

Quasi do mesmo tempo temos nota dos incendios na Madre de Deus, antigos paços reaes e mosteiro annexo, em 1867, e na rua do Crucifixo, nas cocheiras da antiga Companhia dos Omnibus, fogo que se communicou até á rua Nova do Almada, e onde morreram muitos cavallos, soltando lancinantes relinchos de dôr. Abertas as portas, os sobreviventes, partindo as cadeias que os prendiam, fugiram em medonha correria, espavoridos pela cidade.

Sem poder precisar a data, lembraremos ainda o fogo num predio ao Corpo Santo, onde havia um hotel, em que um gato se salvou saltando do 3.º andar á rua, e o corpo de bombeiros praticou actos de temeridade e valor, dignos de reparo; e o dos hotéis que estavam no pa-

lacio Barcellinhos, ao fundo do Chiado, hotel Gibraltar, da Europa e dos Embaixadores, que ficaram destruidos, bem como a photographia Camacho.

Este fogo, muito notavel, porque nos hotéis estavam hospedados grande numero de illustres estrangeiros, membros dos dois congressos de jornalistas e de anthropologia, que então se reuniam em Lisboa, os quaes todos tecêram os maiores elogios ao serviço de soccorros de incendios, rebentou em 30 de setembro de 1880.

Tomou logo grandes proporções, e assignalou-se tristemente pela morte de um bombeiro que caiu á rua do alto das paredes, e

pelo salvamento de uma menina de 18 annos, já suffocada e atordoada pelo fumo, salvamento feito pelo policia n.º 103.

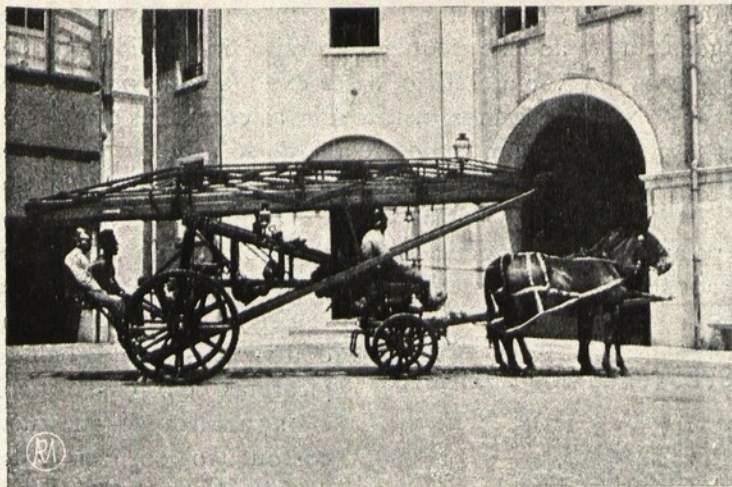
No Chiado houve depois outro grande fogo, no predio em frente da igreja dos Martyres, onde estava a casa de espelhos e molduras Varella, e no qual os populares prestaram a principio valiosos soccorros, como talvez succedesse no recente incendio da Magdalena, se não fosse a ineptia da opposição do guarda nocturno e do policia.

Na Praça de Luiz de Camões arderam tam-



INCENDIO DO BANCO E DA CAMARA

Gravura do tempo



A ESCADA MAGYRUS DOBRADA

bem no decennio de 1880 a 1890, o grande predio ao fundo, propriedade do fallecido e opulento capitalista Monteiro, e outro, entre a rua do Norte e a rua das Gaveas, causado por uma tocha que ardia na camara ardente de um defuncto, cujo corpo se achou depois nos escombros carbonizado.

O fogo da travessa da Palha Morte de cinco victimas

Resta-nos ainda, nos apontamentos que se nos offerecem, falar nos incendios da rua da Betesga e de S. João da Praça. No primeiro a tragedia foi horripilante, e em tudo parecida com a da rua da Magdalena, excepto no crime. O predio, de quatro andares, era o da esquina da



EXERCICIOS COM A ESCADA MAGYRUS

travessa da Palha, e tinha no 1.º andar o grande guarda-roupa Cohen, onde as chammam tomaram pavoroso incremento, invadindo a escada de fumo suffocante. Deu-se ás onze horas da manhã de 29 de dezembro de 1887. Os habitantes do 3.º andar, a familia Brandão, pereceram nas chammam. Quando um bombeiro chegava ao cimo da escada Magyrus, deparou com duas senhoras trazendo uma dellas nos braços um cãosinho, cujo salvamento pediam.



ESTAÇÃO CENTRAL E COMMANDO DOS INCENDIOS

Na rua D. Carlos

O incidente produziu momentos de hesitação; as chammam irromperam violentas; o bombeiro recuou, e as senhoras fõram engulidas pelo temeroso inimigo.

Este fogo de 1887 deu origem a longos debates na imprensa acerca do serviço de incendios, aposentando-se o antigo e dedicado inspector Carlos José Barreiros, que publicou sobre o caso uma *Memoria do incendio da travessa da Palha*.

Em S. João da Praça, em 3 de maio de 1896, foi destruída a grande fabrica de moagens e a egreja parochial, hoje reconstruída.

Como se acudia aos incendios antes do terremoto

Occorre naturalmente dizer duas palavras mais, ácerca do modo e processos usados no decorrer dos seculos para atalhar e extinguir os incendios.

Primítivamente os soccorros eram apenas os que a população dedicadamente sabia ou podia prestar, abafando-se o fogo a baldes de agua acarretada pelos *ribeirinhos*, que vendiam pela ci-

despesa total de 104:000 réis por anno, com aquelle pequeno exercito incumbido por dever de officio, de se expôr a todos os perigos e trabalhos, para evitar as confusões que resultavam, como até alli, de só acudir o povo que mais confundia que remediava. Pedia a Camara então, que os artifices da Ribeira das Naus acudissem promptos, e que as justicas policiassem devidamente o logar dos incendios.

Em 1681 a camara mandou vir da Hollanda baldes, picaretas, enxadas, arpêos e esguichos, o que tudo custou 470\$000 réis e foi distribuido pelos bairros, cabendo 50 baldes e 12 ferramentas a cada um.

Só em 1685 se adquiriram cinco bombas, cinco ! que

OS INSPECTORES DOS INCENDIOS



JOAQUIM JULIO PEREIRA DE CARVALHO



AUGUSTO FERREIRA



CARLOS JOSÉ BARREIROS



CONSELHEIRO EMYGDIO LINO DA SILVA

dade em cavalgadas, pelos negros escravos e pelos soldados, marinheiros e gente do arsenal.

A Camara tinha depositos de machados, picaretas e baldes, que se distribuiam pelos populares. Em 1670 o senado adquiriu, á imitação de que lhe constava haver em Paris, escadas ferradas, compridas hastes de pau, e baldes de couro, e assalariou 30 officiaes de officios para, de obrigação acudirem aos fogos. Era o inicio do *exercito de salvacão*. Estabeleceram-se-lhes ordenados fixos de 6:000 réis e 4:000 réis annuaes, fazendo uma

trabalhavam em toda a cidade, como succedeu no memoravel incendio do Hospital Real de 1750, no qual se queimaram duas dellas, ficando as outras muito deterioradas!

Neste incendio, como nos outros d'aquelle tempo, acudiam pressurosos — con-

tam-o minuciosas relações, os religiosos das differentes ordens, que acarretavam agua, em bilhas e quartas, a soldadesca, a marinagem, e a mestrança da Ribeira das Naus.

Só em 1714 a Camara estabeleceu o primeiro regimento do serviço de incendios, a

cargo do vereador das obras (*Elementos para a historia do municipio de Lisboa*).

A reedificação da cidade, após o terremoto de 1755, tendo em vista oppôr áquellas calamidades scismicas a maior resistencia possivel nas construcções, acceitou o nosso systema de construir, usado ainda hoje em Lisboa, ligando todo o predio com um esqueleto de madeira. Optimo remedio para os abalos de terra, mas vehiculo perigoso por onde o incendio alastra e invade de álto a baixo um edificio. Conta-se que se apercebeu logo d'isso a intelligencia prspicaz do grande Marquez de Pombal, e atribue-se-lhe o dito, ao approvar o systema proposto — «livrem-se dos incendios que dos tremores de terra os garanto eu agora.»

Organiza-se o serviço de incendios no seculo XIX

Muito depois, sob o novo regimen politico, a Camara de Lisboa, em 1834 desejosa de reorganisar efficazmente estes serviços, tão atrazados e imperfeitos, creou 3 districtos na cidade, determinando como se deveriam ordenar os soccorros nas respectivas areas, entrando no quadro não só as bombas municipaes como tambem as do ministerio das obras publicas.

Muitos edificios e instituições particulares de certa importancia mantinham bombas suas. Citaremos por exemplo a da Santa Casa da Misericordia, que já a possuia ao certo em 1788, servida por 16 homens, e que acudia a qualquer incendio.

Creadas as *Capatazias*, ou commando do pessoal das bombas, formado na sua quasi totalidade pelos aguadeiros gallegos arregimentados por companhias, havia como medida preventiva a ordem de se conservarem sempre 140 barris cheios de agua, para se acudir de prompto a qualquer sinistro.

Foi por esta epocha de 1834 que se adquiriram novas escadas, e se fizeram de lona as primeiras *mangueiras de salvção*. Estabeleceu-

se a tabella do toque dos sinos nas freguezias, abolida depois por Carlos José Barreiros.

Aposentado este, foi nomeado em 1889 o novo inspector, o saudoso engenheiro Augusto Ferreira, a quem se deve a total reorganização dos serviços, installação e compra do optimo material que presentemente serve, e a orientação disciplinada do *corpo de bombeiros municipaes*, actualmente formado por 100 bombeiros de 1.^a e 2.^a classe, 150 de 3.^a e mais 720 conductores das bombas, *exercito* dedicado de *salvação*, querido da população lisbonense, que os estima e applaude com tanto carinho como aos seus marinheiros. Forma o batalhão em 33 estações de serviço, munidas de bombas, e de escadas Magyrus, com tracção animal permanente, e a elle se addiciona ainda o das benemeritas corporações de *bombeiros voluntarios*, com duas secções de 50 bombeiros cada uma, e o *corpo auxiliar de salvados*.

As medalhas de salvção

Para complemento destes arduos e humanitarios serviços, não bastavam as provas constantes de consideração e de reconhecimento manifestadas pela população da cidade, a uma phalange de heroes, que tanta vez arrancam á morte horrorosa pelo fogo as pobres victimas espavoridas.

Não bastava nem esse reconhecimento, nem os premios pecuniarios que os regulamentos estabeleceram. Por isso, desde 1852, se entendeu por Decreto de 3 de novembro a necessidade de crear a *medalha de salvção*, que se destina a ser conferida a todo aquelle que por magnanimo e heroico esforço presta serviços humanitarios na salvção de vidas, em naufragios ou em incendios.

Descreveu-as largamente o distincto conhecedor de medalhistica sr. dr. Arthur Lamas, na sua valiosa e interessante memoria sobre *Medalhas de salvção* (1905).

É, presentemente, esta a medalha na qual se lê o significativo distico — AO MERITO, PHILANTROPIA, GENEROSIDADE — uma das condecora-



ções mais respeitáveis, conferida sempre com escrupulo, como mercê honorifica, pelos generosos actos de salvação de vidas.

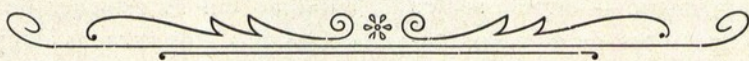
*
* * *

Vemos portanto que se felizmente a cidade de Lisboa não teve nunca a lamentar dentro da sua extensa area alguma dessas medonhas hecatombes que ficaram tristemente celebres, como as do Bazar de Caridade e da *Comédie Française*, de Paris, como a do theatro Ba-

quet do Porto, ou como a do Club de Santarem, ainda assim a enumeração dos seus incendios mais notáveis, nesta lista muito incompleta e apenas organizada com apontamentos e noticias colhidas de relance, constitue um longo sudario de desgraças sobre o qual só nos cumpre lançar o veu de uma recordação compadecida e saudosa como epilogo desta chronica das angustias que repetidas vezes teem sobresaltado os espiritos da grande cidade, e enlutado a bôa alma do povo de Lisboa.

25 de abril de 1907.

VICTOR RIBEIRO.



Quarto concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



A CAMINHO DA FEIRA

Photographia do Sr. Victorino Cardoso, Porto.



UCCEDIAM ultimamente casos estranhos. De ha tempos a esta parte, por volta da meia noite, as estações de telegraphos

sem fios tinham registrado um extraordinario signal de «tres pontos», repetido com persistencia. Depois de minucioso inquerito, averiguara-se que nenhuma estação terrestre havia expedido similhante despacho a taes horas. D'onde vinha pois a mysteriosa chamada? Os tres pontos de som suggerem os tres pontos luminosos de Marte por volta do anno de 1901; e no presente artigo se tenta a explicação do phenomeno.

Meia noite. Toc-toc-toc; toc-toc-toc; toc-toc-toc. Ouviram-se distinctamente as tres pancadas no silencio da estação Marconi, e os telegraphistas acordaram extremunhados, sobresaltados por uma vaga inquietação.

— Ouça! Lá está o signal outra vez! Que quer isto dizer? Quem é que chama?

— Então vossê não conhece o codigo Morse? Tres pancadas, é um S.

— A agulha farta-se de marcar SS, e ninguém percebe a razão. E' extraordinario. Ora escute!

Toc-toc-toc; toc-toc-toc.

— É verdade, é! É isto todas as noites, por volta da meia noite. Apenas os transmissores nos expedem um S, o receptor registra-o. Quando se cansa, quem quer que é, acaba o despacho.

Mas no seu posto, na extrema de um pro-

montorio remoto, os telegraphistas, já acabrunhados pelo silencio da noite, sentiam-se regêlar até á medula pelo mysterio da inexplicavel mensagem. Sabido era que de todas as estações transmissoras do mundo inteiro, nenhuma fizera a chamada. Havia realmente alguem

que telegraphava, mas esse alguem não era da terra. A quem pertencia a vozita exigua que chamava das trevas, e transmittia a mensagem atravez da frigida immensidade do espaço interestellar?

Tres pancadas? Uma ideia ocorre. Em 1902, e já em 1901, os observadores do firmamento tinham falado de tres pontos. Por esse tempo, astrônomos com poderosos telescopios haviam conseguido distinguir no planeta Marte um triangulo feito de tres pontos luminosos, imperceptiveis para a nossa vista, mas na realidade immensos, visto que o triangulo tinha muitas centenas de milhas de extensão. As tres luzes realçavam brancas sobre o colorido avermelhado do planeta. Nunca anteriormente tinham sido observadas; e a sua disposição regular deu origem á hypothese de que poderiam ser artificiaes.

Tres pancadas significam S no alphabeto Morse, mas na pratica telegraphica tambem querem dizer: «Está lá?» «Posso começar?» «Atenção! Vou fazer um despacho.»

É possivel que Marte expedissem os tres signaes annunciando o levantar de um veu que desde o inicio dos seculos o separa de nós.

Deveremos por tanto mostrar-nos indiffe-

rentes á resposta? Repellir esses longinquos amigos—nossos affins pela intelligencia commum—que veem ao nosso encontro? Se porventura os martianos tentam entrar em rela-

mo do volume d'esta. É como uma tangerina em relação a uma laranja, que é a Terra. Quando na sua orbita mais se aproxima de nós, fica á distancia de 65 milhões de kilometros, e o

ponto mais distante da mesma orbita fica a 463 milhões de kilometros. Mas numeros de tão consideravel valor não teem uma significação definida para o entendimento humano. São aproximados, com um erro ahi de uns 180:000 kilometros para mais ou para menos—um argueiro apenas, conforme o dito attribuido ao astronomico Lalande.

¶ O dia martiano tem pouco mais ou menos a mesma duração que o nosso: 24 horas, 39 minutos e 23 segundos. O planeta leva um pouco mais de 686 dias a percorrer a sua orbita á roda do sol, de modo que as suas estações duram aproximadamente o dobro das nossas. A atmosphera de Marte con-

tem muito vapor de agua. Teem-se observado na sua superficie mares, e, nos Polos, grande copia de gelo, que diminue por occasião dos calores estivaes. São grandes as variações de temperatura. Marte recebe apenas metade do calor que nós recebemos do Sol. O sol dos martianos é um disco celeste com metade da grandeza do nosso, e a sua noite é illuminada por duas luas mais pequenas que a nossa—Deimos e Phobos.

O peso de um kilogramma na terra pesaria em Marte uns 375 grammas. Em media, qualquer homem pode com um peso igual ao seu, pouco mais ou menos. Se acaso estivesse no planeta Marte, poderia carregar o triplo do seu peso, isto é, cerca de duzentos kilos.



OS MARTIANOS COMO OS REPRESENTA UM MEDIUM AMERICANO

Um espirita americano pretende ter viajado em espirito ao planeta Marte, e declara haver duas especies de martianos—gigantes descommunes, e outros mais pequenos que marinham velas paredes como moscas.

ções comnosco, deveremos esquivar-nos, sob pretexto de que elles não pertencem ao nosso mundo?

Marte é o primeiro dos planetas superiores, isto é, d'aquelles cuja distancia ao Sol é maior do que a nossa. Possui uma atmosphera cuja composição, estudada ao espectroscopio—maravilhoso instrumento que revela os elementos pela luz que emitem—é semelhante á da Terra. Foi provavelmente em resultado da sua cor sanguinolenta que os antigos consagraram esse planeta ao deus da guerra, e que o celebre romancista inglez H. G. Wells o povoou de monstros hediondos e ferozes.

O seu diametro anda por metade do da Terra, e o seu volume é pois apenas um seti-



O PRINCIPAL DIVERTIMENTO DOS MARTIANOS

É de supôr que os martianos, se acaso existem, possuam uma civilisação muito mais elevada que a nossa. Na nossa gravura, imagina-se um grupo de martianos regalando-se na contemplação de uma scena de ruas, terrestre, cuja representação é reflectida e projectada por um instrumento optico de enorme poder.

O planeta Marte possui todas as condições necessárias á vida. — Os habitantes de Marte é possível que sejam «anjos».

Ao telescópio, Marte apresenta um disco claramente definido de côr vermelha, com manchas mais ou menos brilhantes. As manchas verdes são os mares, e as outras distintamente verdes são os continentes, os quaes, ao contrario do que succede na Terra, são muito mais extensos do que a parte liquida. Finalmente, as porções mais brilhantes são as regiões polares, cobertas de gelos, e as nuvens fluctuantes. A atmosphera de Marte é mais transparente que a nossa, e o seu firmamento é de um azul limpido e brilhante.

As aguas de Marte estão muito disseminadas, limitando-se a mares que bracejam pela terra dentro, ligando-se uns aos outros, umas vezes em curva, mas quasi sempre em linha recta, e que cortam de linhas sombrias a superficie illuminada do planeta, como os pinazios de chumbo que dividem os vitraes na janella de uma cathedral. Essas linhas formam um debuxo intrincado, grosseiramente symetrico, que não parece ter sido obra da natureza. Uma tal regularidade provém, segundo todas as probabilidades, do trabalho do homem martiano; é durante muito tempo os observadores inclinaram-se a considerar essas linhas canaes abertos pelos habitantes para as necessidades da sua civilisação.

Marte possui pois condições analogas ás da Terra, as quaes, na opinião dos sabios, são necessarias e sufficientes para a manutenção e desenvolvimento da vida. A atmosphera é continuamente renovada e refrescada pelas grandes correntes de ar que passam de um para outro lado, o solo tem a agua necessaria para a fertilisação, e o calor distribuido pelo sol é sufficiente para as necessidades humanas.

Camille Flammarion, no seu livro *Uranie*, suppõe que os Martianos são muito superiores a nós, tanto intellectual como physicamente. Possuem sentidos que desconhecemos, incluindo o de ler os pensamentos alheios sem necessidade de communicação pela palavra falada. Seus corpos são semelhantes aos nossos mas *sublimados*, feitos de materia mais subtil, isentos das vis necessidades da alimentação.

Possuem elles, alem dos dois braços e das duas pernas, um magnifico par de azas, que lhes permite voar pelo espaço quando lhes apetece.

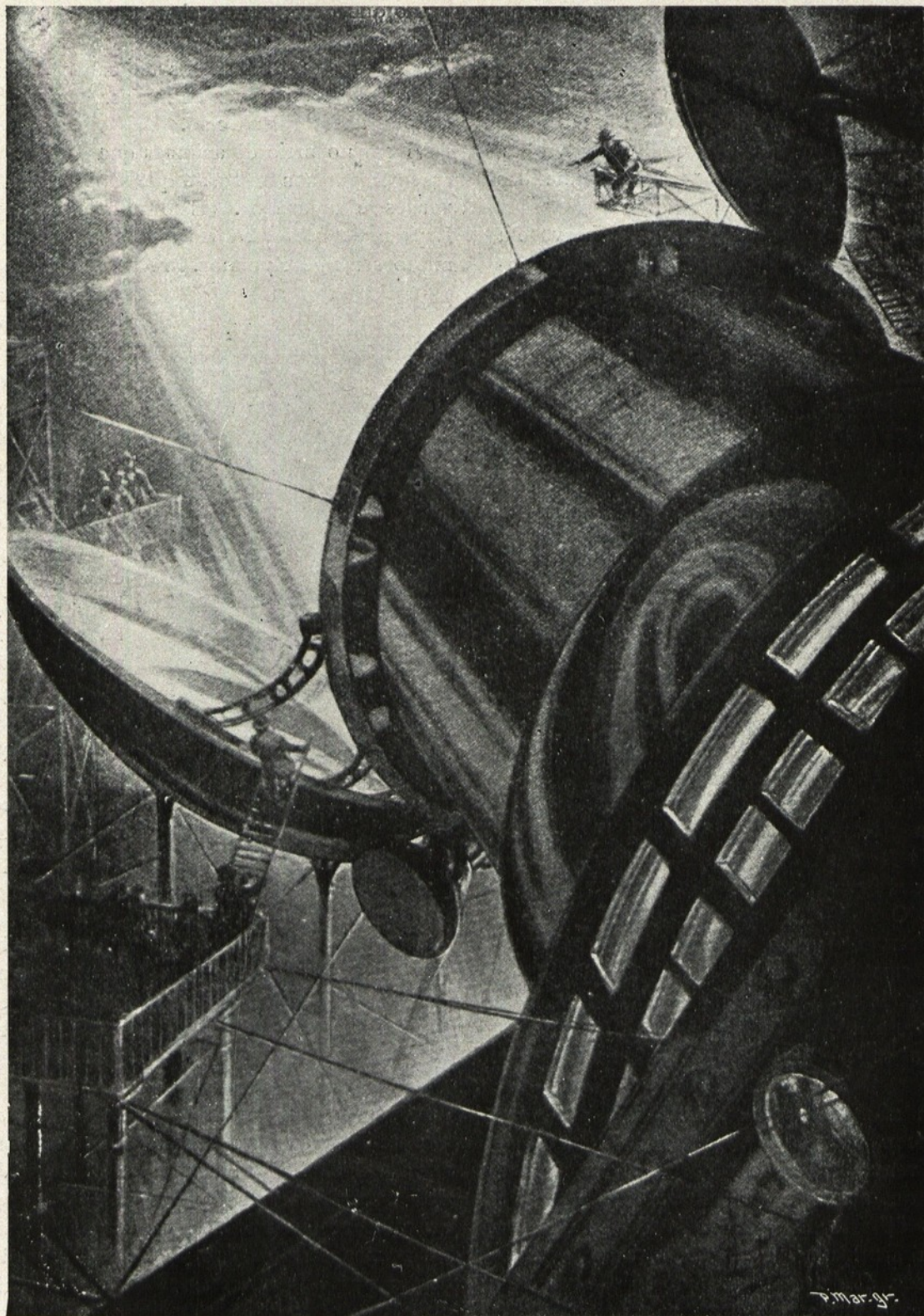
Passam o verão em torno das regiões frescas dos Polos: de inverno preferem permanecer perto do Equador. Sem que os apoquentes a forçada execução de funções indispensaveis á nossa vida, dedicam-se a exercicios intellectuaes. Até certo ponto, são *anjos*. Os animaes superiores do planeta Marte — os quaes, no dizer do sabio francez, emparelham em intelligencia com o homem da Terra (muito obrigados pelo cumprimento) — é que executam todos os trabalhos necessarios.

«Aqui,» disse um Martiano a Mr. Flammarion, n'um *interview* imaginario, «ninguém come nada, nem comeu, nem comerá. Os órgãos nutrem-se a si proprios, renovando as moleculas por um simples processo de respiração como acontece ás nossas arvores terrestres, nas quaes cada folha constitue um pequeno estomago. Vós outros, tendes o sangue a correr pelos vossos corpos. Tendes os estomagos atafalhados de vitualhas. Acaso imaginaes que, com os órgãos grosseiros que possuís, podereis ter idéias sãs, puras e nobres, ou mesmo — permitti-me a franqueza com que vos falo — idéas, de qualquer especie que sejam?»

É provavel que o vermelho seja a côr dominante da natureza em Marte — As hervas devem ser vermelhas!

Mas, se os Martianos fossem os entes ethicos que Mr. Flammarion quer, isentos de anciedades de vida material, contentar-se-hiam com as suas azas como agentes de transporte, e tolos seriam em se cansarem com a tarefa de rasgar os innumerados canaes (alguns dos quaes teem mais de 5.000 kilometros de comprimento e 200 de largura), que não satisfiziam a nenhum proposito concebivel, visto não servirem para o commercio. Por conseguinte, se com effeito existem Martianos — e tudo leva a crer que existam — são indubitavelmente mais civilisados de que nós, mas sempre teem interesses materiaes. Ninguem construiria apenas por passatempo obras tão gigantescas como esses canaes. N'um mundo em que tão sómente se exercitam as funções da intelligencia, os habitantes deixam a terra e o mar taes quaes a natureza os fez.

Com um systema desenvolvido de irrigação, Marte tem uma vegetação luxuriante em que predominam as côres vermelhas, em vez dos lindos verdes dos nossos campos e das nossas



COMO PODEMOS FAZER SIGNAES ATRAVEZ DO ESPAÇO INTERESTELLAR

Os tres pontos luminosos vistos no telescopio, e os tres signaes mysteriosos registados pelo telegrapho Marconi, poderão relacionar-se, e provirão de um planeta povoado por intelligencias superiores de alta civilisação? Teem-se suggerido muitas hyptheses, e talvez algum dia vennamos a saber a verdade. E possivel tambem que algum dia troquemos signaes com os nossos mysteriosos visinhos.

florestas. Suggestem algumas autoridades que o singular phenomeno de duplicação dos canaes, que geralmente apparece nos fins da primavera martiana, a qual nós suppomos ser a estação das cheias, é devido ao rapido crescimento da vegetação no solo fertilisado pelas aguas da innundação. Mas qual o motivo por que essa vegetação só apparece n'uma das margens dos canaes ?

Deve-se portanto suppôr que a herva e a folhagem de Marte são vermelhas. Mr. Flammarion suggeste a existencia de insectos do tamanho de aves, e imagina paizagens suaves e risonhas, sob um ceu brilhante e n'uma atmosfera limpida. Por toda a parte se reflectem côres maravilhosas provinidas de vapores fluctuantes, e alcatifam a terra uberrimas flores enormes e garridas. O ar fino transmite harmonias desconhecidas na nossa esphera mundana.

Um afamado *medium* americano pretende ter recentemente feito uma excursão pelo planeta vermelho, e são numerosas as testemunhas que attestam o transe em que elle cahiu antes de fazer a experiencia. Allega elle ter tido difficuldades de respiração ao atravessar o ether. Ficou quasi tostado ao passar pelas proximidades de um meteoro igneo; d'ahi a pouco quasi ficou regelado nas regiões de frio intenso. Parou no cumê de uma montanha martiana, e viu os habitantes a acenar-lhe. A sua descripção é positiva :

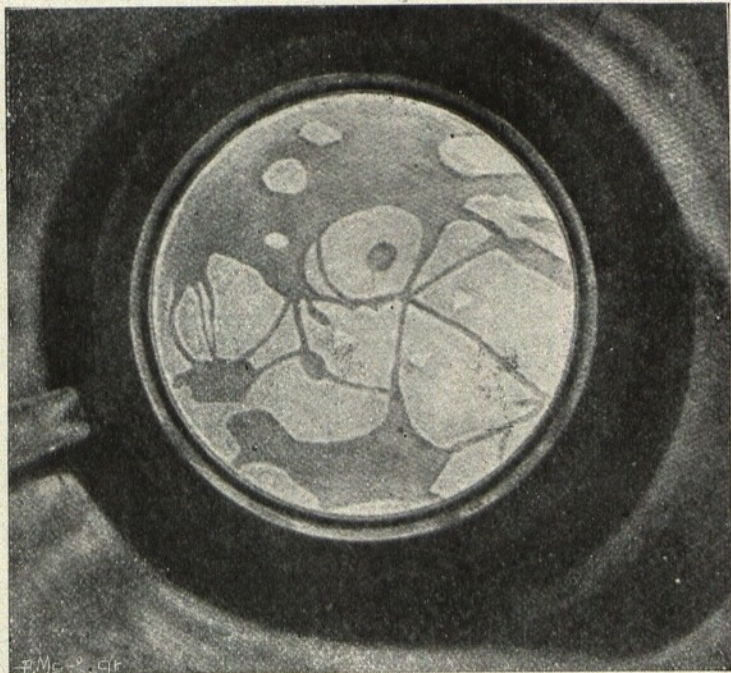
«Ha duas especies de Martianos — uns são gigantes que teem quatro vezes o tamanho do

homem e não usam traje algum, outros são como que uns entes rastejantes, capazes, como as moscas, de andar por paredes verticaes. Teem os olhos dos lados da cabeça, como os cavallos, e, em vez de narizes, teem umas simples aberturas na cara.

Vivem no meio de animaes que em nada se assemelham aos nossos, e que são vermelhos, verdes e amarellos. «Este notavel *touriste*, Leyson de nome, consta que é uma creatura muito seria de 54 annos. Pretende ter feito já

por trez vezes esta extraordinaria viagem, e de cada uma d'ellas tem sonhado as mesmas cousas. Começou a instruir nove *mediums*, que elle tenciona levar comsigo na sua proxima digressão.

Pode ser que fantasiemos. Mas desde que tantos homens de sciencia nos mandam acreditar que existem Martianos, embora seja difficil decidir como elles são, como procedem ou como trajam, será por-



O PLANETA MARTE VISTO AO TELESCOPIO

Os mais poderosos telescopios dão-nos apenas uma imagem imperfeita do planeta, que apparenta a forma de um disco vermelho com manchas brilhantes. O mappa reproduzido é resultado de successivas observações, feitas por astrónomos eminentes. Na superficie do planeta observaram-se em 1901 tres pontos mysteriosos.

ventura suggestão muito arriscada o tentarmos replicar ás mensagens que elles parecem mandar-nos? Como havemos de o fazer? Varios systemas se teem proposto. O mais frequentemente alvitado é levantar em differentes pontos da superficie da Terra, muito distantes uns dos outros, poderosos focos electricos determinando uma figura geometrica, e produzir relampagos quando os signaes venham de Marte. Então, se acaso os Martianos dessem por esses signaes e lhes replicassem, poderiamos nós alcançar a prova da sua existencia e realisar o sonho de fraternidade inter-planetaria.



Recordações da campanha contra o Gungunhana

EPISODIOS E ANECDOTAS

III

A PATRIA HONRAE...

(Concluido do numero antecedente)



ão descançaram muito as duas embarcações, idas para o sul com dispendio de tão arduos labores e inauditos sacrificios. Encorporadas na esquadilha, principiaram com o *Neves Ferreira*, *Bacarmarte*, *Magaia* e *Incomati* as trabalhosas operações. Teria sido quasi impossivel construir-se a rede de postos militares, com que Freire Andrade suffocou a rebeldia, sem o forte e dedicado auxilio da flotilha. D'uma vez a *Sabre* navegava do Incanine para a Xerinda. Arrastava atras de si uma longa cauda de barcos, que tinham servido para estender a ponte de uma a outra margem. Esses barcos deixados em terra, ao sol, durante muito tempo, podiam comparar-se a cestos rôtos. De hora a hora tornava-se necessario estacar para os exgotar; finda esta tarefa, e quando o comboio proseguia na marcha, rebentava o reboque, mais adeante cahia um homem ao rio; os episodios, ora comicos, ora tragicos, isto sempre varejado pelas balas dos negros, succediam-se com arrelhiadora rapidez. Ao cabo de longas horas d'uma lide insana, atracaram á Xerinda, e, quando era licito gosar-se um pouco de folga, a guarnição da *Sabre* foi exhortada a estabelecer uma nova ponte para ligar as duas ribas. Por

este succinto esboço se vê de que quilate eram os serviços prestados pelos bravos rapazes.

De quando em quando vinha um acontecimento jocoso alegrar as agruras d'esta existencia accidentada e fatigante. Uma noite, fundada a *Sabre* a certa distancia do posto militar da Manhiça, um renhido tiroteio despertou os seus tripulantes. Era evidentemente um ataque nocturno.

De bordo tambem queriam atirar; Ivens Ferraz não consentiu. Depois de meia hora de aturada fuzilaria tudo cahiu no mais absoluto silencio. Na madrugada seguinte, recebia o commandante da lancha uma mensagem, pedindo para emprestar, ao posto, o caldeiro das praças para se cosinhar o rancho em terra.

— Então que fizeram aos seus? — perguntou admirado o Ivens.

— O fogo d'esta noite... — balbuciou o emissario.

— Que tem uma coisa com a outra? — insistiu o official de marinha.

— A cosinha fica fora dos parapeitos — explicou o mensageiro; — de noite appareceram uns vultos d'aquelle lado, as sentinellas alarmaram-se, os tiros choveram d'essa banda. Tachos, caldeiras, quantos utensilios havia ali para cosinhar, todos se transformaram num crivo ou se quebraram.

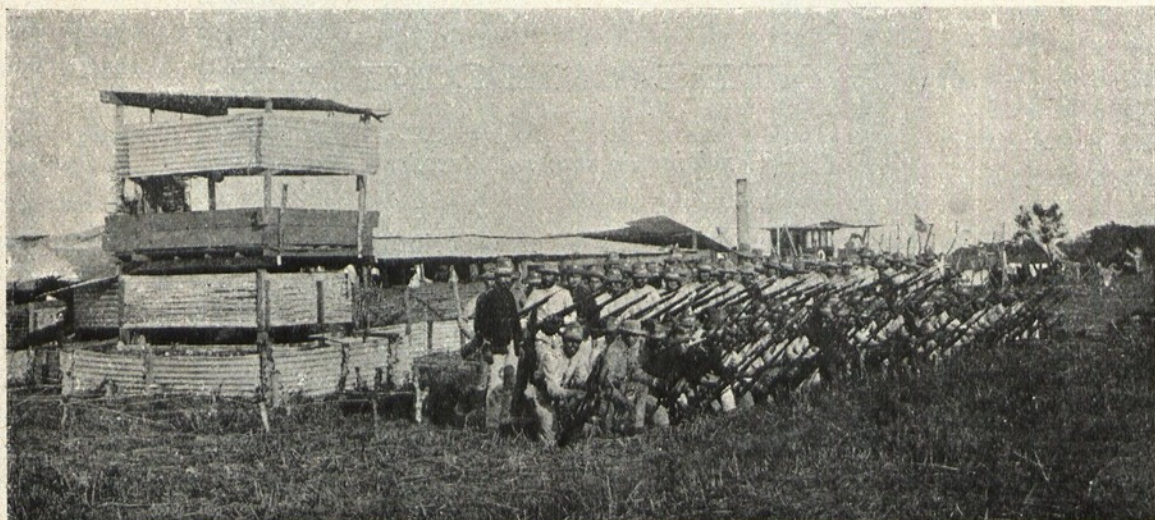
— Ah! percebo — commentou rindo Ivens — voltou-se o feitiço contra o feiticeiro, em vez de damnificarem os negros, prejudicaram-se a si mesmo; agora teem que se sujeitar ás consequencias emquanto não vier novo fornecimento. Comam aos grupos; o nosso caldeiro não chega para todos.

E assim succedeu durantê alguns dias.

N'outra occasião a *Sabre* largou do fundeadoiro com quasi tantos soldados de transporte quantos os que o convés comportava, de pé. Na bahia sobrevém um temporal do sudeste; a lancha oscilla como uma canastra; a carga não podia ser peor para tão critica eventualidade; de subito ergue-se um vagalhão enorme, entra pelo navio a barlavento e varre tudo quanto encontra; os passageiros fogem todos espavo-

sacos, proporcionando aos marinheiros e aos seus amigos de terra farto banquete durante dois dias. N'outra, n'um encalhe do rio, quando é empregada uma estralheira para safar a lancha d'uma restinga, o aparelho incendeia-se e deixa a embarcação a sêcco. Alijam-se do navio todos os pêzos, a artilharia é desmontada, e eis os incançaveis tripulantes mettidos na agua até a cintura, a empregar prodigiosos esforços para arrastar o barco por cima do baixio. N'outra, n'uma fuzilaria aturada da margem, vem uma bala que penetra no mastro, precisamente na tangencia do pescoço de Ivens Ferraz.

Estes perigos, estas aventuras, quasi sempre com um cunho tragico, intercallam-se com caçadas ao cavallo marinho, de carne saboro-



UM EXERCICIO NO POSTO MILITAR DE XINAVANE

ridos para uma banda; a embarcação adorna d'esse bordo de modo assustador. Se vem nova onda nem a intervenção divina lhe pode valer. Ivens toma uma attitude energica e o panico não se repete.

Os episodios surgem todos os dias, marcando com baizas de gargalhadas ou de anceios as phases da campanha. N'uma tarde, o vento de sudeste sopra com tal violencia, que, só o golpe de vista seguro e o sangue frio nunca desmentido da officialidade da *Sabre*, a livra d'um naufragio mortal. N'outra, n'uma viagem a Xinavane, cortada de tropeços, a cada hora, por causa das sinuosidades do Incomati, realisa-se uma caçada aos patos mergulhões, tão ingenuos e tão pouco amedrontados, que se deixam apanhar á mão e enchem saccos sobre

sa, logo retalhada, posta ao fogo e comida, com tentativas para apanhar a laço, á moda dos gauchos, mulas e cavalloos que andavam fugidos da columna expedicionaria, e que após canceiras e invenções, qual d'ellas a mais pittoresca e jocosa, se sumiam e continuavam em liberdade, logrando as armadilhas e as esparrellas preparadas para os colher.

A epopéa da *Sabre* e da *Carabina*, começada na Zambezia, continuada no mar alto e concluida no tortuoso e falso Incomati, tão difficil para a navegação como traçoieiro nas suas subitas e aleivosas acommettidas das margens, é uma das mais bellas e honrcsas da marinha de guerra. Rivalisaram, nos longos mezes da campanha, officiaes e praças, de quem mais corajosa e dedicadamente enalteceria o lemma

gravado nas rodas do leme: «Honrae a patria que a patria vos contempla». Guilherme Ivens Ferraz e Alfredo Caçador, os guarda-marinhas ás suas ordens e a guarnição bem mereceram do paiz, que lhes deve o reconhecimento e o preto rendido a quem tudo sacrifica para o tornar grande e respeitado.

*
* *

Resta-nos falar agora das operações da esquadilha do Limpopo, de fundamental alcance para a prestigiosa conclusão da campanha e causa determinante do aprisionamento do famigerado potentado de Gaza, régulo Gunguhana.

O vapor *Neves Ferreira*, commandado então pelo intrépido primeiro tenente Francisco Diogo de Sá, que tinha por immediato o segundo tenente Valente da Cruz, partiu para o caprichoso Limpopo na noite de 20 de agosto. Só quem conhece a pérvida barra d'esse quasi impenetravel curso d'agua, é que faz bem idéa de quanto o seu ingresso se torna arriscado. Os naufragios ali, n'aquella successão de parceis, de baixos, de cabedelos, agglomerados com paciente malevolencia,

como se algum mau genio quizesse sequestrar essa via fluvial ao convivio do mundo culto, contam-se por muitas dezenas. Durante largo tempo foi abandonado o projecto de estabelecer para ahi communicações maritimas. Os transportes terrestres, em circumstancias normaes, levavam, pelo menos, vinte dias. O habil capitão Marron, para quem a barra era tão familiar como a casa em que moramos, lá perdeu o seu cutter com quantos haveres possuia. Descrever as catastrophes originadas pelas más condições naturaes d'aquelle estreito e enredado corredor, significa historiar a quasi completa serie dos sinistros maritimos do sul de Moçambique.

Em fins de agosto era rebocado pelo *Neves Ferreira* a *Capello*, do commando do primeiro-tenente Alvaro Andréa, official pertencente a

uma geração de impávidos e habeis marinheiros, com o auxilio do vapor *Fox*. Foi um lance dramatico e arrojado essa entrada. Diogo de Sá, narra-o succintamente n'este periodo do seu relatorio: «Chegado á entrada do canal, sempre com a *Capello* a reboque e o *Fox* navegando nas nossas aguas, retrocedi e puz a prôa ao mar a fim de tentar a manobra de arriar para dentro a lancha sobre uma espia. Achava-me, é claro, em cima da ponte, e n'essa occasião acompanhado pelo primeiro-tenente Andréa e pelo meu immediato, e, apoiado na opinião affirmativa d'estes officiaes, e parecendo-me a barra ténivel nas circumstancias críticas em que nos achavamos, resolvi entrar. O *Fox* havia retrocedido tambem, e um dos viradores de reboque rebentara quando o *Neves Ferreira* aproara ao mar e a lancha dera um

grande esticção. Assim, a toda a força do vapor, empregando o azeite para abater o mar, procuramos o azimuth da entrada, pois não era facil conhecel-a por haver rebentação em toda a barra, e pelas duas horas e meia entrámos com a lancha a reboque e o vapor *Fox* nas nossas aguas. O *Neves Ferreira* ainda chegou a assentar no fundo momentaneamente, mas novo rôlo de mar nos fez



UMA ATALAYA NO INCOMATI

transportar a barra e entrar no rio, vindo a *Capello* simplesmente amarrada por um dos viradores». O caso esteve serio e até muito serio.

Quando o *Neves Ferreira* lavrou a areia do fundo com a quilha, os tres officiaes que se encontravam na ponte trocaram rapidos e anciosos olhares entre si. Pensavam, e baseados em bom raciocínio, que a *Capello*, em virtude da velocidade adquirida, se precipitaria como um bloco formidavel de encontro ao vapor, e que as duas embarcações se despedaçariam ali como frageis chapas de vidro. Poupou-lhes esse afflictivo transe um verdadeiro milagre. Sobreveiu um vagalhão enorme, que, animado de bravía, mas de salutar fereza, os arremessou para dentro do rio, sem mais avarias que alguma louça partida e diversos trambulhões nos menos peritos em se equilibrar.



GUARNIÇÃO DO POSTO MILITAR DE XINAVANE

Principiou logo o trabalho para acabar o armamento da *Capello* que não ia completa. A actividade dos officiaes era febril. O labor crescia a olhos vistos. N'este meio tempo o *Neves Ferreira*, no dia 9 de setembro, effectuou um reconhecimento até os bancos do Chai-Chai. Á custa de muita cautela e pericia subiu até o Languene. Nunca ali surgira embarcação de tamanha tonelagem. Fôra uma proeza, que deixava boquiaberto o gentio das margens, e que representava um triumpho moral, de incalculaveis resultados para o pleito que as nossas forças de terra e mar ali defendiam.

Em começos de outubro iniciou a esquadriha do Limpopo as operações com toda a energia de que era susceptivel o animo denodado da sua officialidade. A 26 de setembro navegara a *Capello* até a ilha Verde, onde se demorou algumas horas n'um tredo encalhe. Durante a noite o gentio, que declarava em altos brados pertencer ao Gungunhana, brandiu armas e azagaias, ameaçando exterminar quem quer que ousasse saltar em terra. A canhoneira explorou o rio durante cinco dias sem ser hostilisada. A 4 de outubro voltou a *Capello* e o *Neves Ferreira*, então já com instrucções que permittiam aos seus commandantes procederem mais desafogadamente. Sá e Andréa intimaram os régulos das terras marginaes a entregar os chefes rebeldes. As respostas d'estes foram evasivas, mas mansas. Ambos lhes deixaram o ultimatum de que, se a entrega exigida não se effectuasse dentro de oito dias, os canhões de bordo arrazariam quanto se apresentasse ao seu alcance.

As guarnições das lanchas, sustentadas a carne e peixe salgados, careciam d'um alimento mais hygienico. Em terra pascia excellente gado, mas os negros negavam a pés juntos que possuissem a minima coisa para ceder aos brancos.

— Então vocês — dizia o tenente Sá por intermedio do interprete, na manha de 9, a um *induna* — não se resolvem a vender-nos refrescos?

— Não temos nada, molungo, pois tu não vês?

E ao longe mugiam os vitellos e balavam os cabritos.

— Não vejo, mas ouço, e como confio na tua palavra honrada — redarguiu-lhe o official de marinha — vou dar-te uma prova da minha confiança.

E fez um signal aos homens armados que levara comsigo. Estes, acercaram-se dos animaes que lhes pareceram melhores, apanharam duas vitellas e conduziram-nas para bordo. — Quanto custam? — perguntou Sá.

Só lhe responderam murmurios, tão baixos e tão por entre dentes, que não se conseguia distinguir se eram insultos se queixumes.

— Ninguem responde?! — continuou o commandante após uma breve pausa — Avalio os dois vitellos em tres libras, ellas aqui estão.

Como nenhum braço se estendeu para receber o dinheiro, Diogo de Sá atirou com as tres moedas para o chão e voltou para bordo com todo o socego. Apenas elle desapareceu logo os negros se atiraram ávidos sobre as refulgentes effigies da rainha Victoria. Não cahiam em si do pasmo que lhe causavam esses inimigos, tão generosos e tão differentes dos amigos, emissarios do Gungunhana, que até pagavam as suas prêsas.

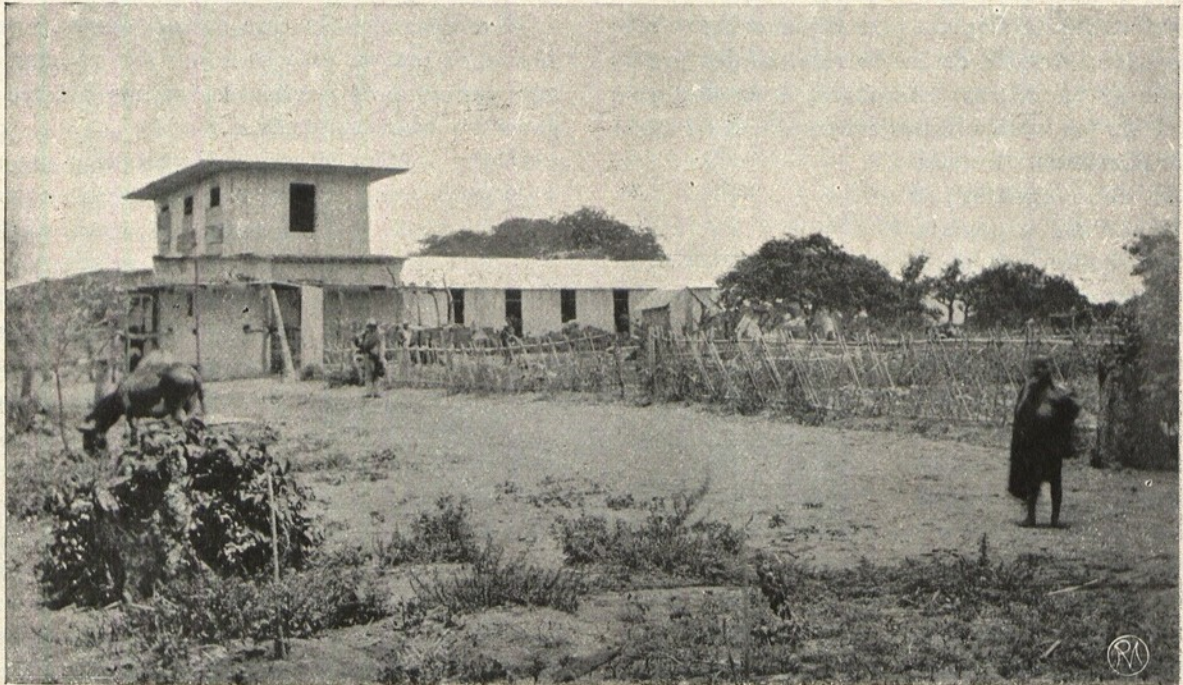
A 14 partiu a *Capello* para tornar effectivo o ultimatum. Alguns pseudo-embaxadores celebraram com Diogo de Sá varias conferencias, mas como não traziam nada de positivo, nada alcançaram. Na manha de 16, não tendo sido entregues nem o Mahazulo nem o Zichacha, cahiram as primeiras granadas do *Neves Ferreira* nas povoações do Languene. O commandante, sempre cavalheiresco e humanitario, não consentiu que o bombardeamento incidisse onde se avistavam mulheres e creanças. A' noite pairava sob uma vasta zona um enorme e sinistro clarão. As labaredas vermelhas, hirtas, a prumo, aniquilavam n'um incendio lento e devorador as povoações, as colheitas, os pastos, os haveres d'alguns milhares de

indigenas. De terra, o gentio d'essa região fugira acobardado.

A *Capello* encontrou mais symptomás de resistencia. Ancorou n'um ponto onde lhe era facil bombardear dois povoados consideraveis, e na tarde de 15 desembarcaram os seus dois officiaes para explorar o terreno proximo. Houve ameaças da parte dos negros. Na manhã immediata appareceu a praia coalhada de gente, fazendo grande alarido. Alvaro Andréa intimou-os a retirarem-se. Quedaram-se e motejaram da intimação; convenceu-os então a metralhadora que só permittiu na riba

minio para as duas margens do Limpopo. Da acção, simultaneamente energica e prudente dos seus commandantes, resultou a pacificação d'um amplissimo territorio e d'uma população avultada. Pouco a pouco os insurrectos foram submettendo-se ao dominio de Portugal, convencidos pela linguagem eloquente dos canhões-revólveres e pelo valor nunca desmentido dos bravos marinheiros.

No dia 18 foi acommettida a povoação da irman do Gungunhana. Valente da Cruz á frente de *trinta e seis homens*, levou tudo quanto encontrou deante de si. A rainha, a requestada



POSTO MILITAR DA MANHIÇA

aqueles que nunca mais se levantariam. A esta primeira demonstração, succedeu o desembarque de Valente da Cruz, com apenas oito praças, que destruíram o covil dos insubmissos vassallos do Gungunhana, e que, mais adeante, n'um d'estes arrojos que farão sempre pasmar a posteridade, topando com uma manga, de cerca de duzentos rebeldes, a obrigou a depor as armas e a dispersar. Os poucos insurrectos que não obedeceram puniu-os uma descarga mortífera. Era curioso ver entrar a bordo o exiguo grupo dos portuguezes carregado com os despojos de mais de cento e cincoenta guerreiros.

O *Neves Ferreira* e a *Capello* foram durante largo periodo pavorosos symbolos de exter-

e coxa Bafú, deliberára não esperar pelos portuguezes, nem ella nem a sua côrte, nem o seu povo. Só se encontraram quatro negros e dez mulheres. A estes, fez Diogo de Sá uma prédica, por intermedio do interprete, ácerca dos males que adviriam se a guerra continuasse, e mandou-os em paz para apregoar aos conterraneos o futuro que os esperava. Este facto, e ainda mais uma lição severa inflingida por Alvaro Andréa ás povoações da ilha Verde, e parallelamente a segunda expedição, por terra, de Freire de Andrade ao Magul, tinham asphixiado a rebeldia dos landins e dos vátuas no districto de Lourenço Marques.

O combate de Coollela e o incendio do *manjacase* converteram o quasi omnipotente

regulo de Gaza n'um banido, que fugia de terra em terra, com tanto medo dos portuguezes, seus inimigos, como dos vangonis e tongas seus vassallos. Preferia entregar-se o Gungunhana aos primeiros, que, convencera-se, lhe poupariam a vida, a continuar a ser defendido pelos segundos, de quem temia a ambição e os instinctos sanguinarios. A vigiar o Limpopo ficara só a *Capello*, pois o *Neves Ferreira* demorara-se no rio do Espirito Santo a concertar as avarias até 15 de novembro. Ahi Alvaro Andréa procedeu com os indigenas com a mais elogiosa diplomacia. Na obra de pacificação, iniciada tão brilhante e intrepidamente por Francisco Diogo de Sá, proseguiu o commandante da *Capello* com o maior tino e zelo pratico. Armou cerca de tres mil dos pretos que se bandearam conosco, e, entre elles e as forças vatuas houve escaramuças de certa importancia. Persuadiu os regentes do Chai-Chai a mandarem gente sua apresentar-se ao coronel Galhardo, e soube assim, e participou telegraphicamente para Lisboa a derrota do Gungunhana, primeiro que o commissario régio.

O trabalho de Alvaro Andréa foi enorme até o fim da campanha. Expõe o illustre official de marinha, n'uma serie de interessantissimos artigos, escriptos nos *Annaes do Club Militar Naval*, até que ponto, elle e os seus denodados camaradas e corajosos subordinados, concorreram para a captura do Gungunhana. Eis como termina uma parte d'esse primoroso e elucidativo estudo:

«Começava o Gungunhana a cumprir as intimações que tinha recebido, pois o regulo do Chai-Chai affirmava que elle queria tambem mandar o Mahazul o (regulo da Magaia) para tratar depois de vir elle proprio pedir perdão e avassalamento.

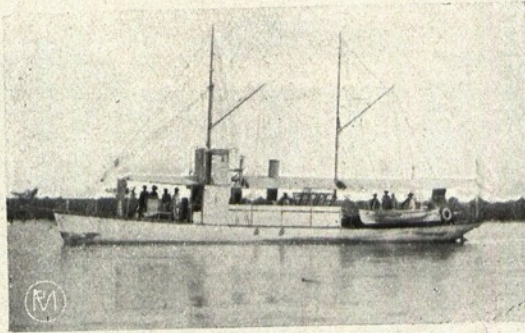
«Percebia-se o plano, os dois chefes rebeldes primeiros causadores da guerra, enviava-os elle á frente para lhe servirem de pára raios. onde julgava se descarregaria toda a colera dos por-

tuguezes, fulminando-os logo que nos fossem entregues.

«E então, forçado só pela triste situação em que o tinham lançado as nossas victorias, viria elle, humilde e constricto, arrastar-se a nossos pés, a titulo ainda de cumpridor (tardio) das ordens do commissariado régio, fazer os seus protestos de eterna fidelidade a troco da sua vida,—que a do filho e a dos tios talvez pouco lhe importassem,—e implorar que o deixassem cultivar em paz as suas terras, desejo que já tinha manifestado e continuava a manifestar.

«Suppunha elle que uma vez ao alcance de mãos portuguezas, tornaria a ser livre e grande!

«Era uma illusão que cuidadosamente nos tinhamos sempre esforçado por lh'a não desfazer nunca, pois a considerávamos indispensavel ao bom exito final.



A LANCHA «INCOMATI»

«Passou-se o dia 14 de dezembro e nenhuma confirmação official recebemos ácerca da entrega do Matibejana em Languene.

«Amanheceu e decorreu parte do dia 16 e nada! Extraordinario!

«A chegada do *Neves Ferreira* pela tarde d'esse dia, ia tirar-nos de apuros por

uma forma que na realidade se tornava bem urgente.

«Trazia elle o carvão porque tanto suspirávamos para podermos trabalhar á vontade, mas com a sua chegada ia mudar completamente a situação no Limpopo.

«Tinha sido creado um governo militar nas terras de Gaza, as quaes ficavam em estado de sitio.

«A nossa iniciativa tinha de parar; a outrem pertencia levar a cabo o que se havia planeado, como e quando melhor fosse entendido.

«A nossa missão cifrava-se no seguinte trecho das instrucções, que então nos entregava, por ordem superior, o segundo tenente Magalhães Ramalho, novo commandante do *Neves Ferreira*.

«A bordo do vapor *Neves Ferreira* vae Sua Ex.^a o governador militar das terras de Gaza,

capitão Mousinho de Albuquerque, a quem V. Ex.^a prestará todos os auxilios.....»

«De então em diante cumprimos as ordens recebidas, e respeitando sempre a ordenança geral da armada, procedemos com a mesma boa vontade, que sempre temos empregado nas differentes commissões de serviço que temos desempenhado.»

*

* *

Não desejaríamos concluir este succinto esboço, sem nos referir, em breves palavras, ao tenente Pinto Roby, outro distincto official de marinha que sacrificou a vida em prol da honra militar e do pundonor da corporação da armada.

Depois de commandar varias canhoneiras na Zambezia, de bem cumprir o seu dever de marinheiro no Oceano e de soldado em terra, em varias escaramuças, fez parte da companhia de desembarque, commandada pelo primeiro tenente Alberto Costa, junto com o tenente Alves Dias e guardas-marinhas Fernando de Magalhães e Barbosa Casqueiro no combate de Macontene, epilogo definitivo das operações do Gungunhana, onde foram destroçadas as forças rebeldes do Maguiguana. A intrepidez com que se portou na sangrenta conjuntura valeram-lhe os mais levantados elogios de Mousinho de Albuquerque e das instancias officiaes.

Terminada a sua estação em Africa, Pinto Roby e o medico naval Manuel da Silveira, de regresso á metropole, aportaram a Mossamedes. Preparava-se ahí a expedição contra os cuamatas. Ambos se alistaram n'ella. O primeiro levado pelo seu espirito irriqueteo de brigão cavalheiresco, o segundo, ao que se affirma, para esquecer no mais santo dos apóstolados da sciencia íntimos soffrimentos que lhe magoavam a existencia.

E' demasiado cedo para fazer com absoluta imparcialidade a historia d'esse desastre, que, cobrindo de crepes as armas portuguezas, enluctou immensas familias. Narraremos apenas a morte do desventurado tenente, segundo uma carta que nos parece conter a narrativa exacta da horrenda tragedia.

A força portugueza formara quadrado e descançou. Aproveitando este repouso seguiu um pequeno troço de cavallaria a explorar o terreno. Levava á sua frente o capitão Moraes e o tenente Pinto Roby, montados em mulas, que

se distanciaram do piquete explorador. Entram n'uma clareira onde existiam duas embalas. Surgem cinco pretos armados de azagaias. Lembram-se os dois officiaes de os aprisionar e atiram-lhes com as muares para cima. Quatro dos negros fogem; o quinto resiste. O capitão Moraes toma-lhe o passo e brada-lhe, na sua lingua :

— Não fujas !

O indigena estaca, Moraes vae para lhe deitar a mão, mas o velhaco, n'um movimento célere, vibra-lhe uma azagaiada ao peito. O capitão, furioso pela dôr, despede-lhe uma cutilada e corta-lhe a orelha direita. Acode Pinto Roby, o cuamato repete a aggressão e fere o marinheiro, ao de leve, na mão. Ouve-se um tiro e o rebelde tomba morto. Fôra um soldado de cavallaria que o prostrara. O combate singular e o tiro tinham chamado a attenção do quadrado. Este approxima-se. Começa então, furiosa, a lucta. A primitiva formatura em bloco é abandonada e estendem-se algumas linhas de atiradores. A cavallaria pronuncia uma carga, que se mallogra pelo abrigo que os contrarios encontram nas cubatas. Eram sete e meia da manhan.

Das povoações chovem sobre os europeus aguaceiros consecutivos de balas. Eram cerca de dez mil negros contra um punhado de brancos. As munições principiam a escassear. Na face da frente, na que supporta mais mortiferamente o embate do inimigo, raréa o fogo. Então, nunca se averiguou muito bem, se por imprudente arranco de bravura, se por necessidade de desafogar esse lado, se para poupar a polvora, os pelotões do batalhão disciplinar, de baioneta armada, seguidos por alguns soldados indigenas, arrojam-se, precedidos pelo tenente Ferreira, n'um impeto heroico sobre os adversarios, cem vezes mais numerosos, que elles. Os pretos cedem e são levados de roldão até mais de cem metros. Para cumulo de infelicidade, durante a carreira, os poucos cartuchos que restam aos brancos saltam fora das bolsas abertas.

Após algumas horas de pugna renhida estavam por terra a maioria dos officiaes, dos graduados e ainda uma boa parte do effectivo do batalhão. O cartuchame exg tara-se de todo. O momento era dos mais afflictivos que podem alancear homens dispostos a morrer. O que restava d'esse punhado de valentes agrupa-se em redor do unico cabo sobrevivente, até que este cae tambem. Então, des-

ordenado o pequeno bando, retira sobre o grosso do quadrado, já então com fraca consistencia e com sinistros e significativos intervalos nas suas fileiras, e brada:

— Mais polvora! Forneçam-nos munições ou morremos todos!

Os rebeldes, embriagados com a victoria, com a perspectiva feroz do morticínio, tornavam-se de momento para momento mais audazes.

A companhia européa cedera a muitas instancias dois chapéus de cartuchos aos restos do batalhão disciplinar. Durante segundos houve um certo recrudescimento no fogo, mas o inimigo não afrouxava, pelo contrario, cada vez estreitava mais, nas suas possantes alas de muitos milhares de homens, o minguido quadrado, que não tardaria a ser asphixiado.

O capitão Moraes suggeriu ao seu collega Pinto de Almeida a necessidade de retirar. A companhia européa cobriria o movimento de retrocesso, que se effectuaria por lanços, em ordem, regularmente. Resoou um toque de corneta, mal distincto no meio da confusão e do alarido do prélio. Ao mesmo tempo, em logar das vozes de commando, precisas, nitidas, energicas, dadas n'esse tom que a disciplina obriga logo a obedecer, ouviu-se a phrase desmoralisadora:

—Vamo-nos embora!

Foi d'um effeito fulminante, escreve uma testemunha ocular do triste acontecimento, este *Vamo-nos embora!* As faces lateraes do quadrado oscillaram um momento e desconjuntaram-se como dois velhos muros que desabam. Os soldados indigenas perderam a forma e refluíram sobre a companhia européa, fugiram depois em todas as direcções por onde lhes parecia poderem escapar á chacinna; o gentio viu a desordem de relance e cahiu em massa sobre o quadrado. Envolveram-se os soldados com o gentio, n'uma

lucta corpo a corpo, infalivelmente desastrosa para nós.

«O campo era um misto confuso de negros, saltando como leopardos, brandindo a azagaia terrivel, a machada fulminadora e até o modesto porrinho; de soldados pretos, desorientados, mal se defendendo da morte, procurando escapar á arma aguda do cuamato; e de praças brancas furiosas de raiva, sem esperanza de salvação, mas querendo morrer devagar, entre os destroços sangrentos dos inimigos, preferindo a morte ali em terra ingrata, onde os corpos serviriam de pasto aos abutres, á morte lenta, entre agonias monstruosas nas aldeias do gentio vencedor. Só a companhia européa conseguiu manter-se serena e resoluta. O tenente Rodrigues que estava á frente d'ella, clamava:

« — Quem não tem commando, venha para aqui!

«Iniciou-se a retirada. Para que não fosse muito precipitada e confusa, Pinto Roby tomara, n'uma galopada, um ponto distante do caminho por onde haviam de passar. Se a soldadesca debandasse, elle a procuraria conter. Mas tal não se deu apesar de irem cahindo ora um, ora outro, n'esse tracto angustioso. Encontraram por fim o tenente Pinto Roby. Estava sentado n'um tronco de arvore, com a montada ao lado. Chorava. O capitão Moraes suppol-o ferido e perguntou-lhe:

« — Que tem?

« — Isto é a maior das vergonhas, camarada!

« — Deixemo-nos d'isso agora — respondeu o capitão — ajude-me a conduzir esta gente.

«Elle então, n'um impeto, saltou para a sella, e, sem dizer palavra, voltou-se de frente para onde o gentio mais avultava, esporeou o animal, e, de espada em punho atirou-se para a massa dos negros, á cutilada, como um furacão terrivel. Seguiu-o



OUTRO ASPECTO DO POSTO MILITAR DA MANHIÇA

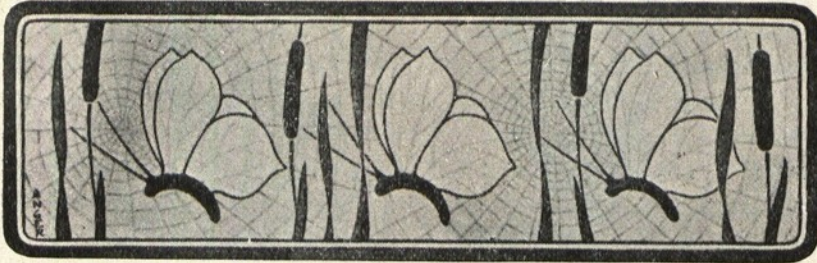
um cabo de dragões, n'este heroico e perdido rasgo de valentia.

«Foi este cabo, que conseguiu escapar, quem trouxe a noticia da sua morte e o revólver do intrepido official de marinha, que entregou ao capitão Moraes».

O medico Manuel da Silveira morreu mais

tarde, depois de curar muitos ferimentos. Ambos tiveram o fim glorioso dos martyres, que succumbem por esse supremo ideal chamado patria, e que a armada tão alto e com tanto fulgor tem sabido e querido enaltecer em todas as épocas e em todas as circunstancias.

EDUARDO DE NORONHA.



VISÃO CRUEL

A VICENTE ARNOSO

Dourados fios da existencia incerta,
Onde passaes, na complicada trama,
Que aqui nos prende entre a comedia e o drama,
Lançando a todos na cruel referta?

Vós existis; porém a mão que aperta
A teia immensa que um a um nos chama,
E o proprio sangue ao coração reclama,
É feita d'outros — dos que a Dôr desperta...

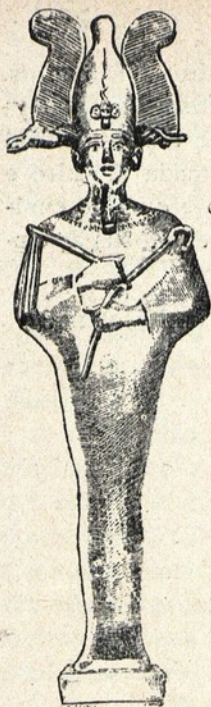
E assim debalde, visionarios, loucos,
Vamos seguindo pela estrada, aos poucos,
Á vossa busca, appetecidos fios!

Vae-se a frescura, e tu, Outono, avanças,
Mas ai, até aos que inda são creanças,
Se sois dourados, só par'ceis sombrios...

Affonso Vargas.

A música do Egipto

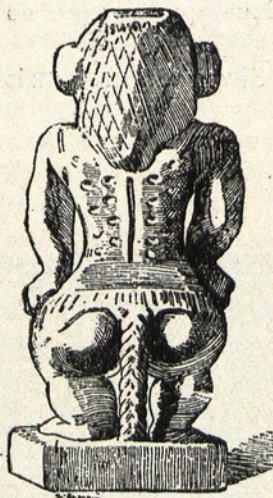
no tempo dos Faraós



OSIRIS



O DEUS BÈS
Bronzes do Louvre



ÍISIS-HATOR

A meu saudoso Pai, G. de Vasconcelos Abreu

DESDE criança que tive sempre certa predilecção pelo Egipto, aonde nunca fui, mas aonde a fantasia me transporta muita vez.

Toda a arte egípcia, seja qual fôr o modo porque se manifeste, prende-me de veras a atenção, talvez com maior interêsse do que a arte sem especializar nacionalidade, nem época.

Impõe-se-me sempre o Egipto pela architectura, pelas ideas religiosas e pela antiguidade da sua extraordinária civilização — o maior mistério da História — extraordinária no mais remoto passado que lhe podemos sondar.

Nos monumentos egípcios, pirâmides e outras fórmulas de túmulos, colunas, ruínas architectónicas de qualquer espécie, lêem-se em hieróglifos, documentos de usos, costumes, práticas civis, práticas religiosas de um povo, que na mais remota antiguidade foi educador de povos, de cujas crenças fizemos as nossas crenças e ainda daquele povo de cuja linguagem fizemos a nossa linguagem: do Egipto nos vieram pelos fenícios e pelos gregos as letras roma-

nas da nossa escrita, lendas, tradições, leis religiosas, leis civis, embora indirectamente, e até iconolatria de assunto exclusivamente egípcio.

De documentos architectónicos, dos túmulos, das inscrições e dos papiros, alguns de milhares de anos antes da nossa era, e do testemunho de autores clássicos se tira o conhecimento que temos dos instrumentos musicos do Egipto, nomes e formas dêles, circunstâncias em que se empregavam. Felizmente alguns exemplares possuímos em museus, pelos quais podemos ratificar e melhorar sempre a conjectura em que ficamos pela imagem que nos dão os documentos indirectos.

Terá sido o Egipto o berço da arte musical?

Não se pode nem afirmar, nem negar. Em absoluto é claro que o não foi: a música é exteriorização do sentimento humano, e tal sentimento e tal exteriorização é do homem, qualquer que seja a raça de que provenha, o lugar a que esteja adstrito, e até em grau inferior de cultura social.

Mas a música, arte cultivada pelos



TOT
Barro esmaltado
de Louvre

povos que mais convergiram para o litoral mediterrâneo, naquela parte oriental dêle, onde desde remota antiguidade esteve o foco da civilização do Mundo, quem a trouxe à vida?

Também não nos sabemos. A Bíblia diz-nos que os descendentes de Caím foram os primeiros a praticar a arte musical, e que Jubal, filho de Adá, foi o pai dos que tocam *instrumentos de corda e instrumentos de foles*. Entre os cartagineses, Jubal filho de Adá (*a beleza*) é o inventor da música.

No Egípto a tradição religiosa diz-nos que a invenção da música e dos instrumentos de música, e a invenção da dança são obra de três divindades. Tot (a que por vezes à maneira grega se chama Hermes), Osíris e Maneros. Hoje sabe-se que Maneros não era divindade nenhuma e que Heródoto (1) e Pausânias (2) tinham acertado afirmando que era o nome de um canto lúgubre, qual o de Lino na Grécia.

Além dos dois deuses Tot e Osíris tinham os Egípcios mais a deusa da música e da beleza Ator, ou Hator, cujo templo era afamado em Téntira, a cidade do Alto Egípto, hoje chamada, por nome derivado daquêle, Denderah, e Bés, o horrendo marido de Hator, disforme de beiços e feição e em todo o corpo: anão, bojudo e cambaio; adorado porém, mais popularmente do que qualquer outra divindade, no campo, na cidade, de sul a norte, em toda a parte sem templo, nem lugar exclusivo, mas no interior das casas, no seio das famílias, em todo o Egípto. Na XII dinastia a popularidade do deus Bés era absoluta, e continuou a manter-se em certo grau de grande preferência até a época romana: foi então que a arquitectura elevou o deus Bés à dignidade de o representar por cima das colunas do templo de Mameisi em Denderah (3).

Das quatro divindades da música, Tot, Osíris, Hator, Bés, devemos por certo excluir Osíris. Os egiptólogos em geral assim o fazem, porque Osíris era uma divindade do reino dos mortos e nunca o seu nome foi encontrado como deus da música, antes pelo contrário, sabemos que no culto de Osíris não se admitia música. O motivo de se dizer que Osíris era padroeiro da música estava em que os gre-

gos confundiam Osíris com Baco, o deus, na mitologia grega, da alegria, da gárrula ebriedade, da graça faceta e da dança que não observa compasso, nem decoro. Talvez devamos ainda excluir, se não em absoluto, de certo modo porém o deus Bés: êste era, como o deus Marte, marido de Vénus, mais deus da guerra, do que deus propriamente da música; teve êste atributo por motivo da música guerreira e por ser o marido de Hator.

Ficam pois as divindades da música, no Egípto, propriamente Tot e Hator, e Tot considerado como inventor da música, da fala e da escrita, era grande sabedor, matemático, astrónomo e médico.

A principal localidade em que se estudava a arte musical era Téntira (Denderah). Dalí saíam para outras partes os melhores músicos e as mais graciosas bailadeiras (dançarinas e cantoras).

*

Da música no Egípto pouco se pode afirmar em consciência, porque os Egípcios não nos legaram música escrita, se alguma vez a escreveram.

Em tantos milhares de representações feitas nos túmulos nota-se que nenhum músico tem exemplar por que se guie, em que esteja escrita a parte que êle executa; e por essas mesmas representações se vê que a musica ocupou lugar importante no culto religioso, nas cerimónias fúnebres, em festas reais, em festas particulares, em íntimas reuniões e em festas públicas.

Teriam êles por certo manifestado vocação musical, que poderíamos hoje apreciar, se as conveniências sociais e muito principalmente os preceitos religiosos não inperassem contra as expansões artísticas-musicais; não era a religião que impedia o culto da música, mas sim os sacerdotes, que a queriam como propriedade exclusiva; foram êles os maiores cultores da música no Egípto: todos os templos tinham orquestra.

A música aprendia-se de ouvido; nem mesmo os melhores intérpretes tinham idea de harmonia; aprendiam pela prática da execução, transmitiam a composição musical pela passagem desta ou daquela inspiração ouvida e de ouvido executada; transformavam-se lentamente as músicas, porque o ouvido do egípcio devia de ter sido muito apurado e seguro a calcularmos pelo que se conhece dos indí-

(1) I, 79 trad. de Rawlinson.

(2) IX, 29 trad. de Frazer.

(3) Flinders Petrie, Egp. Decor. Art. pag. 116.

genas actuais. Dava-se muito merecimento ao artista-compositor; se a sua inspiração encontrava bom acolhimento, era chamado a diferentes lugares onde se celebravam festas; com êle ia o bando que dirigia; a obra era apreciada e a execução, para melhor o artista, era remunerada com largueza.

Podemos concluir das representações que existem, que as músicas eram apropriadas ao fim a que se destinavam; era vocal e instrumental a música religiosa; a calcularmos pelos cantos actuais e pelas relações indirectas que possuímos, o character devia de ter sido acentuadamente triste: a música era executada por sacerdotes.

Em enterros, quer de pessoas reais, quer de pessoas gradas, eram as músicas plangentes e doloridas acompanhadas pelo som monótono do tamboril, vozes clamorosas de carpideiras, que ao mesmo tempo que elogiavam o morto o pranteavam em altos gritos, e se iam cubrindo com a poeira do caminho.

Outro género de música havia completamente diferente; não tinha a tristêsa, a unção, o lamento acentuado; era alegre e animado para a dança, ou sereno e amoroso na poesia lírica, de sentimento e paixão para desafôgo de alma.

Os egípcios ricos davam grandes festas, e um dos principais atractivos nestas festas era a música e a dança; tinham audições de solos de teorba ou mandura, espécie de guitarra, acompanhados de canto; tinham quartetos, quintetos de diversos instrumentos; córos de homens acompanhados de harpas; organizavam verdadeiros concertos. Durante as refeições também tinham música e dança, em que empregavam harpas, tamboris, flautas e duplas-flautas; nos actos mais íntimos também havia música, pois que o tempo que uma dama egípcia levava a vestir-se e a tocar-se era preenchido com melodias; há uma pintura em que ao lado da figura de mulher amamentando uma criança se vê outra a tocar guitarra, e mais uma que parece cantar e bater o ritmo com as mãos; leva isto a concluir-se que a música entrava nas mais íntimas occupações.

Nas habitações reais os Faraós tinham música vocal e instrumental, para entretenimento próprio e para o culto religioso, e um funcionário do Estado, especialmente, encarregado de superintender neste serviço, a quem conferiam o título de *intendente do canto e recreio do rei*, como diz Chabas, e ao qual

podemos comparar o *fonasco* grego e o *pre-centor* romano.

Havia escravos expressamente educados na música vocal e instrumental, e alguns em tam grande conta eram tidos, que só por altos preços se compravam.

Em todo o género de música, quer religiosa, quer profana, está provado que se marcava o ritmo batendo-o com as mãos, e é isto tam constante que por certo devia de ser rigoroso.

A primeira idea que há quando se pensa na música do antigo Egipto é que naquele país tão guerreiro devia existir a banda militar e música exclusiva, a música Bés. A banda militar parece ter existido; em muitos monumentos vêem-se cenas militares, grupos de músicos militares, tocando trombetas, tamboris e cró-talos.

Quando o Egipto estava sob o domínio grego, Ptolomeu Filadelfo deu uma festa, na qual figuravam dois grupos de músicos extremamente numerosos; compunha-se um de 600 *sátiros* cantando ao som de flautas *canções báquicas*; o outro era formado por 300 coristas, 600 músicos, 300 guitarristas, ao todo 1.800 figuras!!...

Apesar da acentuada predilecção que os egípcios tinham pela música, é para admirar a pouca importância que socialmente davam aos músicos; mas tinham um motivo: attribuindo-se a música a divindades, os sacerdotes não a queriam vulgarizada, mas sim exclusivo seu, como se fôra um dom que só êles possuissem e por tal motivo eram contra toda a música profana, de forma que muito difficilmente a aristocracia egípcia se dava ao estudo da música, só os menos crentes, menos submissos, passavam por cima dêstes preconceitos.

A classe que se dava ao cultivo da música profana era posta a par da dos trabalhadores mecânicos; aos músicos de profissão era-lhes interdito occuparem lugares públicos e os seus descendentes só podiam exercer o mistér dos antepassados; de forma que muitos dêles não era por gôsto, nem intuição musical que aprendiam êste ou aquêlê instrumento; se o pai era cantor tinha o filho de o ser, embora fosse afónico; se era flautista tinha de tocar flauta, embora os pulmões não lhe dessem ar sufficiente para isso; teria que ser harpista mesmo que fosse aleijado das mãos!!... Alguns autores há que não aceitam êste parecer, mas não apresentam factos que o contradigam.

A par disto havia músicos talentosos, que tinham inspirações e boas disposições físicas para exercerem a profissão de artista-músico.

Só depois da conquista do Egipto por Ale-

escrevesse como merece tal assunto, não podia ser num breve artigo.

São Tot e Osíris os principais inventores da música e dos instrumentos no Egipto, segundo a tradição.

Os instrumentos são : *de corda* ; *de sôpro*, *de pancada*.

Instrumentos de corda

LIRA

Tot inventou a lira de 3 cordas, relacionada mitologicamente com as 3 estações do ano, cada corda de som diferente : som médio referido à *primavera*, som agudo ao *estio*, som grave ao *inverno*.

Há duas fábulas relativas à *invenção* da lira ; uma diz que «Tot tirou os nervos a Tifão para fazer as cordas», outra que «o Nilo ao recolher ao «leito, depois da cheia, deixara as «margens juncadas de cadáveres de «diversos animais. Tot (que os gregos compararam a Hermes) ao passar por aquelas planícies ia examinando os esqueletos ; apanhou «uma tartaruga que o sol já havia «secado, pelo quê ficara apenas «com três fibras intestinais presas «a um e outro lado da caixa. Tot «apanhou-a e começou a querer «tirar as fibras, quando ao puxar

«sentiu um som melodioso que lhe agradou ; «repetiu o movimento e sempre o mesmo som ; «experimentou as outras fibras resultou-lhe «som diferente. Levou a concha, estudou-a e «fez a lira de 3 «cordas.»

Variava este instrumento muito de feiço e número de cordas.

As liras eram geralmente de madeira, orna- dos os topos de cada braço por cabeças de animais, como cavalos, gazelas, íbis e outros, conforme o gosto e fantasia do fabricante, ou de quem encomendava o instrumento ; as cordas fixavam-se no tampo e vinham prender-se a um cavalete no fim da caixa, ou a meio.

Da mesma época da lira primitiva de 3 cordas, 3.000 anos antes da nossa era, havia liras de 7, 8, 9 cordas. Houve depois liras de 10, 11 e 18 cordas. No museu de Berlim e no de Leda existem liras egípcias perfeitamente conservadas.

A maneira como os tocadores traziam a lira era metendo-lhe a base debaixo do braço



HARPISTA PINTADO NO TUMULO DE RAMSÉS III, EM THEBAS

xandre Magno é que a música ali se começou a expandir. Os gregos espalharam um novo género de música, e os egípcios extasiados deram largas às suas expansões e ao talento musical, que em nada era inferior ao dos gregos. Só a partir de então para cá houve no Egipto o que em linguagem de hoje chamamos «músicos-curiosos».

*
* *

OS INSTRUMENTOS

Os instrumentos atestam que os progressos da música nesta época eram consideráveis ; pois só ao cabo de muito trabalho, de muita prática e à força de muita intelligencia se podia chegar a construção tam perfeita dos instrumentos, que eram bastantes e de várias formas.

Não me alongarei nesta descrição, como já o não fiz no que disse da música, porque se

esquerdo, de forma a segurá-la com o antebraço aconchegado ao corpo; assim tinham êles as mãos livres; também encostavam a base da lira ao peito, ficando o instrumento sempre perpendicular: dambas as maneiras tinha a lira uma correia que passava por cima do ombro e pelas costas e assim impedia a queda do instrumento, e servia para trazer a lira a tira-colo quando não era preciso tocar o instrumento.

A maneira que parece ter sido mais usual de tocar a lira era com ambas as mãos, quer com os dedos desajudados de palheta, quer com palheta na mão direita e sem palheta na mão esquerda.

Na escrita hieroglífica dizem ter sido a lira a imagem da harmonia dos corpos celestes.

HARPA

Os instrumentos semi-circulares do género das harpas são os que mais se encontram nos baixos relevos e pinturas dos monumentos e túmulos.

As harpas diferiam muito de feitio: umas eram muito simples, outras ornamentadas ricamente e com pinturas a côres vivíssimas; o número de cordas variava de 3 até 22.

As harpas mais antigas que se conhecem acham-se nas esculturas de um túmulo perto das pirâmides de Gizé; a forma destas harpas não é nem tam bonita, nem tam enfeitada, como geralmente o é nas outras; tinham 7 e 8 cordas.

Já havia harpas de 18 cordas no tempo de Amássis, primeiro rei da 18.^a dinastia, 1570 anos antes de Cristo.

Julga-se que a madeira de que se fabricavam as harpas era da Índia, ou do Senegal; são da madeira chamada *mohogano swietenia* as harpas existentes nos museus egípcios de Florença e Paris. Cubriam algumas vezes a madeira com cabedal, com marroquim verde, com marroquim escarlate, e adornavam-nas de divisas e de emblemas; assim são as da colecção Salt (*cónsul inglês*.) achadas em Tebas.

Todas as harpas egípcias teem uma particularidade muita importante, a falta da «barra-consolo» das harpas modernas. Custa a compreender como é que as duas extremidades ofereciam

resistência suficiente e as cordas conservavam a afinação; não é tanto para admirar nos instrumentos de curva pouco pronunciada, mas muito admira nos que são muito curvos e nos triangulares.

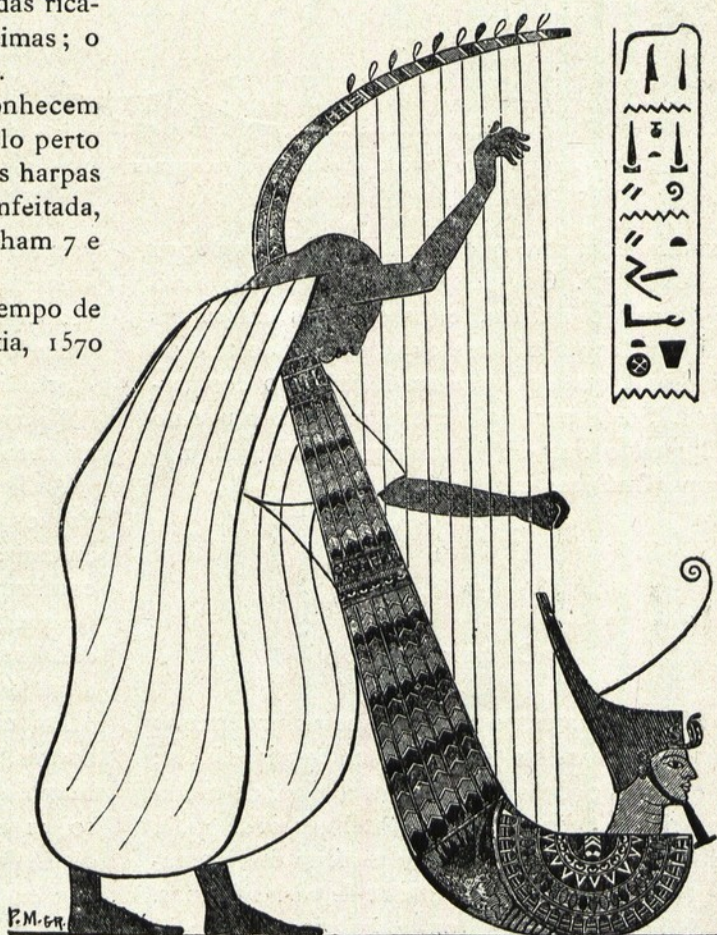
As cordas eram de tripas de gato, e bem o atestam as harpas encontradas em Tebas, que em 1823 (da nossa era) tinham ainda as cordas esticadas e susceptíveis de dar som, tirado pelos dedos europeus, como o deram tantos séculos antes tocadas pelos egípcios.

As cravelhas eram alternadamente de ébano amarelo e ébano preto, ornadas de pinturas ou flôres de lódão.

As harpas egípcias nada tinham que se parecesse com o mecanismo dos pedais das nossas harpas.

Para tocar harpa não se serviam de palheta, mas só dos dedos e das mãos espalmadas.

A harpa de 3 e 4 cordas é menos arqueada e traziam-na ao ombro, passando a cabeça por entre a madeira e as cordas; esta maneira de trazer as harpas só era usada quando tocavam andando, porque em geral assentavam



HARPISTA PINTADO NO TÚMULO DE RAMSÉS III, EM THEBAS

as harpas no chão, ou num escanho; o executante estava de pé, ou assentado numa espécie de tamborete, ou com um joelho em terra, ou assentado no chão com as pernas encruzadas, ou assentado nos calcanhares; tanto homens como mulheres tocavam harpa.

No túmulo de Ramsés III há numa das mais belas pinturas relativas a harpas: são dois sacerdotes que perante uma divindade fúnebre tocam harpa; uma harpa representa o Alto Egípto (tem 13 cordas); já é admirável a expressão diferente dos dois sacerdotes, mas ainda mais bello o lançado e a ornamentação das harpas, elegantes, de perfeita magnificência,

ricamente desenhadas; mostram bem a inteligência, o talento produtivo na execução dos instrumentos; a de 13 cordas é a mais linda.

Não se pode dizer que a harpa fosse o instrumento mais antigo, visto dar-se a primazia à lira de Tot (ou Hermes), mas foi sem dúvida o mais usado e o mais generalizado.

GUITARRAS

A guitarra egípcia, teorba ou mandora, não tinha variedade nenhuma na forma, nem tam pouco a riqueza e elegância da harpa e mesmo da lira.

Por me parecer interessante direi aqui, segundo a autoridade de H. Brugsch (1), que «a guitarra egípcia tinha o nome de *nfr*, muito provavelmente origem do hebreu *nbl*, e do grego *nabla*, que deu o latino *nablium*.»

Compunha-se a guitarra de um braço chato, quasi sempre bastante comprido, curto algumas vezes, e de uma caixa acústica oval, feita de um só bocado de madeira escavada e cubierta com uma tábua fininha de madeira, ou então cubierta de couro, com aberturas para dar mais som; o braço quasi sempre terminava a um terço do tampo, porém algumas vezes saía

um pouco para fora do tampo; o cavalete, pôsto na parte inferior, levantava bastante as cordas para que não assentassem nem no braço, nem no tampo; era quasi sempre de forma triangular este cavalete, feito de madeira dura, ou de marfim; nas guitarras não se encontram cravelhas; o braço da guitarra tinha por vezes o dôbro e o triplo do tampo, e terminava em algumas por uma cabeça esculpida; a guitarra ao todo media um pouco mais de 1^m,250.

Tocava-se a guitarra com palheta, que andava presa por um cordão ao instrumento; tocavam-na homens ou mulheres, quasi sempre de pé, outras vezes assentados sobre os calcanhares, e tendo o instrumento seguro por um cordão em volta do pescoço; por vezes tambem tocavam e dançavam ao mesmo tempo; as cordas eram metálicas, quasi sempre 3, poucos instrumentos de 2.

Parece ter sido pouco usada a guitarra monocorda e só ter servido para segurar o tom da voz no canto dos poetas.

Há uns instrumentos que Salt levou para o Museu Britânico e que se depreende terem sido os que serviram de passagem da harpa para a guitarra. Um dêles parece-se muito com a harpa, mas é de muito menor tamanho: compõe-se de dois ramos unidos em angulo recto; o ramo (ou braço) inferior é terminado por um pescoço e cabeça de pato, as cordas são 9 e veem horizontalmente dum braço ao outro.

Há outros que se parecem com a guitarra, feios e desairosos; o braço é extremamente curvo e mede 38 centímetros; a base é formada por um corpo redondo que mede 117 milímetros, em alguns coberto por uma tábua muito delgada, noutros por couro, e ainda noutros por pergaminho; as cordas são postas paralelamente em plano vertical, e veem do cimo do braço ao tampo.

(Conclui no próximo número).

JOSEFINA DE VASCONCELOS ABREU.



LIRA ORNADA
COM UMA CABEÇA DE ANIMAL



MULHER TOCANDO GUITARRA

(1) *Die Aegyptologie* 433.



A lenda

DO

Canzarrão

Summario dos capitulos I a VIII

Sherlock Holmes, o tão celebre DETECTIVE é, segundo o costume, visitado pelo doutor Watson, seu fiel «achates». Este repara em uma bengala, esquecida ali na vespera por um consulente, e trava-se entre elle e Holmes uma discussão ácerca da personalidade do individuo. — Lévam a melhor, como sempre, as faculdades de hermeneutica de Sherlock Holmes e, n'este comenos, comparece o visitante, um medico rural (o doutor Mortimer) que vem submeter ao tão preclaro policia amador um caso deveras mysterioso —: O cão dos Baskervilles — caso tragico envolvendo a morte de um dos solarengos da mansão de Baskerville, e a praga que paira sobre os representantes de tão nobre familia. — Leitura do manuscrito autografo do successor da victima, e do artigo de um jornal mencionando outro caso tragico succedido a um membro mais recente da mesma familia, herdeiro actual do Solar. — Discutem os tres o assunto. — Surpreza. — Declaração sensacional do doutor Mortimer. — O problema. — Discutem-n'o Holmes, Watson e Mortimer, o consulente. — As pégadas da victima; indicios contradictorios. — Volta á tela a LENDA DO CÃO FANTASMA. — Caso cada vez mais intrincado. — Mortimer annuncia a existencia de um herdeiro, prestes a tomar posse do solar de seus maiores. — A solicitações de Holmes promete voltar e apresentar-lhe o novo baroneto. — Holmes pede 24 horas para estudar o caso. — Volvidas 24 horas de solidão, vapores de tabaco, e contemplação do lume na lareira, tem-se orientado no mappa regional e esboçado vagamente o seu plano de campanha. — Volta Mortimer acompanhado pelo novo herdeiro. — Nôvos misterios: a carta de aviso em letras de imprensa. — O sumiço da bota. — O doutor Mortimer conta a sua historia ao baroneto. — Saem ambos e atrás delles, acto-contínuo, Holmes arrastando consigo Watson. — Encontro inesperado. — O espião de trem (o homem das barbas). — Os dois amigos seguem-lhe a pista. — Esforço baldado, some-se o espião. — Novo expediente: emissario. — Em cata da pagina do TIMES. — Pesquisas. — A bota trocada. — Peripecias. — O barometro resolve transferir-se para a mansão. — Novas indagações de Sherlock Holmes. — Telegrammas. — E' interrogado o doutor Mortimer com respeito ás circumstancias incidindo com a herança e ás personagens interessadas na desaparição dos herdeiros. — Reapparece a bota nova. — Some-se a outra. — Holmes nega-se a acompanhar a sir Henry e faz-se substituir pelo seu ALTER EGO, doutor Watson. — Resposta a telegrammas. — Interrogatorio do cocheiro do CAB. — Resultado inesperado. — Peripecia faceta: — O duplo Sherlock Holmes. — Mais um fio que quebra. — Jornada para a mansão. — Recepção do novo senhor. — Os conjugues Baskerville. — Suspeitas. — Uns soluços misteriosos. — Watson tenta esclarecer o misterio. — Interrogatorio do mordomo. — Resultado infructifero. — Suspeitas. — Governante lugubre. — Pesquisas. — Encontro imprevisto: o naturalista. — Os perigos da charneca. — O sorvedoiro. — Berro misterioso. — Habitações pré-historicas. — Surpreza sobre surpresa: a beldade do brejo. — Aviso inesperado. — Apreensões tetricas. — O relatorio do doutor Watson. — Amores do baroneto. — Visitas aos logares sinistros. — Novo misterio: a sombra nocturna. — Somnambulo ou malfeitor? — A luz accusadora.

CAPITULO IX

Segundo relatorio do dr. Watson

A LUZ NA CHARNECA

Mansão de Baskerville, 15 de Outubro.

MEU PREZADO HOLMES. — Supposto me visse na necessidade de ser parco para contigo em novidades durante os primeiros dias da minha

missão, não deixarás de confessar que estou compensando o tempo perdido, e que os acontecimentos principiam a affluir sobre nós. No meu ultimo relatorio rematei a minha missiva com o Barrymore á janéla, e agora tenho um cadastro inteiro e que, se me não illudo, te hade causar surpresa, e não pouca. As coisas tomaram um rumo que eu estava mui longe de antecipar. A certos respeitos, no prazo recente de quarenta e oito horas, assumiram muito

maior clareza, tornando-se, de algum modo, mais complicadas. Vou porém dar-te conta de tudo, e por ti mesmo avaliarás.

Na manhã do dia posterior á minha aventura, antes do almoço, enfiei pelo corredor e fui examinar o quarto em que o Barrymore havia estado, a noite passada. Com a janéla, viráda ao poente, através da qual mirava com tamanha intensidade, dá-se uma circumstancia peculiar e que se não dá com mais nenhuma janéla da mansão — é aquélla de onde se vê de mais perto a charnéca. Existe um interválo entre a copa de duas arvores permitindo a qualquer, desde este ponto de observação, o vê-la, de perto, emquanto das outras janélas apenas se vê para o longe. E' obvio, pois, que Barrymore, desde que esta janéla, tão somente, serviria os seus intentos, estaria procurando ver alguém ou alguma coisa na charnéca. A noite estava escurissima, de modo que mal posso comprender como é que elle esperaria ver quem quer que fosse. Occorreu-me a possibilidade em se tratar de uma qualquer intriga amorosa. Explicar-se-iam assim os seus movimentos furtivos e a inquietação da consorte. O nosso homem é um individuo cuja presença dá nas vistas, é assás de bem apessoado para captar o coração de qualquer moçoila do campo, de modo que esta theoria não deixava de encontrar factos em seu abôno. Aquella porta, que eu senti abrir-se depois de haver recolhido ao meu quarto, podia muito bem significar que tinha saído no intuito de concorrer a alguma cilada clandestina. Foram estes os meus raciocinios no dia seguinte de manhan, e transmitote a direcção que tomaram as minhas suspeitas, supposto o resultado possa haver manifestado serem infundadas.

Mas qualquer que seja a verdadeira explicação dos actos de Barrymore, senti que a responsabilidade de os guardar de mim comigo, até poder encontrar-lhes solução, era superior ás minhas forças. Tive uma entrevista com o baroneto no seu escritorio, depois do almoço, e contei-lhe tudo que havia observado. Manifestou menos surpresa da que eu futurava.

— Eu já sabia que o Barrymore corria as casas, a deshoras, e fazia tenção de falar com elle a esse respeito, declarou. — Senti-lhe as passadas, duas ou tres vezes, no corredor, para cá e para lá, á hora, justamente, apontada pelo meu amigo.

— E' possivel, então, que elle vá todas as noites fazer a sua visita á tal janéla, avancei.

— E' possivel que sim. Se assim for, deviamos tratar de espreitá-lo, e ver o intuito desses seus passeios. Não se me daria de saber o que é que faria o seu amigo Holmes se aqui estivesse?

— Quer-me parecer que fazia o mesmo, justamente, que sir Henry acaba de sugerir, volvi. Seguir os passos a Barrymore e ver o que é que elle fazia.

— Nesse caso, fá-lo-emos conjuntamente.

— O peor é o elle poder presentir-nos.

— O homem é um tanto surdo, e em todo o caso devêmos correr-lhe o risco.

Esperarêmos, a pé, esta noite, no meu quarto, até que elle passe.

Sir Henry esfregou as mãos de contente, e era evidente o elle festejar a aventura na qualidade de alivio áquelle seu viver tão monotono na charnéca.

O baroneto estivera em communicação com o arquiteto, autôr das plantas encommendadas por sir Charles, e com um mestre de obras de Londres, de modo que podemos esperar grandes mudanças por aqui, mui brevemente. Tem vindo aqui decoradores e estofadores de Plymouth, e o nosso amigo, evidentemente, é homem de ideias largas, e que não tenciona poupar-se a canceiras ou a despêsas com o fito em restabelecer a grandeza da sua familia. Assim que a casa se achar renovada e remobilada, do que elle precisará para completá-la será de uma esposa. Aqui muito entre nós, não deixam de haver sintômas de que não será por falta da alludida entidade, se é que a dama estiver por isso, pois me não recordo de ter visto um homem mais embeijado com uma mulher, do que elle o está com a nossa formosa vizinha, miss Stapleton. E contudo, a torrente de tão entranhado affecto não deslisa com tanta amenidade quanto era de esperar, atentas as circumstancias. Hoje, por exemplo, veiu enrugarlhe a superficie um caso de todo inesperado, causando ao nosso amigo singular perplexidade e não menos dissabor.

Depois da conversa a que me referi relativa a Barrymore, sir Henry pôs o chapéu e dispunha-se a sair. Escusado é dizer que fiz outro tanto.

— Pois quê? você vem tambem, Watson? perguntou, a olhar para mim de modo singular.

— E' conforme. Se tencionar ir a charnéca, vou — retorquí.

— Vou, sim.

— Muito bem, sabe quaes são as instrucções que me deram. Sinto tornar-me importuno, mas bem ouviu com que intimativa insistiu Holmes em que o não perdesse de vista, e muito em especial que o não deixasse ir sósinho á charnéca.

Sir Henry pôs-me a mão no hombro, com sorriso prazenteiro.

— Meu caro amigo, proferiu, Holmes, com toda a sua sabedoria, não previu certas coisas que se tem dado desde que tenho ido á charnéca. Não sei se me intende? Estou certo de que o meu amigo será a ultima pessoa deste mundo capaz de desejar tornar-se um desmancha-prazeres.

— Tenho que ir sósinho.

O factó collocava-me em situação embaraçadissima. Fiquei perplexo ácerca do que diria ou faria e, sem me dar tempo para tomar uma resolução, pegou na bengala e abalou.

Eu, contudo, depois de pensar bem no caso, senti arguir-me a consciencia, acerbamente, pelo factó de lhe haver consentido, fosse qual fosse o pretexto, sair sósinho fóra do alcance da minha vista.

Ponderei qual não seria o meu sentimento dado o caso de eu ter de regressar para junto de ti e confessar-te que tinha succedido qualquer desgraça motivada pelo meu desleixo em obedecer ás tuas instrucções.

Afirmo-te que senti o sangue afluír-me ás faces, só de me lembrar semelhante hipotese

E dahi, talvez ainda fosse a tempo de o alcançar, em vista do quê, abalei por ali fóra em direcção á Residencia de Merripit.

Palmilhei a estrada a passo dobrado e nem vestigios sequer de sir Henry, até que alcancei um ponto em que o carreiro da charnéca se bifurca.

Ali, receando ter seguido direcção errada, afinal, trepei a um monte donde podia espriar a vista, — o mesmo monte que se acha escarvado em lobreaga pedreira. Consegui vê-lo, desde logo. Caminhava pelo carreiro da charnéca, á distancia de um quarto de milha, e a pár delle uma dama, que só podia ser miss Stapleton.

Era evidente o existir entre um e outro um certo accôrdo, e o haverem aprazado o encontro. Caminhavam devagar em intima palestra, e observei que a joven accionava com as mãos em movimentos curtos, rapidos, como quem afirma qualquer coisa com muita intimativa, ao passo que elle a escutava, atento, abanando

a cabeça, uma ou duas vezes, com energica discordancia. Continuei a observá-los por entre a penedia, perplexo quanto possivel ácerca do que me cumpria fazer. O segui-los e ir interromper-lhes o intimo colloquio antolhava-se-me com as proporções de atrevimento, e não obstante, o meu estricto dever era o de nem por um instante, sequer, o perder de vista. O desempenhar o papel de espião para com um amigo era tarefa odiosa, e contudo, não atinava com melhor alvitre que o de o ir observando do monte, e desafogar a consciencia confessando-lhe depois o acto que havia praticado. Verdade seja que se acaso o ameaçasse um qualquer perigo eu me achava longe de mais e lhe não podia valer e, contudo, tenho a certeza de que concordarás comigo em que era ardua a situação e que não estava em minha mão fazer mais.

O nosso amigo sir Henry e a dama tinham parado, na vereda, absortos de todo em seu colloquio, eis que reparo em que não era eu a unica pessoa que estava presenceando a sua entrevista. Uns laivos verdes a adejarem no ar vieram ferir-me a vista, e afirmando-me melhor percebi serem arvorados por um individuo andando a tombos por entre as anfractuosidades do terreno. Era Stapleton brandindo a sua rêde de borboletas. Estava muito mais proximo do que eu do amoroso par, e parecia encaminhar-se em direcção a este. Neste instante, sir Henry atrahiu para si de subito miss Stapleton. Cingiu-a pela cintura, mas quis-me parecer que ella barafustava para se soltar do amplexo desviando o rosto. Elle, a chegar a cabeça ao rosto da joven, e ella de mão erguida como que protestando. Acto continuo vi-os apartarem-se de golpe, e voltarem-se para trás, apressados. Stapleton fóra a causa de semelhante interrupção. A correr num desatino para os alcançar, e com a absurda rêde aos baldões atrás de si. A esbracejar e a dansar, quasi, de excitado, em frente dos namorados. A significação daquella scena não a podia eu atingir, afigurou-se-me, porém, que Stapleton estava arguindo sir Henry, que se desfazia em explicações, que mais iracundas iam parecendo á proporção de que o outro se negava a aceitá-las. A joven desviada, um tanto, altiva e silenciosa. Até que porfim, Stapleton girou sobre os calcanhares, acenando com uns ares peremptorios á irman, e esta, volvido um olhar de irresolução a sir Henry, afastou-se a par do irmão. O gesticular furibundo do natura-

lista demonstrava achar-se incluída no seu descontentamento a irman. O baroneto ficou-se por instantes a segui-los com a vista, e depois voltou a passo vagaroso pelo mesmo caminho, cabisbaixo, a vera effigie do desconsolo.

Qual a significação de tudo aquillo mal a podia eu imaginar, mas pejava-me sobremodo o ter presenciado scena de tanta intimidade, sem que o soubesse o meu amigo. Galguei de um pulo o desladeiro do monte e fiz-me contradicção com o baroneto na arreigada. Tinha o rosto afogueado e as sobrancelhas contrahidas, como quem se achasse perplexo de todo com respeito ao alvitre de que devia lançar mão.

-- Houla! Watson! Donde surdiu você, com a fortuna! ? exclamou. Ouso esperar que não viria atrás de mim ?

Expliquei-lhe tudo: como se me tornava impossivel o deixar-me ficar para ali, o facto de ter seguido atrás d'elle, e de haver presenciado a quanto occorrêra. Por instantes, fitou-me uns olhos como brásas, a minha franqueza desarmou-o porém, e em conclusão desatou a rir, com um riso um tanto contrafeito.

— O seio desta campina dir-se-ia ser um logar bastante seguro para alguém escapar ás vistas do proximo, ponderou, — mas, com todos os diabos, está-me a parecer que a comarca em peso se congregou para presenciar os meus galanteios — e galanteios bem desastrosos, valha a verdade! Para onde é que tinha tomado bilhete?

— Eu estava além, naquelle monte.

— Lá na ultima fila, hein? Mas o irmão é que se acautelou com um logar de frente. Viu-o investir comnosco ?

— Está claro que vi.

— Já teria occasião de notar que o tal estafermo do irmão estava um tanto azorotado do miôlo?

— Confesso não ter dado por semelhante coisa.

— Eu tambem não. Até hoje tive-o sempre por pessoa sensata, mas, creia no que lhe digo, ou a elle ou a mim deviam vestir-nos uma camisa de força. Que vem a ser isto que se está dando comigo? Tem vivido em minha companhia ha já semanas, Watson. Ora diga-me, com franqueza! Haverá alguma coisa que possa impedir-me de vir a ser um bom marido para uma mulher a quem dedico amor?

— Quer-me parecer que não.

— Elle não póde encontrar objecção na minha posição neste mundo, será pois a minha pessoa que lhe não quadre? Que terá elle contra mim? Nunca fiz mal quer a homem quer a mulher em toda a minha vida, que eu me lembre... E não obstante não consente sequer em me deixar tocar-lhe com as pontas do dedos!

— Pois elle disse isso?

— Disse, e muito peor, ainda. Oiça lá, Watson, ha meia duzia de semanas que a conheço, e desde o primeiro instante senti que fôra talhada para mim, e ella — tambem — estava contente quando se achava ao pé de mim, iria jurá-lo. Ha uma luz nos olhos da mulher que fala mais claro do que as proprias palavras. Elle, contudo, nunca nos deixou sósinhos, e hoje, apenas, encontrei pela vez primeira ensejo de mutuar com ella, a sós, meia duzia de palavras. Ella estimou encontrar-me mas quando isso se effectuou de tudo me falou menos de amôr, nem me consentiu que falasse em semelhante assunto, por sua vontade. Tudo era voltar ao bordão de que isto por aqui era um logar perigoso, e que não podia ter socego emquanto me não visse daqui para fóra. Eu, afirmei-lhe que desde que puséra os olhos nella não tinha pressa em me afastar, e que, se effectivamente desejava que me fosse embora, o meio unico era encaminhar as coisas de modo que viesse em minha companhia. Dito isto, sem muito gasto de palavras propús-lhe casamento, mas, antes até de ella me poder dar resposta, cáe-nos em cima o energumeno do irmão, a correr como um damnado e com uns esgares de doido. Vinha fulo de raiva, e aquelles olhinhos deslavados a emitirem chispas, de enfurecidos. Porque andava eu perseguindo assim uma senhora? Como é que eu tinha a ousadia de lhe ter dedicado atenções que lhe eram desagradaveis? Se eu estava persuadido de que, pelo facto de ser baroneto, podia fazer quanto me viésse á cabeça? Não fôra elle irmão della, e eu bem sei a resposta que lhe dava. Atendendo ás circunstancias declarei-lhe que os meus sentimentos para com a irman eram taes que me não podiam envergonhar, e que esperava que ella me fizesse a honra de me aceitar a mão de esposo. Semelhante declaração, pelos modos, ainda mais concorreu a agravar o caso, e para encurtar razões, perdi a paciencia, e repliquei-lhe com mais calor do que devera ter feito, talvez, considerando achar-se ella presente. E o desfecho do lance

foi o elle afastar-se com ella, conforme presenceou, e eu para aqui fiquei, estúpido e desasado como não haverá outro por estas immediações.

Se fôr capaz de me dizer o que significa tudo isto, Watson, ficar-lhe-ei devendo mais do que jámais espero poder pagar-lhe.

Aventurei-me a uma ou duas explicações, mas na verdade, eu, pela minha parte, não estava menos perplexo. O titulo do meu amigo, a sua opulencia, a sua idade, o seu character e a sua apparencia pugnava tudo em seu favor, e não sei nada de que o possam arguir a não ser aquelle tenebroso fado pairando sobre a sua familia.

O facto de haverem sido rejeitadas as suas propostas e rejeitadas com tal desabrimento e sem a minima referencia aos desejos da propria interessada, e o haver aceitado esta a situação sem protesto, eram casos de espantar, não ha duvida. E todavia, veio pôr treguas ás nossas conjecturas a visita do proprio Stapleton naquella mesma tarde. Viera com o intuito de apresentar as suas desculpas pela sua imprudencia, de manhã, e o resultado de uma demorada conferencia, á porta fechada com sir Henry, no escritorio deste, foi o achar-se sarada de toda a ferida, e nós irmos jantar á Residencia de Merripit, na proxima sexta feira, como sinal de reconciliação.

— Não me desdigo ainda quanto a elle andar azorotado do miolo, ponderava sir Henry. — Não me podem esquecer os olhos que elle me deitava ao crescer para mim, esta manhan, mas cumpre-me confessar que ninguem se poderia desculpar tão delicadamente como elle o fez.

— Apresentou alguma explicação do seu modo de proceder?

— A irman é para elle tudo, neste mundo, alega elle. Quanto a isso, é natural e folgo em que elle lhe compreenda o valor. Têm vivido sempre juntos, e segundo elle conta tem sido um homem insulado, cuja companheira unica era ella, de sorte que o pensar que se havia de ver sem ella era terrivel para elle. Não tinha percebido, alegou, a circumstancia de eu me ir afeiçoando á irman, mas quando viu, com os proprios olhos, que assim era, effectivamente, e que lh'a poderiam arrancar foi tamanho o abalo que sentiu que por um lapso de tempo não foi responsavel pelo que disse ou pelo que fez.

Sentia deveras quanto se havia dado, e era

o primeiro a concordar a que ponto era insano e egoista o elle imaginar que podia reter em seu poder uma mulher formosa qual era a irman, por toda a vida. Se ella tinha de o deixar, que antes queria que fosse em favor de um vizinho como eu do que de outro qualquer.

Mas que em todo o caso para elle era isso um golpe, e que lhe levaria algum tempo a conformar-se com semelhante contingencia. Que desistia de toda e qualquer opposição da sua parte comtanto que eu lhe promettesse deixar as coisas conforme se achavam, pelo prazo de tres menses, contentando-me com cultivar amistosas relações com a joven durante o dito prazo de tempo, sem exigir desta maior compromisso. Prometi, e aqui tem em que altura está o negocio.

Fez-se pois luz quanto a um dos nossos misteriosinhos. Já não é mau o havermos encontrado fundo neste atoleiro em que andamos a barafustar. Ficamos sabendo porque era que Stapleton via com maus olhos o pretendente á mão da irman — a despeito desse pretendente representar um tão bom partido qual era sir Henry.

E agora passarei a occupar-me de outro fio que eu desencadilhei da emaranhadissima meada, o misterio daquelles soluços nocturnos, do rosto sulcado de lagrimas de mistress Barrymorse, da jornada secreta do mordomo á janéla de grades, da banda do poente.

Dá-me-os emboras, prezado Holmes, e confirma-me que não desmereci a teus olhos na qualidade de agente, — que te não arrependes de haver depositado confiança na minha pessoa mandando-me para aqui. Estes casos foram todos elles esclarecidos mediante o trabalho de uma noite.

«Trabalho de uma noite» disse eu, mas em boa verdade, foi trabalho de duas, visto como na primeira ficámos todos ás aranhas. Fiquei a pé com sir Henry, no quarto deste, até ás 3 da madrugada, aproximadamente, mas não conseguimos ouvir som de especie alguma a não ser a pancada do relógio de parede, na escada. Foi uma vigilia melancolica quanto possivel, e rematou por adormecermos ambos cada qual em sua cadeira. Não desanimámos, felizmente, e resolvemos tentar de novo a sorte. Em a noite immediata diminuimos a luz ao candieiro, e sentámo-nos para ali, a fumar cigarros, sem tugar. Era incrivel o vagar com que deslisavam as horas, e contudo, servia-nos

de incentivo a mesma casta de interesse paciente que deve experimentar o caçador de atalaa á armadilha em que espera ver cair a caça. Deu uma hora, deram duas, e estavamos já a ponto de desistir pela segunda vez, desanimados de todo, quando, de subito, nos perfilámos ambos na cadeira, espertados os fatigados sentidos, e de ouvido áleria, por mais uma vez. Tinhamos presentido o ringir de umas passadas no corredor.

Sentimo-las deslisar de mansinho, afastarem-se e esmorecerem na distancia. O baroneto abriu então a porta e seguiu-lhes no encalço. O nosso individuo havia já tornejado a varanda, e o corredor estava de todo ás escuras. Fomos avançando, pé ante pé, até alcançarmos o outro lanço do edificio. Chegámos justamente a tempo de lobrigarmos de relance o vulto alto, de barba preta, de hombros muito encolhidos, a andar em bicos de pés pelo corredor. Depois, transpôs a mesma porta, como da primeira vez, e a luz da véla a emoldurá-la de trévas e a despedir um raio unico, amarelado, através da escuridão do corredor. Seguimos em passo de ladrão atrás d'elle, tenteando a cada taboa do soálho antes de nos atrevermos a assentar-lhe o pé em peso.

A' cautéla tinhamos descalçado as botas, mas, ainda assim mesmo, as taboas carunchosas ringiam e estalavam debaixo de nossos pés. Chegava por vezes a parecer incrível o elle não presentir que nos aproximavamos.

Felizmente, porém, o homem é um tanto surdo, e absorvia-o completamente a empreza em que ia empenhado. Quando finalmente alcançámos a porta e espreitámos lá para dentro, lá o bispámos debruçado, á janéla, de castiçal na mão, com o rosto livido, de expressão intensa, coládo contra a vidraça, tal qual eu o tinha visto duas noites atrás.

Não tinhamos combinado plano algum de campanha, o baroneto é porém um homem para quem o modo mais directo é sempre o

mais natural. Enfiou por ali dentro, e ao presenti-lo Barrymore deu um salto para trás na janéla, com um agudo silvo na respiração, e espécado, livido, todo elle num tremor. Os negros olhos, fulgidos na mascara lívida do



... POR CIMA DOS PENHASCOS, POR ENTRE A FENDA EM QUE ARDIA A VÉLA SURTIU UM ROSTO CÔR DE CIDRA

rosto, exprimindo horror e espanto ao fitarem-se em sir Henry e na minha pessoa.

— Que faz você por aqui, Barrymore?

— Nada, meu senhor. Era tal a sua agitação que mal podia articular, e as sombras aos saltos para baixo e para cima com a tremura da véla.—Era a janéla, meu senhor. Venho passar revista todas as noites para ver se ficaram bem fechadas.

—Do segundo andar?

—Sim meu senhor, todas ellas.

—Intendâmo-nos por uma vêz, Barrymore, insistiu sir Henry, com severidade, estamos firmemente resolvidos a sacar-lhe do bucho a verdade, e portanto, poupará trabalho pondo tudo em pratos limpos, e quanto mais depressa, melhor. Vamos! Desembuche! E vá de mentiras! Que estava o senhor a fazer, a essa janéla?

O individuo olhou para nós desorientado de todo, estorcendo as mãos como quem se encontra no ultimo extremo da duvida e da afflicção.

—Eu não estava fazendo mal nenhum, meu senhor. Estava a chegar esta luz á janéla.

—E por que é que estava chegando a luz a essa janéla?

—Não m'o pergunte, sir Henry. Não m'o pergunte! Sob a minha palavra de honra, meu senhor, lhe affirmo que o segredo não é meu, e que o não posso revelar. Dissesse-me elle respeito a mim, tão somente, e creia que não tentaria encobrir-lho.

Occorreu-me de subito uma ideia, fui-me direito á janéla e arredei o castiçal do sitio em que o tinha collocado o mordomo.

—Esta luz era um sinal, com certeza, observei. Vamos a ver se haverá resposta.

Brandi-a tal qual elle o fizera e pesquizei com a vista a escuridão da noite. Consegui destrinçar vagamente a negra faixa do arvoredado e a expansão mais clara da charnéca, pois havia luar, por entre nuvens. Acto continuo soltei um grito, exultante, visto como um pontinho minusculo de luz amarelada perfurara de subito o negro véu, fulgindo com firmeza ao centro do quadrado negro emoldurado pela janéla.

—Lá está ella, clamei.

—Não é, não, meu senhor— não é nada, acredite! prorompeu o mordomo. Affirmo-lhe, senhor!...

—Mova essa luz para cá e para lá, Watson! bradou o baroneto.—Não viu? Lá se moveu a outra, tambem! E então, pedaço de tratante, negarás ainda que é um sinal? Vamos! Desembucha! Quem é o teu cumplice, além, e que vem a ser esta conspiração que se está tramando?

A fisionomia do sujeito traduziu manifesta desconfiança.—O negocio é comigo, e não com os senhores. Não me sacam uma palavra.

—Deixas, pois, de estar ao meu serviço, desde já.

—Muito bem, meu senhor. O que tem de ser, seja.

—E saes desta casa com ignominia. C'os demonios, não tens vergonha nessa cara! A tua familia e a minha tem vivido ambas ao abrigo do mesmo tecto, e eis que venho surprender-te a urdir não sei que plano tenebrôso contra mim!

—Não, não, meu senhor; contra meu amor não é, com certeza!

Era a voz de uma mulher, e mistress Barrymore, mais livida, se é possível, e mais horrorizada que o proprio marido, surgiu nos humbraes da porta. A sua avolumada figura em camisa e embrulhada em um chále poderia haver parecido comica, se não fôra a intensidade do sentimento que lhe transluzia no semblante.

—Temos que nos ir embora, Eliza. Acabou-se, desta vez! Vê se vaes enfardar os nossos trapos, disse o mordomo.

—Ai João, João! E é a mim que tu deves tudo isto! Fui eu que tive a culpa, sir Henry! —eu só e mais ninguem. Elle o que fez foi por minha causa, e a instancias da minha parte.

—Fale, pois, por uma vez! Que quer dizer tudo isto?

—O meu desditoso irmão anda mortinho de fome, lá por essa charnéca. Não temos alma de o deixar finir-se á mingua, a dois passos da nossa porta. A luz é um sinal para elle saber que a comida está á espera d'elle, e a luz que elle acende, além, é para marcar o sitio para onde lha hão de levar.

—O seu irmão é, pois?...

—O presidiario que anda fugido, meu senhor—o Selden.

—E eis a verdade, meu senhor,—confirmou Barrymore. E ahi está porque é que eu affirmei não ser meu o segredo, e que lh'o não podia dizer. Agora, porém, que já o ouviu, já vê pois que, se ha trama, não é contra o senhor, com certeza.

Era esta, pois, a explicação das furtivas expedições nocturnas e da luz á janéla. Tanto eu como sir Henry ficámos a olhar, espantados, para a mulher. Seria possível que esta creatura de tão estolidada respeitabilidade fosse de sangue identico ao de um dos mais celebres facinoras do país?

—Então que quer, meu senhor? O meu appellido é Selden, e elle é meu irmão, e mais novo do que eu. Faziamos-lhe as vontades todas, em pequeno, e deixava-mo-lo fazer quanto



... AHI, AN-
TOLHOU-SE-ME
O VULTO DE
UM HOMEM,
DE PÉ, NO PE-
NHASCO.

lhe vinha á cabeça, até que acabou por se persuadir de que o mundo era pouco para elle, e que podia satisfazer os seus caprichos, sem ninguem lhe ir á mão. Depois, foi crescendo, meteu-se de gorra com más companhias, entrou-lhe o inimigo naquelle corpo, até que matou de desgostos a pobre mãe e arrastou nalama o nome da nossa familia. Assim foi indo de crime em crime, a afundar-se cada vez mais na desgraça, até que deveu á misericordia divina, tão somente, o escapar de morrer pendurado numa forca; que elle para mim, meu senhor, nunca deixou de ser aquelle pequerruchinho da minha alma, de cabelinho encaracolado, que eu trouxe ao cólo, e com quem como irman mais velha tanto brinquei. E ahi está porque elle fugiu da cadeia, meu senhor. Se elle bem sabia onde me havia de encontrar, é que não deixariamos de lhe valer! Quando aqui nos surdiu, uma noite, estafado e morto de fome, e com os guardas a seguir-lhe o ras-

tro, que é que nós haviamos de fazer? Recolhê-lo, matar-lhe a fome e tratar delle. E assim estavamos quando se deu a sua vinda, sir Henry, e meu irmão julgou que estaria mais seguro lá na charnéca de que em outro qualquer esconderijo, até que viesse a socegar o motim que o caso levantou, e para ali tem andado escondido. E nós, uma noite sim outra não, para verificarmos se elle ainda por lá pararia punhamos uma luz á janéla, e se elle de lá respondia com outra, meu marido levava-lhe um pão e um tassalho de carne. Estavamos sempre á espera de que elle abalásse, mas emquanto por lá se conservasse, não o podiamos deixar ao desamparo. E esta é que é a pura verdade, tão certo como eu ser uma mu-

lher honrada e temente a Deus; e já vê pois, meu senhor, que se alguem tem que carregar com as culpas, sou eu, e não meu marido, pois foi por minha causa que elle fez o que fez.

A boa da mulher expressava-se com tão intima sinceridade que ninguem deixaria de se dar por convencido.

— Afiança-me a veracidade desta declaração, Barrymore?

— Afianço, meu senhor. Palavra por palavra.

— Está bem, não lhe posso levar a mal o ter valido ao irmão de sua mulher. Faça de conta que lhe não disse coisa nenhuma. E agora, tratem de se recolher, que são horas, e averiguaremos este assunto pela manhan.

Quando ambos se retiraram fômos outra vez á janéla, observar.

Sir Henry abriu-a de par em par, e a aragem fria da noite veio fustigar-nos a face. Lá ao longe, na escura immensidade, aquelle pontinho luminoso, amarélo, ainda a luzir.

— Não sei como elle se atreve, observou sir Henry.

— E' possivel que a luz, pela posição, seja apenas visivel d'aqui.

E' muito provavel.

— Por o seu calculo, qual sería a distancia?

— Andará pelas alturas do Penedo Fendido, presumo eu.

— Obra de uma a duas milhas?

— Nem chegará a tanto.

— E dahi, para o Barrymore lhe levar de comer tão amiude, é porque a distancia não será grande. E elle, para ali á espera, o facinora, por detrás daquella luz. Com a breca, Watson, vou abalar por ahi fóra, e deitar-lhe a unha!

Accudia-me a mesma ideia. E demais, os conjugues Barrymore não nos haviam confiado o segredo de seu motu-proprio. Fóra-lhes extorquido á força. Aquelle homem era um perigo para a communitade, um facinora sem fé nem lei e sem jus a piedade ou indulgencia. Obedeciamos apenas a um dever ajudando a reintegrá-lo em logar seguro e onde não podia causar damno. Com aquella sua indole brutal e violenta, se nós nos abstivessemos, outros viriam a pagar as custas. Para ahi, qualquer noite, por exemplo, os Stapletons, nossos vizinhos, podiam ser atacados por semelhante malfetor, e é possível que a mesma ideia influísse no animo de sir Henry, induzindo-o a tomar tanto a peito a aventura.

— Conte comigo, declarei.

— Trate pois de trazer o seu revolver e de calçar as botas. E a caminho, quanto antes, não vá o patife apagar a luz e pisgar-se.

Dali a cinco minutos transpunhamos a cancéla, a caminho da nossa expedição. Atravessámos de corrida o copado arvoredado, ao som do gemido tristonho do vento outonal e do restolhar das folhas cadentes. O ar da noite estava pesado com o cheiro da humidade e da vegetação putriciente. De onde em onde a lua a espreitar, por instantes, as nuvens, porém, enoveladas, iam cobrindo a vastidão do ceu, e no proprio instante em que alcançámos a charnéca principiou a cair uma chuva miudinha. E a luz sempre a fulgir na nossa frente.

— Vem armado? indaguei.

— Trago uma faca de mato.

— E' preciso atirarmo-nos a elle de chófre, pois consta-me que é temivel. Apanhá-lo prevenido, a ver se o filamos sem lhe dar tempo de resistir.

— Oiça lá, Watson, emitiu o baroneto, — que diria Holmes a tudo isto? Daquella hora de trevas em que andam á solta os Podêres malignos?

Como que em resposta ás suas palavras eis que da tenebrosa vastidão da charnéca restrege aquelle grito estrambotico que eu já tinha ouvido nas immediações do marnel grande de Grimpen. Carreado pelo vento atra-

vés do silencio da noite, ora flébil, prolongado, tenue, como um murmurio; ora agudo, retumbante como um uivo, esvaindo-se depois num lamento, tristonho. Resoou uma, outra e outra vez, vibrando por toda a atmosphera, estridulo, bravío, minaz. O baroneto aferrou-se-me ao braço, com o rosto livido, a despeito da escuridão.

— Santo Deus! Que será aquillo, Watson?

— Eu sei lá! E' um som que se costuma ouvir cá pela charnéca. Eu proprio o ouvi já uma vez.

Esvaiu-se, e envolveu-nos um silencio sepulcral. Nós, sem tugar, de ouvido á escuta, o som não se repetiu, contudo.

— Watson, sibilou o baroneto, foi o uivo de um cão.

O sangue como que se me gelou nas veias, pois na sua voz havia um tremôr denunciando o subito horror que o dominava.

— E a que atribuem elles este grito? indagou.

— Elles, quem?

— Esta gente das terras cultivadas?

— Ora! E' gente rustica, ignorante. Ao senhor que lhe importa a opinião delles?

— Mas que dizem elles, Watson?

Quero sabê-lo.

— Hesitei, e não obstante não podia esquivar-me a responder.

— Dizem elles que é o Cão dos Baskervilles a uivar.

Soltou um gemido, e calou-se, por instantes.

— Que era um cão, lá isso era, afirmou por fim, mas o som afigurou-se-me vir de muito longe, de um par de milhas para além, salvo erro.

— Não é facil dizer donde é que viria.

— Crescia e diminuia com o vento. Não fica para aquella banda o marnel grande de Grimpen?

— Fica, sim.

— Visto isso, foi d'ali. Ora diga-me, Watson, não está persuadido, tambem, de que foi o uivo de um cão? Não está falando com uma crianca. Não receie dizer-me a verdade.

— O Stapleton achava-se ao pé de mim a ultima vez que o ouvi. — Opinou que era possível ser o reclamo de uma ave esquipatica, qualquer.

— Nada, nada! Foi um cão. Deus do ceu, se haverá alguns visos de verdade nestas historias todas? Será crível o pairar sobre a minha

cabeça um perigo, provindo de causa tenebrosa a tal ponto? Você não acredita, pois não é assim, Watson?

— De modo nenhum.

— E não obstante, uma coisa era o levarmos o caso de galhofa, lá em Londres, e outra o estarmos nós para aqui nesta escuridão da charnéca e vir atroar-nos os ouvidos tão pavoroso grito. E meu tio? No sitio em que elle jazia, deram fé da pégada de um cão. As circumstancias concordam. Não me tenho na conta de covarde, Watson, mas aquelle som afigura-se-me até que me gelou o sangue nas veias. Apalpe esta mão!

Estava fria que nem um bloco de marmore.

— Amanhan nem já se lembra de semelhante coisa.

— Não creio que venha jamais a desvanecer-se-me do cerebro a impressão daquelle grito. E agora, que acha que devâmos fazer?

— Quer que retrocedâmos?

— Por caso nenhum, co' a breca! Viémos com o fito em deitar a unha ao nosso homem, e havêmos de dar conta da empreitada. Andamos no trilho de um facinora e um cão das profundas do inferno, ou coisa parecida. atrás de nós. Ande dahi. Havêmos de o filar, muito embora andem á solta pela charnéca os demônios do averno em pêso.

E lá fomos indo devagar e aos tropeções na escuridão, por entre o negrume mais cerrado do fraguêdo, e o tal pontinho amarelo sempre a luzir na nossa frente. Nada haverá de mais falaz do que a distancia de uma luz em noite escura como breu; e de vez em quando o clarão parecia sumir-se, quasi, lá no horisonte, e de repente, éra como se estivesse a meia duzia de jardas de nós. Até que porfim conseguimos ver donde vinha e ficar sabendo que estavamos muito perto, effectivamente. Uma véla, já meio derretida, estava espetada na fenda de uns penedos flanqueando-a de modo a abrigarem-n'a do vento, e a evitar, alias, o ser vista, salvo na direcção do solar de Baskerville. Um matacão de granito encobria a nossa approximação, e agachados por detrás d'elle pusémo-nos a mirar a luz servindo de sinál. Singular espectáculo, o daquelle luz, a fulgir, solitaria, para alí, em meio de semelhante érmo, sem o minimo sinál de vida nas proximidades, — a chamma, triste, amaréla, a reflectir-se na rocha, de um e outro lado, e nada mais.

— E, agora, que faremos? socinou sir Henry.

— Esperar aqui. O homem não poderá estar distante da luz. Vamos a ver se o poderemos bispar.

Ainda bem não havia soltado estas palavras, eis que um e outro o avistamos. Por cima dos penhascos, por entre a fenda em que ardia a véla, surgiu um rosto côr de cidra, reféce, a mascara de uma féra temível, sulcada pelas mais vis paixões. Esqualida, salpicada de lodo, com a barba como cerdas, e as emaranhadas e hirsutas melénas, podia muito bem ter pertencido a um daquelles selvagens que habitavam os algares daquelles cêrros. A luz, por baixo d'elle, refrangia-se nos olhos pequenos, sagazes, ferinos, a sondarem a escuridão para a esquerda e para a direita: dir-se-iam os de um animal bravo que presentiu os passos do caçador.

Era evidente o haver-lhe despertado suspeitas qualquer coisa. E' possível que fosse motivado pela circumstancia de Barrymore se valer de algum sinál, que nos tinha escapado a nós fazer, ou teria qualquer outro motivo o meliante para suppôr não correrem de todo bem as coisas; eu, porém, não podia ler-lhe o receio no pávido semblante. De um para outro momento podia apagar a luz e sumir-se na escuridão. Prevendo a hipotese, dei um salto em frente, e fez outro tanto sir Henry. No mesmo instante, o facinora, vociferando uma praga, empurrou com força um penedo, que veio estilhar-se contra o matacão que nos facultara abrigo. Lobriguei-lhe de relance a curta, atarracada e musculosa figura, no acto em que elle se pôs a pé de um pulo e desatou a correr. No mesmo instante, por feliz acaso, rompia a lua de entre as nuvens. Investimos atrás d'elle pela crista do monte, e o nosso homem lá ia em correria desapoderada pelo desladeiro opposto, a pular de penedo em penedo, com a actividade de uma cabra montês. Um tiro de boa pontaria do meu revolver haveria logrado inhabilitá-lo eu, porém, trouxéra-o comigo com o fito unico em defender-me no caso de sêr atacado, e não para o disparar contra um homem inerme que ia a fugir.

Ambos corriamos bem e eramos robustos, mas não tardâmos em convencer-nos de que não tinhamos probabilidades de o agarrar. Seguimo-lo com a vista um bom pedaço á luz do luar, a mover-se ligeiro por entre o fraguêdo pela encosta de um monte, lá ao longe. Corrêmos sem destino até nos faltar o folego, mas o espaço mediando entre nós e elle a

parecer-nos cada vez maior. Até que por fim parámos e sentámo-nos, a arfar, entre dois penedos, a vê-lo sumir-se na distancia.

E foi neste ensejo que occorreu o caso mais singular e inesperado que dar-se póde. Haviam-nos posto de pé dispondo-nos a regressar á mansão, desistindo por uma vez daquella montaria sem resultado. A lua ia baixa á nossa mão direita, e o pinaculo farpado de um penhasco de granito a sobresair de encontro ao disco de prata. Ali, recortado em preto qual sombra de ébano sobre aquelle fundo esplendente, antolhou-se-me o vulto de um homem, de pé, no penhasco. Não cuides que era illusão, Holmes. Afirmo-te que nunca em dias de minha vida vi fosse o que fosse com mais clareza. Até onde pude avaliar, era o vulto de um homem alto e magro. De pernas um tanto apartadas, braços cruzados, cabeça pendente, parecia estar cogitando ácerca daquelle immenso deserto de turfa e granito que tinha ante si. Dir-se-ia o proprio espirito tutelar daquella tremenda região. Não era o facinora. Aquelle homem estava longe do sitio em que o outro se tinha sumido. E além disso, era muito mais alto. Com um grito de assombro indiquei-o ao baroneto, mas no mesmo instante em que me tinha voltado para agarrar no braço do meu amigo, desapareceu o homem. E lá estava o agudo farelhão de granito a cortar a orla inferior da lua, mas no topo nem vestigios sequer daquelle vulto immovel e silencioso.

Quis dirigir-me ali e passar revista á fragua, mas ficava lá muito longe. Os nervos do baroneto freMIAM ainda com aquelle grito, que viera recordar-lhe a tetrica historia da sua familia, e não estaria de humores o mancebo para novas aventuras. Não tinha dado fé da presença daquelle homem solitario no topo da fragua, e não podia sentir o calefrio que aquelle estranho aspecto e attitude imponente me haviam causado.

«Algum guarda, provavelmente», commentou. A charnéca está coalhada delles, desde a fuga daquelle facinora.

E dahi, talvez que a sua interpretação seja a verdadeira, mas não se me daria de ter uma prova decisiva. Hoje ainda tencionamos comunicar áquella gente de Princetown aonde é que devem ir procurar o homem foragido, mas é arrelia não nos caber em sorte o triumpho de o podermos reconduzir na qualidade de nosso prisioneiro. Aqui tens pois as aventuras

da noite passada, e não deixarás de concordar, meu caro Holmes, em que cumpri cabalmente o meu encargo de relator.

De tudo de que te dei conta a maior parte não tem alcance, mas não obstante sinto que é mais sensato transmitirte os factos na integra e deixar ao teu criterio a selecção daquelles que melhor te possam auxiliar nas tuas conclusões. Mas com tudo isso é inquestionavel o irmos fazendo progressos. Pelo que respeita os conjuges Barrymore, já viémos no conhecimento dos motivos dos seus actos, e a situação, por esse facto, acha-se sobremodo esclarecida.

E sem embargo, a charnéca, com os seus misterios e os seus singularissimos habitantes, permanece tão imprescrutavel como até aqui.

Talvez que na minha proxima carta eu me ache habilitado a lançar alguma luz sobre mais este ponto. Ainda o melhor seria o podêres tu vir ter comnosco.

CAPITULO X

Extracto do diario do doutor Watson

Até aqui tenho podido citar os relatorios que nos primeiros dias de aqui estar transmiti a Sherlock Holmes. Agora, com tudo, cheguei a um ponto da minha narrativa em que me vejo na necessidade de pôr de parte o methodo até aqui adoptado e por mais uma vez confiar nas proprias reminiscencias, auxiliando-me do diario que trouxe sempre em dia naquelles tempos. Meia duzia de extractos conduzir-me-ão a essas scênas que ficaram indelevelmente estampadas na minha memoria com todos os pormenores. Tomarei, pois, como ponto de partida a manhan subsequente á nossa gorada montaria ao facinora, e aos outros singularissimos incidentes lá na charnéca.

Outubro, 16.—Um dia tristonho, nebuloso, e de chuva morrinhenta. A casa, ensombrada por castellos de nuvens em continuo vae-vem, rasgando-se de onde em onde para tornar patentes as curvas adustas da charnéca, as fimbrias dos montes acaireladas de tenues fios de prata, e lá ao longe o fraguêdo a fulgir nos pontos em que a luz lhe incide sobre as faces molhadas. Reina a melancolia lá por fóra e cá por dentro. O baroneto acha-se preza de sombria reacção resultado das excitações da noite anterior. Eu proprio tenho consciencia de um peso sobre o coração e o presentimento de

um perigo iminente — e perigo sempre presente, e que é tanto mais tremebundo quanto menos apto me encontro a defini-lo.

E não terei eu motivo para senti-lo. Considera a longa série de incidentes unânimes todos elles em apontar uma qualquer sinistra influencia actuando em redór de nós. Aquelle caso da morte do ultimo residente da Mansão, preenchendo tão cabalmente as condições da lenda familiar, as continuas referencias dos camponêses á appareição de uma estranha creatura lá pela charnéca! Com meus proprios ouvidos ouvi eu já por duas vezes aquelle som tão parecido ao uívo de um cão, lá muito longe. E' inacreditavel, impossivel, que semelhante coisa possa existir, effectivamente, indo além das leis da Natureza. Um cão espectral, que deixa pégadas materiaes e que atrôa o ambiente com seus uívos, é coisa que alguém conceba, porventura? Stapleton poderá deixar-se dominar por semelhante crendice, e ainda o Mortimer; eu, contudo, se alguma qualidade terei n'este mundo, é o bom senso, e nada ha que me possa induzir a acreditar em semelhante coisa. O dar-lhe credito equivaleria a baixar ao nivel desses pobres camponios os quaes, não contentes ainda com um méro cão infernal, o descrevem como uma avantesma despedindo fogo do averno pelos olhos e pelas fauces. Holmes nunca prestaria ouvidos a semelhantes fantasias, e eu sou o seu agente. Os factos são factos, porém, e eu já por duas vezes ouvi o tal berro lá na charnéca.

Supponhâmos que, effectivamente, anda á solta por ali um qualquer cão de tamanho descommunal; quando assim fosse, tudo se explicaria. Mas onde poderia um cão em taes condições jazer alapardado, donde haveria sustento o animal, donde terá vindo, e como é que até hoje ninguem foi capaz de o ver ás horas do dia?

Forçoso é confessar que a explicação natural offerece quasi tantas difficuldades como a outra. E em todo o caso, pondo de parte o cão, tínhamos ainda o facto da agencia humana em Londres, o homem do *hansom*, e a carta avisando sir Henry dos perigos que o ameaçam na charnéca. Esta ultima, se quer ao menos, era real, mas pode muito bem ter sido obra de um amigo protector tão facilmente como de um inimigo. E onde se acharia actualmente esse amigo, ou inimigo? Ficaria em Londres, e terá vindo para aqui, atrás

de nós? Acaso será, — sim — acaso será aquelle estranho que vi empoleirado na fragua?

E' certo que apenas o vi de relance, uma vez, e contudo, há coisas sobre as quaes eu não teria duvida em jurar. Não é nenhum dos individuos que eu tenho visto por aqui, e eu hoje em dia conheço pessoalmente toda a vizinhança. A figura éra muito mais avantajada do que a do Stapleton, e muito mais delgada do que a do Frankland. E' possivel que fosse o Barrymore, mas se quando nós saímos elle ficou em casa, e tenho a certeza de que não veiu atrás de nós. Um incognito, pois, nos anda ainda seguindo os passos, tal qual no-los seguiu em Londres um incognito. Até hoje não conseguimos sacudi-lo. Pudesse eu haver á mão semelhante homem, sequer ao menos, logríamos ver o termo ao conjunto de nossas difficuldades. E é a este empenho que eu tenho doravante que dedicar toda a minha energia.

O meu primeiro impulso foi confiar na integra a sir Henry os meus planos. O segundo e mais sensato foi o ir jogando o meu joguinho e dizer o menos possivel a semelhante respeito seja a quem fôr. Anda taciturno e abstracto. Os seus nervos sofreram violento abalo com aquelle som lá na charnéca. Nada lhe direi que possa agravar-lhe a anciedade, mas lançarei mão de alvitres pessoaes no intuito de alcançar os meus proprios fins.

Deu-se uma scenazinha esta manhã. O Barrymore sollicitou de sir Henry uma conferencia, e conversaram ambos á porta fechada, no escritório deste, um certo tempo. Eu, sentado, no bilhar, por mais de uma vez os ouvi levantar a voz, e tinha a quasi certeza quanto ao assunto que estavam discutindo. Dali a pedaço, o baroneto abriu a porta e chamou por mim.

— O Barrymore considera-se ferido em seus melindres, declarou. Diz elle que lhe causou estranheza o facto de nós correremos em perseguição do cunhado, depois de elle, de seu motu-proprio, nos ter confiado o segredo.

O mordomo estava de pé, muito pálido mas cordato, em frente de nós.

— E' possivel o eu haver-me excedido, um tanto ou quanto, proferiu, — mas se assim foi, queira perdoar, meu senhor. Ao mesmo tempo, causou-me espanto ouvir que meu amô é o senhor doutor, esta madrugada, quando recolheram para casa, tinham andado a dar caça ao Selden. O pobre diabo já não tem pouco

com que se ver a braços quanto mais ser eu o proprio a lançar-lhe alguém á tréla.

— Se você no-lo tivesse dito por sua livre vontade o caso mudava muito de figura — adveiu o baroneto.

Você, ou para melhor dizer, sua mulher, só nos declarou o que sabia, quando a isso o obrigámos e não tinha outro remedio.

— Eu é que nunca suppús que meu amo faria uso das minhas palavras, sir Henry — nunca suppús, na verdade.

— Aquelle homem é um perigo publico. Ha casas insuladas por toda essa charnéca, e elle é sujeito para se não prender com coisa nenhuma. Basta olhar-lhe uma vez para a cara para o perceber. — Lembre-se da casa do senhor Stapleton, por exemplo, sem ninguem que a defenda, a não ser o dono. Não existe segurança seja para quem fôr emquanto aquelle facinora não estiver fechado a sete chaves.

— Afianço-lhe que não atacará a casa a ninguem, meu senhor. Á fé de homem de bem, que o não fará. E não voltará a inquietar a quem quer que seja neste país. Afirmo-lhe, sir Henry, que daqui a meia duzia de dias achar-se-á tudo combinado e terá embarcado para a America do sul. Pelo amôr de Deus, meu senhor, peço-lhe que não dê parte á policia de que aquelle desgraçado paira ainda pela charnéca.

Elles desistiram de lhe dar caça por ali, e elle desse modo pode estar socegado até que possa embarcar. Tudo que meu amo fizer contra elle nos pode acarretar trabalhos quer a mim quer a minha mulher. Por quem é, meu senhor, não diga nada á policia.

— Que diz a isto, Watson?

Encolhi os hombros. — Se elle se pudér safar são e salvo cá do país, será um alivio para o contribuinte.

— Mas o perigo de elle dar por ahi cabo de alguém antes de se ir embora?

— Elle fazia lá semelhante coisa, era preciso que estivesse doido, meu senhor. — Temos-lhe facultado tudo que lhe é preciso. O perpetrar um crime seria dar a saber onde se escondia.

— Lá isso é verdade, assentiu sir Henry.

— Está bem, Barrymore. . .

— Deus lho pague, meu senhor, e agradeço-lhe de todo o coração! Se o tornassem a agarrar minha mulher não resistia.

— Vae-me parecendo que estamos ajudando a capear uma felonía, Watson! Mas, depois

de tudo que tenho ouvido, não me sinto com animo de entregar o homem, e acabou-se. Ficamos intendidos, Barrymore, pode retirar-se.

O mordomo tartamudeou umas palavras desconexas de agradecimento e voltou costas; hesitou, contudo, e voltou para trás.

— Meu amo tem sido tão bondoso para nós, que o meu empenho é fazer quanto estiver ao meu alcance, como testemunho da minha gratidão. Sei de um caso, sir Henry, e deveria talvez já ter-lh'o dito, mas só muito tempo depois do inquerito é que eu dei por isso. Não disse uma palavra a semelhante respeito, seja a quem fôr. Tem relação com a morte de sir Charles.

Tanto eu como o baroneto erguêmo-nos de um pulo.

— Sabe, então, como se deu a sua morte?

— Quanto a isso, não, meu senhor, não sei.

— Que sabe, então?

— Sei que elle, áquella hora, estava ao portal, á espera de uma mulher.

— De uma mulher? Elle?

— É como lhe digo, meu senhor.

— E como se chama essa mulher?

— Não lhe sei dizer o nome, meu senhor, mas posso indicar-lhe as iniciaes. E essas eram L. L.

— Como é que o veiu a saber, Barrymore?

— Eu lhe conto, sir Henry. O senhor seu tio tinha recebido de manhan uma carta. Que elle costumava receber muitas, visto ser pessoa de nota e com fama de ter muito bom coração, de modo que não havia individuo necessitado que não appellasse para a sua bondade. Aquella manhan, contudo, calhou haver apenas uma carta, e foi por isso que me chamou a atenção. Vinha de Coombe-Tracey, e a letra do sobrescrito era de mulher.

— Adiante.

— E vae eu, meu senhor, não pensei mais no caso, nem tornaria a pensar em semelhante coisa, se não fosse minha mulher. Não haverá meia duzia de semanas estava ella a limpar o escritorio de sir Charles — em que ninguem tinha posto mão desde o falecimento do fidalgo, — e encontrou as cinzas de uma carta meio-ardida por trás da grade do fogão. A maior parte da dita carta estava feita em pedaços, uma tira, contudo, o fim de uma pagina, achava-se ainda inteira, e distinguia-se ainda a letra, esbranquiçada já, sobre o fundo negro. Pareceu-nos ser um post-scriptum no fim da carta e rezava o seguinte: Por tudo

quanto ha, e como cavalheiro, que é, rogo-lhe que queime esta carta, e que esteja ao portal ás dez horas. Por baixo liam-se as iniciaes L. L.

— E essa tira de papel, tem-na em seu poder?

— Não meu senhor, desfez-se em bocadinhos assim que lhe tocámos.

— E sir Charles teria recebido outras cartas com a mesma letra?

— Se quer que lhe diga, meu senhor, não costumava reparar nas cartas que elle recebia. E eu, se reparei nesta foi por ter vindo sózinha.

— E não faz ideia de quem possam ser essas iniciaes L L?

— Nenhuma, meu senhor, absolutamente. Mas estou persuadido de que, se pudéssemos desencantar a dita senhora, mais alguma coisa ficaríamos sabendo a respeito da morte de sir Charles.

— Não posso conceber como é que me encobriu por tanto tempo essa importantissima informação, Barrymore.

— Que quer, meu senhor, se foi logo em seguida a isso que tiveram principio as nossas atribulações. E demais, meu senhor, quer um quer outro tínhamos tanta amizade a sir Charles, a quem devíamos tantos beneficios! O irmos levantar esta lebre já não podia servir de proveito ao nosso rico amo, e dahi, como se tratava de uma senhora achámos que era pouca toda a cautela. — Que elle, no melhor panno cae a nodoa.

— Receou que o caso lhe prejudicasse a reputação a elle?

— Eu lhe digo, meu senhor, entrei a pensar que o resultado nunca poderia ser bom. Agora, contudo, meu amo tem sido para mim um excellente amo, e pareceu-me que não procedia conforme éra meu dever, não lhe contando tudo que sabia a respeito do caso.

— Muito bem, Barrymore: pode retirar-se. Assim que o mordomo voltou costas, sir Henry virou-se para mim.

— E então, Watson, que diz a esta nova luz?

— Quer-me parecer que deixa as trévas ainda mais negras do que até aqui.

— Estou por isso. Mas se nós pudéssemos identificar o ente que corresponde ás iniciaes L L, far-se-ia luz sobre o caso. Sempre ganhámos alguma coisa. Sabemos que ha alguém inteirado dos factos, e o caso agora é desencantar esse alguém.

Que acha que devâmos fazer?

— Transmitir tudo a Holmes desde já. Ministrar-lhe-ei assim a chave de que elle anda em procura. E eu estarei muito enganado, mas palpita-me que vem logo por ahi, a correr.

Recolhi immediatamente ao meu quarto e redigi o meu relatorio a Holmes da palestra daquella manhan.

Para mim era facto assente o elle haver andado occupadissimo ultimamente, pois eram breves e escassas as cartas que estava recebendo de Baker Street, sem commentarios ás informações que eu lhe ia ministrando, e sem sombras de referencia á minha missão. Confirma-me a certeza de como aquelle célebre caso de extorsão fraudulenta lhe trás absorvidas de todo as faculdades. E não obstante, este novo factor não deixará seguramente de lhe prender a atenção, estimulando-lhe o interesse.

Oxalá elle aqui estivesse.

— Outubro, 17. A chuva não tem deixado de cair todo o dia, a rechinar na hera e a pingar dos beirae.

E eu a lembrar-me do presidiario, além, naquelle bréjo, ao frio, e sem um tecto onde se acolher. Pobre diabo! Sejam quaes forem os seus crimes, tem padecido o suficiente para lhe ser levado em desconto.

E depois, occorreu-me aquelloutro, — aquella cára lá dentro do *cab*, aquelle vulto de encontro á lua.

Se andarâ também ao leu com este diluvio — a atalaia invisivel, o homem das trevas? A' tardinha enverguei o meu impermeavel e fui dar um bom passeio pela ensopada charnéca, a ruminar ideias tétricas, com a chuva a varejar-me as faces e o vento a assobiar-me aos ouvidos. Deus se amerceie daquelles que andam a esmo lá pelo marnel grande, a esta hora, pois que até as proprias terras de monte se acham transformadas em pantano. Topei com a fragua negra onde vi surgir-me o vigia solitario, e da crista rugosa eu proprio espraiei a vista por sobre as quebradas melancolicas. E as lufadas da chuva a fustigarem-lhe a face ruvinhosa e as nuvens, pesadas, côr de ardozia pairando por cima da paisagem, a arrastarem-se em festões pardacentos pelos pendores daquelles montes fantasticos. Numa baixa, lá ao longe, as duas magras torres da mansão de Baskerville a surgirem por cima do arvoredo. Eram os sinaes unicos de humano viver que eu conseguia distinguir, a não serem aquellas

choças pré-históricas tão bastas pelos desla-
deiros dos montes. Por parte alguma o mini-
mo vestígio daquelle homem solitario que eu
tinha visto no mesmo sitio, duas noites atrás.

No meu regresso fui alcançado no caminho
pelo doutor Mortimer a guiar o seu *dog-cart*
através de um aspero carreiro da charnéca
dando serventia á granja limitrofe de Foul-
mire. Tem-se desfeito em atenções para com-
nosco, e raro tem sido o dia em que não tenha
vindo saber de nós, ao solar. Insistiu comigo
para que subisse para o carro e foi pôr-me
em casa. Andava muito afflicto por lhe ter
desapparecido um cachorrinho de agua. O ani-
mal tinha-se perdido na charnéca e nunca
mais voltou. Fui-lhe dizendo o que me occur-
reu para o animar, mas lembrei-me daquelle
póldro lá no marnel grande, e estou que pode
perder as esperanças de o tornar a ver.

— A proposito, Mortimer, aduzi, em quanto
iamos aos solavancos pelo pessimo caminho;
— supponho que pouca gente haverá por estes
contornos a quem você não conheça?

— Duvido que haja.

— Poderá, então, dizer-me o nome de qual-
quer mulher cujas iniciaes sejam L. L.?

Reflectiu por instantes.

— Não sei de nenhuma, respondeu. A não ser
para ahi qualquer cigana, ou mulher de algum
jornaleiro, entre as mulheres dos casaleiros e
da gente fina, que eu saiba, não ha appellido
que corresponda a essas iniciaes. Espere lá,
acrescentou, após breve pausa.— Ha a Laura
Lyons— com essas iniciaes.— mas reside lá
para Coombe — Tracey.

— E quem vem ella a ser?

— E' filha de Frankland.

— De qual? Daquelle fagulha do Frank-
land... do maniaco?

— Sem tirar nem pôr. Casou com um pintor
por nome Lyons, que appareceu cá pela char-
néca a fazer estudos. O homem, porém, era
um valdevinos e deixou-a. As culpas, segundo
me constou, eram iguaes de parte a parte. O
pae não quis saber da rapariga, pelo facto de
ter casado contra sua vontade, e quem sabe se
por outro qualquer motivo. De modo que a
rapariga entre o velho peccador e o novo tem-
se visto pelas ruas da amargura.

— E de que vive ella?

— Supponho que o jarrêta do Frankland
lhe dá uma mesada, mas não poderá avultar
muito, porque os negocios d'elle estão muitis-
simo embrulhados. E muito embora ella o te-

nha merecido, não tem geito deixá-la assim
em risco de se deitar a perder. Espalhou-se o
caso, e varias pessoas por estes sitios alguma
coisa tem feito no sentido de a ajudar a ga-
nhar a vida honradamente. O Stapleton foi um
dos que concorreram, e sir Charles, tam-
bem.

Eu, á minha parte, dei tambem uma ninha-
ria. Tratava-se de lhe montar um escritorio de
correspondencia á máquina.

Quis saber o objecto das minhas indagações
eu, porém, tive artes de lhe satisfazer a curio-
sidade sem lhe dizer de mais nem de menos,
pois não vejo motivo para que admitâmos seja
quem fôr na nossa confidencia. Amanhan pela
manhan vou por ahi fóra, á sorte, em procura
de Coombe — Tracey é, se eu puder falar com
essa tal Laura Lyons, de reputação duvidosa,
terei dado um grande passo no sentido de lan-
çar luz sobre um incidente desta cadeia de
misterios. Já descobri, até, que estou desenvol-
vendo a prudencia da serpente, pois, quando o
Mortimer me apertou com perguntas a um
ponto algo inconveniente, perguntei-lhe, como
que por acaso, a que typo pertencia a caveira
do Frankland, e apanhei uma estopada de cra-
neologia durante o resto da caminhada.

Não convivi debalde com Sherlock Holmes
annos e annos.

Um incidente apenas me falta apontar neste
dia tormentoso e melancolico, a saber: a con-
versa que tive com o Barrymore, agora mesmo,
e que me fornece uma carta de mais valor
que poderei jogar em occasião opportuna.

O Mortimer jantou comnosco, e depois de
jantar jogou uma partida do *écarté* com o ba-
roneto. O mordomo serviu-me café na livraria,
e eu aproveitei o ensejo para lhe fazer varias
perguntas.

— E então, indaguei, essa tal prenda do seu
parente já abalou, ou andaré ainda alapardado
por o brejo?

— Não lhe sei dizer, senhor doutor. Espero
em Deus que se terá ido embora, pois que a
vinda d'elle só nos trouxe dissabores! Nada te-
nho sabido a seu respeito desde a ultima vez
que lhe deixei de comer, e já lá vão três dias.

— E nessa occasião, viu-o?

— Não, senhor; mas os mantimentos tinham
desapparecido quando mais tarde ali voltei.

— Já se vê pois que iria por elles?

— Assim parece, a não ser que o outro lhes
deitasse a unha.

Fiquei de mão no ar, a chavena, a meio ca-

minho da bôca e eu, a olhar espantado para Barrymore.

— Está pois sciente de que anda por lá outro?

— Sim, senhor; anda outro homem lá pela charneca.

— Já o viu?

— Ainda não.

— E como é que o soube, então?

— Foi o Selden quem m'o disse, ha mais de uma semana. Anda escondido, tambem, mas não é nenhum presidiario, segundo me consta. Não me agrada este negocio, senhor doutor,— pela palavra nada, acredite. Expressava-se com sinceridade e intimativa.

— Oiça lá, Barrymore! Eu neste negocio não tenho outro interesse além do bem estar de seu amo. Se aqui vim, foi com o fim exclusivo de olhar por elle. Declare-me, pois, com franqueza, que é que lhe não agrada?

Barrymore hesitou por instantes, como que arrependido da sua expansão, ou por encontrar difficuldade em expressar verbalmente aquillo que sentia.

— Tudo isto que se está dando, meu senhor, exclamou, por fim, a abanar com as mãos em direcção á janéla varejada pela chuva e frentendo a charnéca.— Trama-se qualquer vilania por ali, algures, iria jurá-lo! Malvadez de pôr os cabellos em pé! Tomara ver já pelas costas sir Henry, e que vá a caminho de Londres!

— Mas qual é o motivo das suas apprehensões?

— Lembre-se da morte de sir Charles, meu senhor! Diga-me se haverá maior malvadez, apezar de tudo que o *coroner* disse para ali. Lembre-se d'aquelles rugidos, de noite, lá pela charnéca. Não ha homem que se arrisque a pôr ali o pé, depois do sol posto, por quanto dinheiro ha neste mundo. Lembre-se daquelle homem que por lá anda escondido, de atalaia e á espera.

E de que andaré elle á espera?

Que quererá dizer tudo isto? Não é coisa boa, seja para quem fôr que dê pelo appellido de Baskerville e, assim que sir Henry tomar

peçoal de novo cá para o solar, não sou eu que aqui fico nem mais um dia.

— Mas, quanto a esse individuo, recapitulei; — poder-me-á dar quaesquer esclarecimentos a seu respeito?

Que foi que lhe disse o Selden? Conhecer-lhe-á o coio, ou o que elle andaré a tramar?

— Já o tem visto uma ou duas vezes, mas aquillo é passaro muito fino, e não péga no visco. Ao principio cuidou que seria alguém da policia, mas não tardou em perceber que andava a trabalhar por conta propria. Elle pelos modos era pessoa fina, mas lá o que andava tramando, isso é que elle não foi capaz de perceber.

— E onde lhe disse elle que se escondia o individuo?

— Algures, naquelles casébres da encosta do monte— nas taes baiúcas de pedras onde viveu aquella gente de algum dia.

— E a respeito de alimentação?

— O Selden descobriu que tinha um garoto que lhe faz as vezes de medianeiro e lhe alcança tudo que lhe é preciso. Supponho que esse rapaz irá a Coombe-Tracey para o mesmo fim.

— Muito bem, Barrymore. Voltaremos ao assunto em outra occasião.

Assim que o mordomo se retirou assomei á janéla e, através de um vidro embaciado e a despeito da escuridão, lobriguei as nuvens a correrem e a linha irrequieta do arvoredado varejado pelo vento.

Está desabrida a noite, de portas a dentro, que fará numa baiúca de pedra lá na charnéca! A qué ponto não haverá tomado posse de um homem a paixão do odio para o induzir a embuscar-se em semelhante sitio e com um tempo assim? E' mister que seja muito serio, muito intenso o motivo visto sujeitar-se a semelhantes provações. Além, naquella baiúca da charnéca, afigura-me que residirá a chave deste problema que me trás no acume da irritação. E juro que não decorrerá outro dia sem que eu haja effectuado quanto um homem pode fazer para penetrar no amago de semelhante mysterio.



HENRY FIELDING

Um grande romancista cujos restos repousam em Lisboa

A 22 de abril d'este anno, celebrou-se em Inglaterra o segundo centenario do nascimento de Henry Fielding, consideraão o maior dos novellistas inglezes e um dos mestres incontestaveis do romance moderno. Esta consagração não teve o menor eco em Lisboa, que tem a honra de abrigar os restos mortaes do grande romancista, sepultados no cemiterio dos Inglezes. Os "Serões" não quizeram comtudo deixar passar em claro esta importante commemoração litteraria, e o artigo que segue é uma homenagem á memoria do eminente escriptor, que merece de todos os amadores das bellas lettras um respeitoso culto, como o mais notavel percursor de Dickens, Thackeray e George Elliott.



BRAZÃO DE FIELDING



LISBOA tem ha cento e cincoenta e dois annos, feitos no dia 8 de outubro, a honra de hospedar no cemiterio protestante da Estrella a ossada dum dos maiores escriptores da Europa, o verdadeiro creador

do romance inglês. Todavia entre os quatrocentos mil habitantes da cidade, escassamente se apurarão duas duzias de pessoas para quem o nome de Henry Fielding alguma cousa signifique. Quando Tennyson cá esteve no verão de 1859, não visitou o tumulo do seu illustre compatriota por falta, diz elle, de quem lá o guiasse.

Henry Fielding nasceu a 22 de abril de 1707. Era filho de Edmond Fielding, que militou sob o commando do duque de Marlborough e morreu no posto de general; neto dum dignitario ecclesiastico de Salisbury e bisneto do primeiro conde de Desmond, par da Irlanda e da Inglaterra. Esta familia era de remota ori-

gem allemã, parece até que um ramo da casa de Hapsburgo, mas estabelecera-se na Gran Bretanha em tempo de Henrique II e distinguira-se mais tarde na guerra das Duas Rosas.

Começar por uma genealogia uma noticia sobre Fielding deve lembrar aos rarissimos leitores portuguezes do grande romancista o capitulo em que elle mette a ridiculo no seu *Jonathan Wild* este processo habitual dos biographos.

«É costume de todos os biographos, diz elle, ao começarem o seu trabalho, retroceder um pouco (tanto quanto lhes é possivel) e buscar as origens do seu heroe, como faziam os antigos ao rio Nilo, até que a impossibilidade de ir mais além põe termo ás suas investigações. Não é lá muito facil precisar qual fosse a causa primitiva desta pratica... Tenho chegado a imaginar que seria para obviar á supposição de que tão altos personagens não são produzidos pelos meios ordinarios da natureza e terá procedido (o costume das genealogias) de se reccar que, não sabendo nós quem eram seus paes, venham a correr o risco de passar, como o principe de Prettyman, por não os te-

rem tido... mas fosse qual fosse a sua causa, esta pratica está hoje demasiadamente enraizada para que se tente lutar contra ella.

«Obedecer-lhe-hei, pois, do modo mais rigoroso.»

E segue depois uma impassivel caricatura das genealogias de panegyrico academico, que —como faz a neblina á aspereza das fragas e ás funduras dos valleiros—esbatem com phrases discretas e descoloridas as manchas duma linhagem e com a empolada pompa dos termos a levantam e aplanam quando ella se afasta por alguma depressão demasiadamente brusca da nobre harmonia do todo. A arvore genealogica do *pickpocket* Jonathan Wild tem

de Fielding se póde bem explicar a lenda, hoje bastante abalada, de desregramento e bohemia que sobre elle se armou e se foi com o tempo avolumando. Um escriptor de origem plebeia ou obscura que tivesse sido como o auctor de *Tom Jones* empresario d'um theatro, pamphletario e romancista e acabasse a vida na magistratura, teria deixado na memoria dos seus contemporaneos uma imagem inteiramente opposta á do extravagante e desgovernado Fielding da tradicção inglêsa. Os elementos que se organisariam na construcção desse personagem, talvez igualmente falso, não seriam então a bohemia, o desleixo, a indifferença pela *station*, mas sim o desgosto da



Retrato supposto,
pertencente ao Hon. Gerald Ponsonby

HENRY FIELDING



Desenho á pena de Hogarth,
unico retrato authenticico do romancista

por tronco um gentleman notavel pela dextreza com que extrahia a mais recondita bolsa e isto sem que o paciente por tal desse. E, continuando atravez dum companheiro do glorioso Sir John Falstaff e dum bravo que se declarara imparcialmente em lucha aberta contra todas as facções politicas do seu tempo e depois dalguns feitos d'armas felizes foi finalmente vencido e, contra todas as leis da guerra, cobardemente enforcado, ostenta em um dos seus ramusculos uma dama que vivia em Londres, grande frequentadora de theatros, onde era notavel pela particularidade de distribuir laranjas a quem dellas se queria servir.

Comtudo só conhecendo-se o nascimento

situação equivoca e quasi desprezivel do homem de letras profissional desse tempo e o naturalissimo desejo de ascender á dum respeitavel *parishioner*, ao logar relativamente considerado, digno, comprehensivel, dum *justice of the peace*.

O depoimento mais importante sobre a feição bohemia de Fielding é o de sua prima, Lady Maria Wortley Montagu, espirituosa epistolographa, sua contemporanea. Mas, para uma grande dama como ella, um primo empresario dum pequeno theatro mandado fechar pelo governo, pamphletario de profissão, casando em segundas nupcias com uma creada de sua primeira mulher, devia realmente ser a

mais excentrica e divertida cousa do mundo e uma mina de materia prima para as phrases pittorescas em que a illustre *blue-stockings* tanto se comprazia. Esta fonte biographica, aparentemente tão preciosa, mais nos prova portanto que o perfil do grande romancista geralmente aceite pelos seus compatriotas é devido ao contraste entre o seu nascimento illustre e a sua situação real na hirta sociedade inglêsa. E o principal vehiculo de popularisação desse perfil, um capitulo de Thackeray em *The English Humourists of the 18.th Century*, é, como o teem provado os especialistas em investigações acerca de seculo XVIII, cheio de anachronismos e de traços em irreductivel contradicção com factos bem documentados. E' uma pura criação litteraria, interessante e portatil, mas historicamente falsa.

A critica não tem todavia conseguido erguer sobre as ruinas dessa especie de Bocage inglêz, que é o Fielding da lenda, um Fielding real com a mesma nitidez de contornos. Esse trabalho de erudição tem sido muito mais negativo que positivo. Combinando porém as confissões voluntarias ou involuntarias espalhadas na obra do escriptor com as restricções da critica e o residuo da verdade que não pode deixar de existir no fundo da lenda, parece-me que se pode aceitar approximadamente este Fielding: Um temperamento rico de seiva, de impulsos fortes, com molas de bôa tempera que o faziam esquecer num imprevisto prazer de occasião quaesquer difficuldades serias em que se achasse inextricavelmente envolvido, sem que o sabôr daquelle fosse pela idéa destas attenuado; duma lealdade sem mancha, generoso até á imprudencia e incapaz de se fazer rogado para uma garrafa — ou mais — de *old sack*, como qualquer bom inglêz de todos os tempos, mas muito especialmente do seculo XVIII: — pouco mais ou menos o caracter com que elle dotou o seu Tom Jones e o seu capitão Booth. Uma natureza destas devia aceitar com risonha coragem e bonhomia a situação subalterna para onde a avareza paterna o arrojou e acomodar-se nella o melhor possivel, sem os desdens e as lastimas do *snob* que quer passar por principe desthronado.

Fielding não se envergonhava de tratar publicamente com a mais cordeal camaradagem aquelles para cuja classe as circumstancias o tinham deslocado. E' frequentissimo encontrar nos seus romances, a proposito duma physio-

nomia caricatural, a citação dum quadro do «seu amigo» Hogarth, a comparação heroe-comica dalguma situação grotesca dos seus personagens com attitudes e inflexões do «seu amigo» Garrick, em alguma tragedia de Shakespeare. E' palpavel nelle a tendencia para julgar as pessoas pelo que individualmente valem e não pela posição social que occupam. Em *Joseph Andrews*, o personagem episodico Wilson, *gentleman* de excellente linhagem e educação, depois da desgraça lhe ter feito conhecer o mundo, casa com uma mulher da pequena burguezia, cuja bondade simples e cujos beneficios o enterneceram e encheram de gratidão. O seu proprio casamento com aquella a quem sua prima Lady Mary Worthy, já citada chamava *cook-maid*, mas que alem de ser formosa e ter certa educação, era qualquer cousa como aia, e não cozinheira, foi em grande parte determinado, dizem biographos recentes, pelo carinho materno que nella encontravam as duas filhas que lhe ficaram do matrimonio.

O heroismo obscuro das mulheres commovia-o profundamente. Todos os que leram *Amelia* devem ter presente certa passagem em que a protagonista, typo burguêsmente angelico de dedicação conjugal e virtude domestica, espera debalde para a ceia o marido, o bondoso mas fraco *captain* Booth, que passava a noute com alguns vadios, seus amigos, para cujas algibeiras é transferido ao jogo o pouco dinheiro que possuia.

Ainda ha um instante, não tendo aberto esse romance ha mais de dois annos, encontrei de pronto esses periodos para aqui os traduzir, conservando nitidamente na memoria a altura do volume e o sitio da pagina, onde elles se encontram:

«E aqui não podemos deixar de relatar um pequeno incidente, por mais insignificante que elle a alguns possa parecer. Depois de ter estado algum tempo sozinha a reflectir na desgraçada situação da sua familia, Amelia sentiu-se mais e mais descoroçoar; e por duas ou tres vezes esteve para chamar a creada e mandar comprar meio *pint* de vinho branco, mas dominou este appetite para poupar a pequena quantia de seis *pence*, o que fez mais resolutamente lembrando-se que tinha pouco antes recusado aos filhos o mimo duns bôlos á ceia, pelo mesmo motivo. E fazia este sacrificio muito provavelmente para economisar seis *pence* ao mesmo tempo que seu marido pagava

uma divida duns poucos de guineos por causa do az do trunfo se encontrar em poder do seu antagonista.»

A quem por acaso este meio *pint* de vinho branco como remedio para desanimos faça sorrir, lembrarei que o vinho na Inglaterra, de certo por ser genero importado e caro, gosou por muito tempo, como nos romances se vê a cada passo, e continua talvez a gosar, as honras de efficacissimo cordeal.

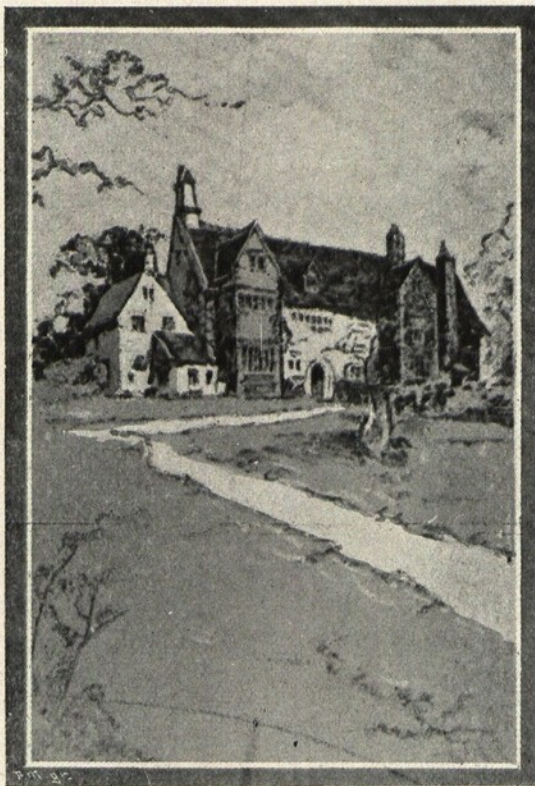
Fielding não era bucolico e romanesco na sua concepção da plebe rural e das classes inferiores das cidades.

As pinturas pasmosas de crua verdade da familia do guarda-caça Seagrim, da creada de *miss Western*, em *Tom Jones*, e da sinistra população das prisões, mostram bem que os seus olhos não usavam oculos azues que lhe transformassem o mundo em chimerica égloga pintada em azulejos. Mas por sêr despido de sentimentalidade piegas não tinha a misanthropia feroz dum Swift. Não, muito pelo contrario. A familia Seagrim protegendo e aproveitando a industria da filha, Molly; as irmãs della invejando-a e odiando-a por a verem vestida de «senhora» com um vestido velho que lhe dera *miss*

Western; a creada desta procurando atear-lhe a paixão nascente pelo engeitado Tom Jones e auxiliando-a na fuga, só por amôr do clandestino e da intriga, não lhe causam indignação nem são exhibidos, á Tolstoi, como productos duma organização social injusta, que o revolta. São apenas animaes de fortes instinctos, ingenua e divertidamente vis, que elle gosta de crear e de contemplar nos seus viveiros. Nem a indignação me parece nelle sentimento com tenacidade sufficiente para inspirar e desenvolver a criação de caracteres interessantes e originalmente concebidos. Os seus hypocritas, os

seus personagens de indole traiçoeira são bastante convencionaes. E a veneração pela sizuidez e pela virtude sem macula, também não actuava consideravelmente nelle como força creadora, do que resultou sairem-lhe o irreprehensivel e ponderado *squire Allworthy*, em *Tom Jones*, e o doutor Harrison, em *Amelia*, o primeiro sobretudo, simples manequins, cobertos de maximas excellentes. Se o *parson Abraham Adams*, de *Joseph Andrews*, se salva, é porque a sua virtude é acompanhada duma candura e duma ignorancia do mundo que o

collocam a cada instante nas mais divertidas situações comicas. A *sympathia* instinctiva de Fielding vae toda para a exuberancia de vida e abrange todas as leviandades e loucuras que lhe andem annexas, quando essa energia se manifesta numa mocidade generosa como a de Tom Jones, todas as brutalidades e extravagancias burlescas, quando ella anima um esplendido selvagem, como o velho *squire Western*. A simplicidade de espirito, misturada com um pouco de vaidade, tomando excessivamente a serio os palavrões como Honra, Brio, Cavalheirismo, Bravura, e obedecendo-lhes com uma regi-



ONDE FIELDING NASCEU
Sharpham Park House, no Somerset

dez maquinal e cega, sem proporção com as circunstancias, tem nas mãos do creadôr do coronel Bath o comico particular desenvolvido pela gravidade digna com que os automatados executam o seu movimento. O excellent e ridiculo Bath percorre parques e cafés, hirto e solemne — *stately* —, cabelleira empoadada, chapéu debaixo do braço, mão no punho da espada, olhando zelosamente em redor para castigar de pronto a mais leve sombra de offensa que por acaso descubram os seus melindrosos brios sempre alerta. E' visível o prazer malicioso e consummada a

arte com que Fielding, no desenvolvimento da acção de *Amelia*, acotovela a cada passo, como por inadvertencia, a sensível mola motriz desse mecanismo explosivo, provocando nelle inesperadas chispas de dignidade fulminante.

Todos os aspectos desta attitude de espirito perante o Homem parecem pyrillamppear no tenuissimo sorriso de bondosa malicia que, no retrato desenhado por Hogarth, illumina o rosto do romancista, de feições bastantes grossas, nariz enorme, de cavallête, pendendo trombudo ao encontro do queixo redondo, de excessivo relevo. O labio inferior, é verdade, alonga-se com certo desdem compassivo, mas descaindo um pouco, sem a expressão aggressiva que teria se se premisse energicamente contra o outro, como o labio de Swift, que parece reprimir por instantes o insulto, para lhe dar maior tensão e violencia. Sabe-se que era duma corpulencia agigantada, que se adivinha logo no retrato, pelo seu typo de perfil, geralmente ligado ás altas estaturas: o prognathismo total, começando na glabella, o qual apresenta, com a cabeça coberta, uma apparencia orthognatha, por se alinharem na mesma vertical todas as regiões faciaes salientes. Quando mergulho na physionomia fixada neste desenho tão expressivo e tão sóbrio, vem-me sempre á idéa um gigante de Brobdingnag divertindo-se a brincar com Gulliver na palma da mão, ou as caras de alguns espectadores que sorriem serenamente, sem se envolverem na balburdia no celebre *combate de gallos* do auctor do retrato.

Confrontando este retrato authentico com o outro supposto que n'estas paginas vae reproduzido, a impressão permanece a mesma.



ONDE FIELDING VIVEU MUITOS ANOS
Em East Sour, no Dorsetshire

Suppõem os biographos que Fielding fez os seus estudos classicos no historico collegio de Eton. Mas ou fossem feitos ahí ou em qualquer outra parte, dão abundante testemunho da solidez e vastidão delles as amiudadas citações dos antigos nas suas obras de *humour*, o tom respeitoso com que elle falla da erudição classica, do *learning*, dos seus personagens predilectos, os discursos sobre Homero e sobre

os tragicos gregos que lhes põe na bocca e o desprezo com que apresenta os rabisca-dores ignorantes, *illiterate fellows*, confundindo Luciano com Luciano e falsificando para os livreiros traduções de obras gregas e latinas por versões francêsas.

Nenhum biographo duvida do facto de ter Fielding passado dois annos em Leyde a estudar direito, apesar de não haver sobre isso documento algum. De volta á Inglaterra, por falta de recursos, pois parece averiguado que seu pae nada lhe dava da rasoavel mezada que lhe tinha arbitrado, Fielding lança mão de generos litterarios inferiores para ganhar a

vida. Passa então sete obscurissimos annos, dos quaes apenas se sabe que compoz algumas comedias originaes bastante mediocres e adaptou á scena inglêsa outras de Molière. E' nesse periodo que a lenda, por confusão com certo Timothy Fielding, seu contemporaneo, o apresenta como actor e tendeiro. Aos vinte e oito annos estava Fielding já casado. Algum tempo depois, em 1736, apparece-nos elle empresario do *Little Theatre*, e fazendo representar pela sua companhia do «Grão Mogol» peças de satyra politica. O encerramento desse theatro por ordem do governo em 1737 desviou a sua

actividade para a jurisprudencia, e ei-lo installado no *Temple*, a velha colmêa londrina de legistas e aprendizes de legista. Ia ao mesmo tempo collaborando em jornaes, e em 1742 faz a sua estreia na alta litteratura com a publicação de *Joseph Andrews*, que lhe rendeu 183 libras. Entre esta data e 1751 em que publicou *Amelia* está comprehendida a sua carreira litteraria propriamente dita. E' tambem neste periodo que perde sua primeira mulher, pelo que esteve a dois passos da loucura, que contrahe segundas nupcias, que é nomeado *Justice of the peace* de Westminster e chamado pouco depois para o cargo de *chairman of quarter sessions*, uma magistratura que tinha então funcções mixtas de juiz de instrucção e intendente de policia.

Eis-nos fora dos embrulhados conflictos entre a lenda e a critica e podendo deixar o proprio Fielding contar-nos os ultimos annos da sua vida.

Na introducção da sua *Voyage to Lisbon*, escrita provavelmente em Lisbôa, como o foi o prefacio (o corpo da obra é sem duvida um diario feito realmente durante a viagem) diz elle que passou o anno de 1753 e parte do anteriôr a tratar-se duma gotta. Em agosto o primeiro cirurgião do rei aconselhou-lhe uma estação em Bath e o romancista escreveu logo para a estancia thermal a certa Mrs. Bowden, hospedeira, a encommendar alojamento. Nisto, *His Grace* o duque de Newcastle manda chamá-lo e encarrega-o com a maior urgencia de organizar um plano efficaz para limpar Londres e arredores da terrivel quadrilha que commettia todos os dias roubos e assassinatos. A conferencia valeu-lhe uma forte constipação por cima dos outros padecimentos e obrigou-o a adiar a viagem de Bath, para tratar sem demora de redigir o plano, que foi altamente elogiado no *privy council* e que com uma pequena despesa para o Estado se mostrou realmente efficacissimo. Não se veja nisto porrem o prazer do homem de letras em saltar escandalosamente por cima da rotina trilhada pela veneravel mediocridade official e ir certo como uma bala, por esse caminho novo, onde ella pelo seu não consegue chegar: — um caso como aquelle tantas vezes citado de Edgar Poe, demonstrando no conto de *Mary Roget* o mecanismo dum crime que desnorteara a policia de New-York. Não; Fielding confessa o seu movel nessa tarefa excessiva para as suas forças debilitadas pela doença.

Tinha quarenta e oito annos feitos, estava, portanto, na idade da prudencia e da reflexão. O seu cargo rendia pouco mais de trezentas libras, apesar de, á data da sua nomeação, render ainda umas quinhentas e de um seu antecessôr se gabar de expremere delle mil. A esse rendimento excessivo chama elle *the dirtiest money*, (o mais sujo dinheiro), e não poucas scenas nos seus romances se encarragam de explanar cruamente o que neste escripto auto-biographico é apenas deixado entrever acerca dessa sujidade. Basta lembrar, no começo de *Amelia*, a scena em que o *justice of the peace* pronuncia as suas sentenças absolutorias baseado em certo piscar d'olhos muito significativo do seu amanuense.

Com tão pequeno rendimento e numa idade e estado de saude que lhe não permittiam já viver bastante para fazer economias ou tentar operações lucrativas, Fielding via que sua mulher e seus filhos iam por sua morte ficar ao desamparo. Queria, portanto, diz elle, pela grandeza dos seus serviços e com o muito provavel sacrificio da sua vida recommendá-los á protecção do seu paiz. A' gotta tinha vindo juntar-se uma ictericia; a execução do plano policial levou tempo, sendo o resultado passar a epoca de Bath e chegar tambem a doença a um grau de intensidade e complicação, contra o qual as aguas dessa estação thermal seriam já improficuas. A hydropisia auxiliava agora os outros symptomas na demolição do gigantesco arcabouço. O romancista não se abandonou á medicina expectante, que definiu espirituosamente em um dos seus livros «um methodo de tratamento que consiste em deixar obrar a natureza, ficando o medico ao lado a fazer-lhe signaes approvativos para a animar a continuar pelo mesmo caminho». Passou o inverno a tratar-se com certo dr. Ward, então celebre. Na primavera retirou-se sem melhoras consideraveis para uma casa de campo que possuia no condado de Middlesex, em sitio, diz-nos elle, muito abrigado e salubre. Fallando da inefficacia dos medicamentos do dr. Ward contra os seus padecimentos, Fielding exprime uma noção de doença, notavelmente scientifica para o tempo: «... devia haver alguma coisa especial no meu caso, capaz de resistir á energia (dos remedios do dr. Ward) que tinha operado tantos milhares de curas. A mesma doença em organizações diversas será provavelmente acompanhada com tão variados symptomas, que encontrar um

remedio com a virtude de curar uma mesma doença em todos os doentes deve ser quasi tão difficil como a descoberta de um que cure indifferentemente todas». Mas o soffrimento acaba por abalar em assumpto de doença as mais solidas convicções scientificas. Fielding logo a seguir declara que recorreu tambem por fim a uma panacêa. E' verdade que a sua era a mais illustre das panacêas: a celebre agua de alcatrão preconisada annos antes pelo grande philosopho Berkeley. O pobre Fielding poz-se no regimen de tomar todas as manhãs e todas as noites um copo da mirifica bebida, porém com resultados mais duvidosos ainda do que a realidade dô mundo material para o auctor da receita. O verão era esperado anciosamente pelo enfermo e pelos seus medicos e amigos como devendo trazer-lhe as forças indispensaveis para atravessar os rigores doutro inverno inglêz. Mas, diz-nos Fielding, o tempo ia passando sem trazer comsigo cousa que se pudesse chamar verão. Durante o mez de maio o sol mal se mostrou umas tres vezes. Foi então que lhe veio a idéa, approvada pelos medicos, de partir para um paiz do sul. O grande numero de navios que saiam para Lisbôa e a relativa commodidade da viagem determinaram a escolha de Portugal. Embarcou a 26 de junho, içado pelo guindaste, numa cadeira, em meio das chufas e injurias dos marujos e barqueiros, motivadas pela hediondez da sua figura de hydropico, o que o faz deter um pouco nesta altura do seu diário em considerações melancholicas sobre a perversidade ingenita da humanidade em geral e muito especialmente da brutal e descaravel plebe do seu paiz. Mas confessa ao mesmo tempo que devia na verdade causar horror, e que as mulheres gravidas evitavam a sua presença com receio dum aborto.

Deixemos agora os episodios de viagem que durou á roda dum mez, com demoradas paragens e teimosas calmarias, as dôres de dentes de Mrs. Fielding, as contas exorbitantes que a familia pagou nas estalagens em varios portos de escala, e vamos esperar o navio pelas alturas das Berlengas para assistirmos á redacção das paginas do diário que se referem a Portugal.

Diz elle que havia então nas Berlengas uma colonia penal, que as suas reminiscencias eruditas logo fazem derivar humoristicamente duma semelhante, mantida pelos egypcios no mar vermelho, segundo Diodoro Sículo, para

a parte honesta da população não ser contaminada pelos criminosos. Ao passar a Serra de Cintra falla duma ermida que se via no alto, propriedade de certo inglêz, outr'ora dono dum navio mercante, «e que tendo resolvido mudar de religião e costumes, que não eram, estes ultimos pelo menos, da melhor qualidade, ali se recolheu a penitenciar-se dos seus peccados. E' muito velho e ha muitos annos que habita aquelle eremiterio, tendo recebido sempre protecção da familia real, principalmente da actual rainha viuva, cuja devoção não se poupa a trabalhos nem a despezas para fazer proselytos, costumando dizer que a salvação duma alma seria paga bastante para os esforços de toda a sua vida.»

Em quanto esperam maré para entrar a barra, Fielding descreve nestes termos a paisagem que tem á vista: «... o solo nesta estação é tal qual um forno de tijolo, ou um campo onde se ceifou a herva e pôz a arder em monticulos, para adubar a terra. Não ha espectaculo mais proprio do que este para fazer um ingles orgulhoso e amante do seu paiz, que em viço excede, penso eu, todos os mais. Outra falta aqui é a de grandes arvores; nenhuma excede o porte dum arbusto, numa area de muitas milhas.»

N'esta altura vem a bordo do navio um piloto portuguez, cujo procedimento deu ao romancista uma alta idéa do religioso respeito dos naturaes pelas leis do paiz. Sendo um crime gravissimo desembarcar, ou auxiliar alguém no desembarque dum navio estrangeiro antes da visita da saude, o piloto por uma pequena esportula levou para terra um frade que vinha de Londres e cujas sandalias estavam impacientes por pisar o chão patrio.

Ao chegarem á torre de Belem, a que Fielding chama Bellisle, um tiro de peça avisa-os de que não podem ir mais além sem «certas ceremonias a que as leis do paiz obrigam os navios, ao chegarem a este porto» O «magistrado da saude» chegou pouco depois e recusou-se a entrar no navio antes de vêr formados no convez todos os passageiros. Quando lhe disseram que Fielding vinha entrevado, exclamou em voz auctoritaria:

«Tragam-no para cima.»

Assim fizeram. «Era um sujeito de muita imponencia e não menos zelo no desempenho dos seus deveres» diz o romancista. «Ambos estes predicados, continua, são muito para admirar quando se sabe que os seus venci-

mentos não chegam a trinta libras por anno.»

Depois d'algumas considerações declara que nunca viu nem ouviu fallar de paiz algum onde os viajantes para desembarcar fossem obrigados a tantos incommodos, «cuja unica utilidade, visto tudo isto não passar duma serie de formalidades, é deixar ao arbitrio de individuos ordinarios e mesquinhos serem rudemente zelosos ou descaradamente corruptos, conforme preferam satisfazer a sua soberba ou a sua cubiça.»

A visita fiscal é feita com grande impolidez e ridicula minucia, obrigando os passageiros a deitar fora todo o pó do rapé e particula de tabaco de fumo que por acaso tragam. Os empregados d'esse serviço eram, no dizer de Fielding a «escoria de plebe» e a pretexto de procurar contrabando roubavam tudo aquillo a que podiam deitar a mão. Apenas entraram no navio, os marinheiros gritaram para os passageiros: «Fazem favor de tomar cuidado

nas espadas e nos relógios, meus senhores!» (1)

«Na verdade, commenta Fielding, nunca vi cousa igual ao odio e ao desprezo que os nossos bons marujos a cada instante mostram por estes empregados portuguezes».

(Conclue no proximo numero).

CARLOS DE MESQUITA.

(1) Não deixa de ser curioso confrontar isto com o que dos collegas inglêses destes empregados diz o escriptor italiano José Barreti que, vindo da Inglaterra, onde residia ha muito tempo, esteve em Portugal e Hespanha, de passagem para o seu paiz, seis annos depois Fielding:

«Levaram-nos á alfandega, (Badajoz) onde os bah s foram abertos e examinados, mas não remexidos sem cautella, como uzam fazer certos mastins em muitas nações, especialmente em Inglaterra, ao desembarcar, onde, se aquella canalha t'a pode pregar, furta alguma cousa no acto do exame; e por isso é conveniente não perder de vista a bagagem, emquanto elles dão a busca.»

O trecho transcripto é da elegantissima traducção das cartas de J. Baretto relativas a Portugal, pelo sr. Alberto Telles, Lisboa, 1896 (fóra do mercado).



TUMULO DE HENRY FIELDING EM LISBOA

onde o grande romancista expirou a 8 de outubro de 1754.

O monumento foi erigido em 1830, em substituição do primeiro tumulo, feito a expensas da colônia inglesa em Lisboa.



MOSTEIRO DO CALVARIO VISTO DA RUA DA LAGOA

Évora antiga

O MOSTEIRO DO CALVARIO



oi este mosteiro fundado no século XVI, quando as ideias religiosas actuavam mais nos animos do que hoje em dia, e lhes apontavam o norte de obras pias como o mais seguro indicador da bemaventurança.

Segurava o baculo do governo ecclesiastico da archidiocese eborense um filho do rei D. Manoel, o Cardeal Infante D. Henrique, primeiro Arcebispo d'ella.

Do terceiro casamento de seu pae tinha elle uma irman de singular formosura externa e de peregrina belleza

d'alma, a Infanta D. Maria, herdeira de grandes haveres, que lhe deixára o pae, como mais avultados a mãe, que a politica fizera, mais tarde, rainha de França.

Por mestre tivera a Infanta a D. João Soares, que foi, na sequencia do tempo, Bispo de Coimbra.

O trabalho singular de boa critica da senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcellos: *A Infanta D. Maria*, dispensa-nos de miudesas.

A esta Infanta foi que o irmão, o Cardeal D. Henrique insinuára, por 1560, a ideia da fundação do Calvário de Évora, da Regra de Santa Clara de



MOSTEIRO DO CALVARIO VISTO DA ESTRADA EXTRA-MUROS

Capuchas de S. Francisco, da Provincia do Algarve.

Fôra a celebre Justa Rodrigues, a estimada ama de D. Manoel, quem trouxera de Gandia para Setubal, as primeiras freiras d'esta asperrima Regra, e alli lhes fundára o Mosteiro de Jesus.

Bem recebida da Infanta a lembrança do irmão, e sob traça d'elle se começára sem delongas a construcção do mosteiro, já quando D. Henrique deixára de ser Arcebispo e lhe succedera D. João de Mello, vindo de Silves, que foi quem cedera para nucleo da edificação uma antiga ermida da Vera Cruz, que alli havia junto á muralha fernandina, por diploma de 29 de maio de 1565.

De que o edificio não estava concluido em 1571 damos um documento,

quicá inedito, e aos 23 de outubro de 1574, em vida da fundadora, entraram as primeiras habitadoras n'aquelle seu tumulo em vida. Do convento da Assumpção, de Lagos, vieram algumas e outras do de Setubal, o primeiro da Ordem, em Portugal.

Helena da Cruz, ou Bernardina de Jesus, cousa que se não aclara bem, foi a primeira Abbadessa d'esta casa religiosa, que ficou na historia franciscana com o nome de Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvario.

Não excedia o numero de vinte e quatro o d'estas miserias servas do Senhor, que uma só vez foram obrigadas a sair do mosteiro, quando, em 1663, a artilharia castelhana o varejára, recolhendo ao convento de Santa Clara.

Pobrissimas, só viviam de esmolas que quatro donatos pediam pelo reino



MENINO JESUS OFFERECIDO AO MOSTEIRO DO CALVARIO POR D. ISABEL JULIANA DE SOUSA COUTINHO

para ellas, e da que lhes legára a fundadora, de 208.000 reis annuaes, que lhes daria a Misericordia de Évora.

Andavam descalças estas pobres mulheres, e só nos ultimos tempos tinham uma especie de sandalias de madeira ou calopodios, vestiam camisa de estamenha sobre as carnes, dormiam n'uma cortiça, encostavam a cabeça a um travesseiro de palha e jejuavam sempre.

Extrema pobreza revela ainda o mosteiro, muito arruinado. Nada ha n'elle digno da contemplação do archeologo; nem uma inscripção mortuaria relembra o nome de uma só monja. Obras d'arte nenhuma: talvez alguns máos quadros de Josefa de Ayala.

Apenas no transcriptum da egreja existe o epitaphio do Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, da casa dos condes de S. Miguel, que alli jaz em campa rasa.

Deixára a famosa fundadora o mosteiro á protecção dos reis de Portugal, e assim, foi D. Sebastião quem lhe deu um annel de agua da Prata, e D. Philippe II cinco mil ducados de prata, para reparos no mosteiro, e D. João IV lhe fizera obras importantes.

N'esta casa foi que o Marquez de Pombal mandou enclausurar a Dona Isabel Juliana de Sousa Coutinho, a heroica mulher que não consentia na

consummação do matrimonio com o filho d'elle, José, até que, morto o rei, o matrimonio foi annullado e ella casára com D. Alexandre de Sousa, formando o tronco da casa Palmella.

Dadiva ao mosteiro por D. Isabel, ainda alli ha um menino Jesus, de valor artistico, e, pelo factio, historico.

Com a morte de D. Maria José, natural de Cabeção, succedida em 7 de setembro de 1889, fechou o cyclo das Abbadessas d'esta casa religiosa. Subsiste apenas um pallido reflexo de tal mosteiro em poucas mulheres, que o Governo permittiu alli viverem em comunidade sem votos, dadas ao culto divino e ao ensino das meninas da visinhança, que alli vão buscar o pão do espirito em uteis insinamentos. Eram estas senhoras as meninas do côro ao tempo da morte da

ultima monja do Calvario.

Continuam a viver de esmolos e da protecção larga e variada da senhora D. Ignacia Angelica Fernandes de Barahona, a notabilissima eborense, cujo retrato aqui tem cabimento apropriado.

Mostramos o mosteiro visto da rua da Lagoa e de fóra, da estrada de circumvalação, cuja torre fernandina fôra dada ao mosteiro para miradouro das enclausuradas, e ácerca da qual se escreveu este documento que não vimos impresso:



D. IGNACIA ANGELICA FERNANDES DE BARAHONA

Protectora actual do mosteiro

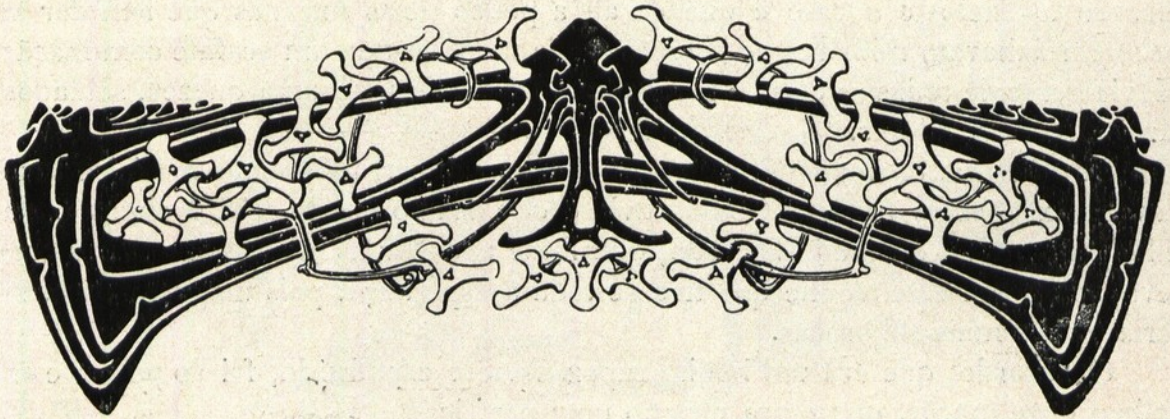
«Juiz vereadores e procurador dacidade devora / eu el Rey vos envio m.^{to} saudar. A Iffante dona maria minha tia me dise que era muito necessario fazerse a serventia e rua que ha de ficar ao lomguo do mostr.^o de freiras que manda fazer na dita cidade da manr.^a que affomso alvarez mestre de minhas obras a deixou ordenada e abal-lisada Pollo que vos êcomendo e mando que não recebêdo acidade niso prejuizo ordeneis como a dita rua se faça cõforme ás ditas balisas que vos mostrarão mateus neto mestre da obra do dito mostr.^o e domingos Roiz capelão da Iffante que tẽ cargo da dita obra e asy

vos êcomêdo que deis a torre que esta junto do dito mostr.^o para miradouro das freiras delle da manr.^a e com as condições com q̃ se costumam dar as semelhantes torres, porque por isto ser cousa q̃ assinte me pede / gaspar de seixas a fez de lx.^a a xxbiiij de feuer.^o de 1571. Jorge da costa a fez escrever e isto com condição q̃ se não faça danificam.^{to} algũ na torre E ficando pera se poder vsar dela quando for necessary^o p.^a defensão da cidade. — *Rey.*» (1).

(1) L.^o 6.^o dos originaes da Camara de Evora, fl. 256.

Evora.

A. F. BARATA.





O CORCUNDINHA



o tempo das fadas houve um soberano a quem chamavam o Rei das Maçãs. N'aquelle reino havia muito frio e por isso as maçãs e outras fructas, apesar de serem grandes e terem bonita apparencia, deixavam muito a desejar emquanto a gosto, porque lhes tinha faltado o sol para as amadurecer bem.

Ora o rei tinha uma tal paixão por maçãs, que uma vez mandou deitar um bando pelos seus estados, dizendo que a mão de sua filha unica, uma princeza de rara formosura, seria para o homem que lhe trouxesse uma duzia das melhores maçãs.

Houve quem pensasse que o rei não estava bom de juizo, mas ninguem se atreveu a dizel-o e o caso é que de ali a pouco pelas estradas que iam dar ao paço caminhavam milhares de pessoas cada uma levando um açafate com maçãs. Havia gente de todas as classes n'aquella multidão: duques, marquezes, soldados, jardineiros, lavradores.

Um d'estes, chamado Francisco, tinha no seu cerrado muitas macieiras, que davam excellentes fructos. Como ouviu o que dizia o bando real, mandou o seu filho mais velho, chamado Ricardo, que fosse apanhar as mais lindas maçãs para leval-as ao rei, dizendo-lhe que tivesse toda a esperanza, pois ninguem apresentaria outras mais saborosas.

O Ricardo, que era um bonito rapaz, forte e espadaúdo, foi ao pomar e escolheu doze maçãs, que eram mesmo uma perfeição.

— Vaes com certeza apanhar o premio, dizia-lhe o outro filho do lavrador, que não se parecia nada com o irmão. Chamava-se Antonio e era enfezado e corcunda.

Poz-se o Ricardo a caminho, muito cheio de si, julgando que ia ser marido da princeza.

Depois de fazer uma grande caminhada, parou para descansar e sentou-se á beira de um regato. Como já estava com fome, abriu o farnel e entrou de volta com a comida, que a mãe lhe tinha arranjado para a jornada.

N'isto passava uma velhinha, tão acabada que já mal se podia arrastar.

— Irmãosinho, disse-lhe ella com muita humildade, dê-me alguma coisa com que matar a fome.

— Vae-te embora, respondeu-lhe de mau modo o Ricardo. Não dou de comer a pedinchonas.

— Pois não dê, filho, respondeu-lhe a velha, seguindo o seu caminho. Ai! Como são lindos os sapos!

O rapaz disse consigo mesmo que a pobre era doida, pois não pode entender estas ultimas palavras, e d'ali a migalhinha, continuou a jornada.

No dia seguinte de manhã chegou ás portas do palacio e entrou para um grande pateo, onde já estavam mais de cem pessoas á espera, cada um com seu cestinho

Apenas o rei acabou de almoçar, veio ver as maçãs. Ao cabo de muito tempo, chegou a vez ao Ricardo.

— Deixa lá ver as tuas maçãs, disse-lhe o rei.

O rapaz, todo ancho, abriu o açafate e levantou a toalha branca de neve que estava ao de cima. Apareceu logo uma duzia de sapos muito feios, que se remexiam na ancia de fugir d'ali para fora.

O rei desviou-se para traz, muito zangado e deu ordem aos seus guardas para que prendessem o Ricardo e o fossem metter na masmorra mais escura do castello, que ficava ao pé do palacio.

Passaram-se dias e dias sem que o lavrador soubesse novas do filho. Andava tão afflicto que já quasi não tratava das macieiras. Afinal o corcundita offereceu-se para ir á cata do irmão, levando tambem uma duzia de maçãs ao rei.

— Para quê?
perguntou-lhe o pae. Serás tão tolo que tambem queiras casar com a princeza?

Se teu irmão, rapaz desempinado e perfeito, foi mal succedido, peor te

acontecerá a ti, que és tão enfezado, e, de mais a mais, corcunda!

Mas o Antonio taes pedidos fez, que o pae afinal lhe deixou levar as maçãs.

Os fructos, como já não andavam tão bem tratadas as macieiras, não eram dos melhores, mas ainda assim o Antonio apanhou os doze que lhe agradaram mais e poz-se a caminho, cheio de esperança.

Chegou ao pé do regato e parou no mesmo sitio, em que o irmão tinha descançado.



Quando estava a rilhar um bocado de pão muito duro, appareceu-lhe a mesma velhinha e pediu-lhe, peio amor de Deus, alguma coisa com que matar a fome.

— Só me deram para a jornada este bocado de pão muito duro, mas estou prompto a repartil-o consigo, avósinha.

E deu-lhe metade do pedaço de pão.

— A benção de Deus te cubra, meu filho, disse-lhe a velha. Ai como são lindas as maçãs!

Quando os creados do rei viram o Antonio á porta do palacio, não o quizeram deixar entrar, mas afinal o corcundita conseguiu metter-se por entre o povoleo que invadiu o pateo.

Depois de se tirar a toalha de cima das maçãs, o rei ficou entusiasmado com a belleza dos fructos e gritou para o rapazinho:

— Pertence-te o premio. Vaes ser meu genro!

Mas a princeza, que estava perto, recuou cheia de repugnancia, quando viu o Antonio, e disse:

— Casar com um marreca! Lá isso nunca! Mil vezes antes morrer!

— Elle é realmente tão feio, disse uma dama da cõrte, tambem muito nova e bonita, que, para casar com a princeza, devia ser obrigado a fazer mais alguma coisa do que apresentar uma duzia de maçãs.

— De certo! De certo! exclamaram os outros pretendentes.

O rei por fim deu-lhes razão

No dia seguinte mandou o Antonio pastorear pela tapada do palacio os es-

quilos do paço. Devia deixal-os sair da gaiola pela manhã cedo, para os animaesitos se espalharem pelo campo

e treparem ás arvores; e ao sol posto havia de mettel-os a todos para ás gaiolas.

Se algum se perdesse, perderia elle tambem o direito de casar com a princeza.

Quando elle, muito triste, ia para a tapada, levando ás costas uma gaiola com duas duzias de esquilos, encontrou a velhinha, com quem tinha repartido o bocado de pão.

— Não te afflijas, meu filho, aconselhou ella. E' mais facil do que julgas a tarefa que te deram. Aqui tens um apito de prata. Quando quizeres juntar os esquilos, não tens mais do que tocal-o com força. Verás que não faltará nem um só. Mas Deus te livre de tocal-o sem ser preciso.



PELAS ESTRADAS QUE IAM DAR AO PALACIO
CAMINHAVAM MILHARES DE PESSOAS

Ainda o Antonio não tinha acabado de agradecer-lhe e já a velha desapparecera. Não queria crêr o corcundita no que ella acabava de prometter-lhe, e disse consigo mesmo:

— De certo esteve a caçar comigo.

Quando chegou ao meio da tapada, onde á sombra do bello arvoredado cresciam as mais lindas flores, abriu a porta da gaiola e os esquilos saltaram para o chão e correram para as arvores, subindo pelos troncos e pulando de ramo para ramo com tanta ligeireza como se tivessem azas.

— Queira Deus a velhinha não me tenha enganado! disse o corcunda, quando os viu todos longe de si.

Era no começo de outomno.

O ceo estava azul e o sol muito quente. Como não lhe tinham dado merenda, Antonio foi comendo avelãs e amoras de silva, que não lhe pesaram muito no estomago.

Mal começou a fazer escuro, levou aos beiços o apito, com a mão toda a tremer, e tocou-o por tres vezes.

Houve logo uma restolhada nas copas das arvores, e, n'um abrir e fechar de olhos, todos os esquilos vieram agrupar-se em roda do Antonio, quietos e doces como borreguinhos.

Imagine-se a alegria do rapaz!

Voltou para o palacio cantarolando alegremente, acompanhado pelos seus esquilos, que davam saltos e cabriolas em redor d'elle.

Tanto o rei como a princeza ficaram muito admirados ao verem isto, e, ainda mais, conhecendo que não faltava nenhum dos esquilos.

— Que hei de eu fazer para me livrar do corcunda? perguntou a princeza á tal dama da côrte.

— Mande-o Vossa Alteza ámanhã outra vez á tapada, mais os esquilos, que d'esta feita havemos de pegar-lhe uma peça.

No dia immediato, o Antonio voltou effectivamente com os esquilos para o meio do arvoredado.

Quando era meio dia a dama da côrte foi levar-lhe uma boa merenda e uma grande garrafa de excellente vinho. Sentou-se ao pé d'elle, na relva, e foi brincando com os esquilos, enquanto o rapaz comia e bebia.

— Que lindos animaesinhos, disse ella. Vende-me um?

— Não! Não posso dispor d'elle, nem que me desse uma mancheia de moedas de oiro por um só que fosse.

— Dou-lh'a por este, que é tão bonito.



O ANTONIO
VOLTOU COM OS
ESQUILOS

Tanto dinheiro por um esquilo! Nunca em toda a sua vida elle se tinha imaginado senhor de uma só moeda, quanto mais das que a outra dizia...

— Uma mancheia de moedas de oiro e um beijo, respondeu o Antonio, para não ceder logo ás primeiras.

— Só as moedas de oiro, respondeu a fidalguinha.

O corcunda, porém, insistiu e recebeu tanto a mancheia de moedas de oiro, como o beijo.

A dama partiu muito satisfeita, com o esquilo embrulhado no lenço, mas ainda não tinha dado muitos passos quando se ouviu o som do apito, e o esquilo saltou para fora do lenço e correu a juntar-se com o Antonio.

— O corcunda é feiti-ceiro, foi ella dizer á prin-ceza.

— Peior ainda! disse muito apoquentada a filha do rei. Para sabermos com certeza se é ou não é, mando-o amanhã outra vez á tapada. Custe o que custar, hei de comprar-lhe um esquilo, que não deixarei fugir, como tu deixaste.

No dia seguinte a princeza levou ao Antonio uma bella merenda e duas grandes garrafas do melhor vinho que havia no palacio. Depois de regatear com elle por algum tempo, comprou-lhe um esquilo por duas mancheias de moedas de oiro e dez beijos.

— Tira-o agora d'aqui se és capaz! disse-lhe ella, depois de ter mettido o animalzinho n'um sacco de coiro.

E encaminhou-se para o palacio.

Quando o som do apito retiniu pela tapada, o esquilo rasgou o fundo do sacco e tornou para junto do rapaz.

A' noitinha, voltou o Antonio com todos os esquilos.

— Deve agora marcar o dia da boda, disse elle á princeza, deante do rei e dos cortezãos. Fiz tudo o que se exigiu de mim e ganhei a sua mão duas vezes em logar de uma só.



A PRINCEZA E O ANTONIO NA TAPADA

— Ainda queria pedir-lhe uma coisa, mais uma unicamente, respondeu a princeza, dando-lhe um sacco.

— Satisfaço o seu pedido, seja elle qual fôr.

— E' que me encha este sacco de verdades. Depois d'isso casamo-nos immediatamente.

— Nada mais facil, acudiu o Antonio e é coisa que vou fazer n'um abrir e fechar de olhos, disse o rapaz voltando-se para a tal dama da côrte e perguntou-lhe: Não é verdade que foi ter commigo á tapada e que me deu um beijo e uma mancheia de oiro por um esquilo?

A dama poz-se muito córada e respondeu, indo-se embora:

— Não o posso desmentir.

— E' quanto basta, fez o Antonio. Ahi vae uma verdade para o sacco. E virando-se para a princeza, que já não estava muito á sua vontade, perguntou-lhe tambem:

— E não se lembra, minha querida princeza?...

— Nem mais uma palavra! acudiu ella. Casamos amanhã.

Foram admiraveis as festas da bôda. O Ricardo foi tirado da masmorra e serviu de padrinho ao irmão.

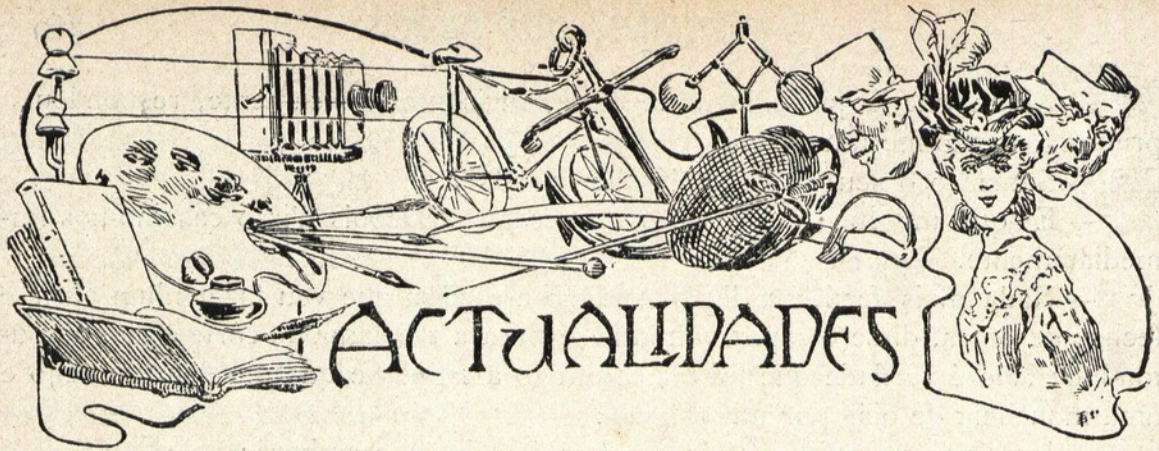
Quando os noivos voltavam da igreja ao som da musica, em companhia do rei e de toda a côrte, encontraram-se com uma velha, que tinha na mão uma varinha branca.

A velha approximou-se do noivo e tocou-lhe com a varinha nas costas, e logo desapareceu a corcunda e o Antonio tornou-se lindo e desempenado que nem o mais perfeito rapaz que tem havido no mundo.

As festas duraram dois mezes e acabaram por um grande banquete, em que o rei comeu tantas maçãs do cerrado do pae de seu genro que no dia seguinte morreu.

O Antonio e a mulher reinaram muitos annos e fizeram o seu povo muito feliz, o que outros reis não teem conseguido.





Grandes topicos

As eleições **A**s eleições que acabam de realisar-se na Austria vieram rasgar n'aquelle paiz novos e luminosos horisontes. Como se sabe, a Austria era até ha pouco uma simples expressão geographica a que faltava por completo unidade nacional. As diversas nacionalidades constitutivas do imperio odiavam-se ferozmente entre si e a politica austriaca era toda ella feita de querellas entre pangermanistas, polacos, ruthenos, irredentistas, etc. D'isso resultava um progressivo enfraquecimento do imperio que fatalmente o conduziria ao desmembramento total.

A concessão da Duma á Russia veio sacudir as massas populares austriacas do seu lethargo. Os socialistas organisaram um grande movimento, que terminou por uma grève geral em Vienna, para reclamar o suffragio universal; o imperador farto das divisões dos politicos conservadores, acabou por satisfazer essa reclamação. Estabeleceu-se o suffragio universal, e o resultado das eleições que acabam de se effectuar, demonstra que os odios nacionalistas existiam apenas nas classes medias, não tendo attingido o povo. Este não é tchêque, nem germano, nem irredentista, mas catholico so-

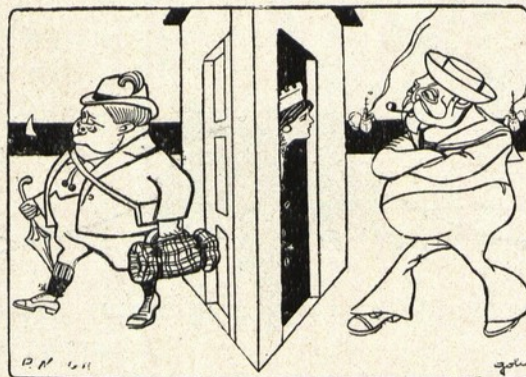


A ITALIA ENTRE AS POTENCIAS

ALLEMANHA — *Está ligada a mim por elos de ferro.*
 INGLATERRA — *E a mim por elos de amor.*

Do «Pasquino»

cialista ou socialista cosmopolita. Assim, os partidos nacionalistas soffreram quasi todas derrotas esmagadoras e alguns mesmo, como



A ENTREVISTA REAL DE GAETA

Apenas o velho amor se afasta, a Italia acolhe o amor novo

Do «Pasquino»

o irredentista, desaparecem da scena parlamentar. Em compensação, os democratistas socialistas, que no anterior Reichsrath eram 11, são no actual 83, e os socialistas christãos, anteriormente em numero 26, apresentam-se agora na força de 67, aos quaes virão juntar-se, como já declararam, os 29 clericas allemaes.

A futura maioria parlamentar será, portanto, constituída pelos socialistas christãos, apoiados por um ou outro grupo avançado. E como é provavel que em muitas questões a ella se unam os socialistas democratistas, o bloco assim formado poderá realizar grandes reformas economicas no sentido socialista. A' guerra de raças substituir-se-ha, portanto, dentro em pouco, uma lueta de interesses de classes.

Eis a constituição completa da nova camara:

Socialistas democratistas, 83; socialistas christãos, 67; clericas allemaes, 29; progressistas allemaes, 23; populistas allemaes ou radicaes, 24; agrarios allemaes, 21; pangermanistas independentes, 13; pangermanistas, 3; jovens tchêques, 19; velhos tchêques, 6; realistas tchêques, 2; agrarios tchêques, 25; clericas tchêques, 19; radicaes tchêques, 10; clericas slavas, 22; liberaes sla-



EQUILIBRIO DIFFICIL

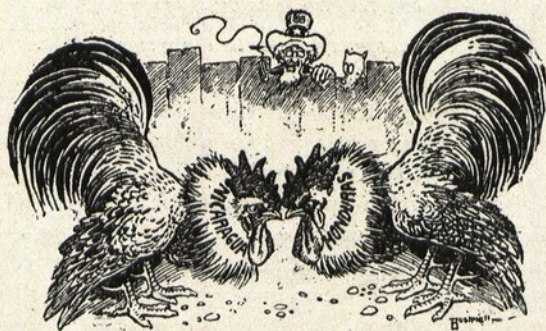
Do «Punch»

vos 3; liberaes italianos, 4; clericas italianos, 10; croatas, 9; servios, 2; romaios, 5.

A questão da Irlanda **D**ISSEMOS n'a tempos que o governo inglez havia apresentado ao parlamento nm projecto de autonomia administrativa da Irlanda. Aceite, como foi, ainda que com certas reservas, pelo deputado Redmond, *leader* irlandez, parecia que esse projecto vinha, se não resolver o magno problema, pelo menos dar um grande passo, para

a sua resolução, a contento de ambas as partes. Pois tal não succede. A Convenção nacional irlandeza, constituída por 4:000 delegados de todas as corporações officias e particulares do paiz, reunindo ultimamente em Dublin, resolveu, por unanimidade, rejeitar o projecto. E o mais extraordinario do caso é que foi precisamente Redmond quem apresentou a proposta de rejeição.

A que se deve esta reviravolta? Dizem uns que a influencia da Igreja, á qual muito prejudicaria a nova reforma: dizem outros que ao facto de a grande maioria dos irlandezes ter receios de, aceitando uma reforma restricta, dar a crer á Inglaterra que elles renunciavam ao



DESAVENÇAS NA AMERICA CENTRAL

O TIO SAM — Lá estão outra vez pegados os gallos!

Do «Cincinnati Post»

home rule. E, n'estes termos, Redmond teve de fazer volta-face, para não ficar em opposição com o seu partido e, consequentemente, deixar de dirigi-lo.

Como quer que seja a questão, dada a attitudo dos irlandezes, voltou ao seu estado primitivo; quer dizer a Irlanda fica como estava. Continuará, decerto, a reclamar o *home rule* que a Inglaterra, certamente, continuará a recusar-lhe. E com essa intransigencia não será evidentemente esta ultima a mais prejudicada.

O suffragio universal na Suecia **O** Riksdag sueco votou ultimamente a implantação do suffragio universal para a eleição de deputados. Até aqui, para gosar do direito eleitoral na Suecia era preciso ter trezentos mil



ITALIA — Levas-me tambem contigo, John Bull?

Do «Pasquino»

reís de rendimento; o presente decreto suprime essa clausula e concede o direito do suffragio a todo o cidadão de mais de 25 annos e que tenha pago os seus impostos ao Estado ou á communa. Ao mesmo tempo estabelece a introdução do systema proporcional, tanto para a eleição da camara dos deputados como para a representação communal. A camara alta continuará a ser eleita como até agora, mas para a tornar accessivel aos elementos democraticos, resolveu-se que os seus membros sejam d'ora



SEMPRE NERVOSO

O CZAR — Pelo amor de Deus, Stolypine, que especie de cão de fila é este?

Do «Humoristische Blätter»



Nebelpalter.)

A NOVA DUMA

Viverá, ou será estrangulada como a outra?

Do «Nebelpalter»

avante retribuidos

Deve notar-se que esta reforma foi empreendida por um governo conservador contra a extrema-direita e contra os radicaes que se opõem ao principio da representação proporcional, temendo que esse systema traga ao Riksdag um numero de pequenos grupos incapazes de constituirem uma maioria firme. Mas o governo conseguiu fazer triumphar a sua iniciativa com

o concurso dos liberaes e dos socialistas.

Todavia, o novo regimen eleitoral não entrará em vigor desde já, porque, segundo a Constituição sueca, a camara tem de confirmar o seu voto d'agora depois de feitas novas eleições.

A limitação dos armamentos

A hora a que escrevemos continua acesa a controversia sobre qual seja a sorte da proposta que a Inglaterra tenciona apresentar á Conferencia de Haya, ácerca da limitação dos armamentos.

A ideia da proposta, já o dissemos, foi hostilmente recebida pela Allemanha. O principe de Bulow, proferindo, a proposito, um longo discurso no Reichstag, disse que para se poder aceitar era necessario encontrar uma formula que attendesse ás grandes differenças geographica, economica, mili-



DR. RODRIGUES ALVES E SUA FAMILIA

O illustre ex-presidente da republica dos Estados-Unidos do Brazil, de passagem por Lisboa, foi alvo de calorosas manifestações de sympathia e respeito pela sua benemerita obra e pela sua gloriosa patria, irmã da nossa. A photographia foi tirada á sua chegada.

tar e politica dos diversos Estados, e podesse servir de base a uma convenção. Senão, não! E toda a gente desatou á procura da tal formula.

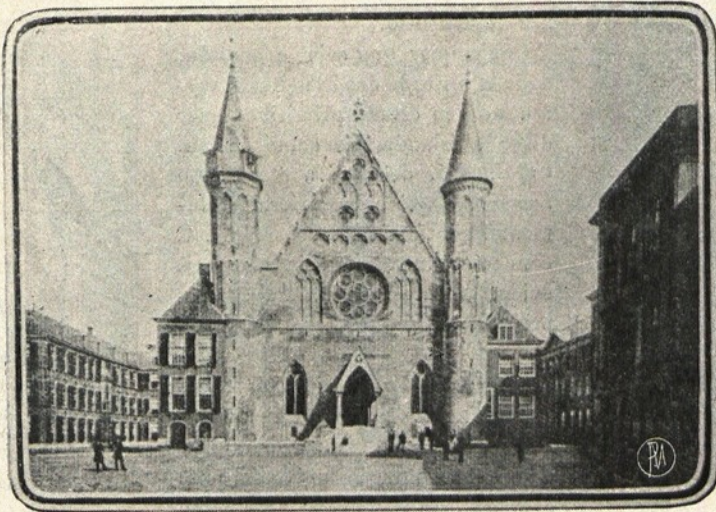
Precisamente, o dr. Roberto Kaiser, de Genebra, acaba de publicar um opuseulo, no qual diz crer tel-a encontrado. Propõe elle que se abstraia das grandes differenças geographicas, economicas e politicas dos Estados, e que se renuncie a uma limitação theorica, deixando ás potencias a liberdade de resolver sobre os seus armamentos, tornando-os mesmo mais onerosos.

resse da paz ou nos superiores interesses da humanidade, subvencionando obras de indole economica, social ou scientifica. Estas subvenções deveriam ser atribuidas de preferencia ás potencias que tivessem limitado os seus armamentos.

Segundo o dr. Kaiser, o Tribunal da Haya encontraria, n'uma convenção d'este genero, os elementos necessarios para a sua constituição permanente e estabeleceria assim o orçamento inicial de uma futura Confederação internacional.

Tal é a formula que, em substancia, tenderia á formação de um orçamento da paz, para ser contraposto ao orçamento da guerra.

Será ella accete? Terá ella exequibilidade? Tendo-a, os seus resultados serão proficuos? Eis trez perguntas a que não é facil responder. Os antecedentes da questão levam-nos mesmo a acolhel-as com um tal ou qual scepticismo.



O PALACIO DE BINNENHOF, NA HAYA ONDE DEVE REALISAR-SE A CONFRERENCIA DA PAZ

Vida na sciencia e na industria

Uma revolução no systema ferroviário

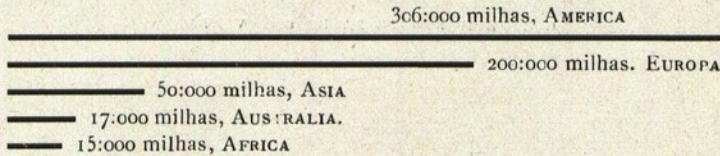
NA ultima exposição da Sociedade Real de Londres appareceu o modelo de um invento que vem revolucionar certamente a locomoção moderna. Trata-se de um mono-carril, devido ao engenho de Mr. Louis Brennan, inventor do torpedo que tem o seu nome. O principio do systema consiste na applicação do gyroskopio a um carro que se move sobre um unico carril em condições perfeitas de estabilidade, podendo esse carril estar elevado quanto se queira acima da superficie do solo. Fizeram-se com o melhor resultado, ex-

periencias do modelo n'uma via de cerca de 400 metros. O carro tem duas rodas que gyram no vacuo em direcções oppostas, e que trazem constantemente o carro á posição vertical, ainda que seja impellido pelo vento ou pela força do homem. Espera o inventor que para o futuro o seu systema permittirá que as carruagens do caminho de ferro, sejam de muito maiores dimensões que as actuaes, que as velocidades augmentem ao duplo ou ao triplo, e que os accidentes se tornem quasi impossiveis.

As rodas que gyram no vacuo são construidas de forma que, ainda quando falte a força motriz, ellas continuarão a gyrar durante umas poucas de horas dando estabilidade ao carro. Para fazer comprehensivel aos leitores menos versados o principio em que se baseia o invento, accrescentaremos que o gyroskopio é uma especie de pião. Como se sabe, o pião, quando está gyrando, volta rapidamente á posição vertical sempre que d'elle é

da Grã-Bretanha e Irlanda uma milha de caminho de ferro corresponde a cinco milhas quadradas de territorio, a relação das vias ferreas africanas é de uma milha por 750 milhas quadradas. Uma revista ingleza assignala como principal causa do atrazo das communições acceleradas no continente negro a disseminação do poder politico e commercial. Como prova, accentua que os tres grandes systemas existentes são resultado dos seguintes

factores: a occupação franceza da Algeria e da Tunisia; a occupação ingleza do Egypto e do Soldão Egyptico; a annexação da Africa



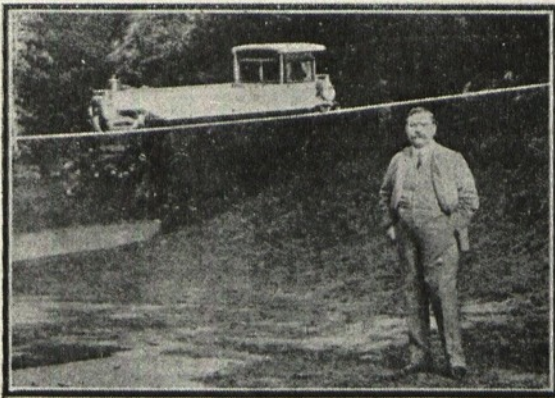
OS CAMINHOS DE FERRO NOS CONTINENTES

desviado por qualquer impulso.

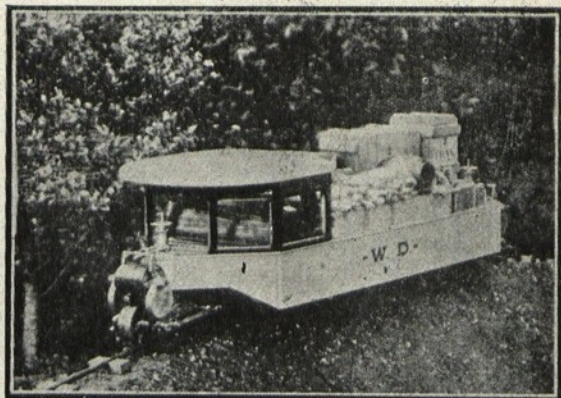
O mesmo principio, applicado aos navios, augmenta-lhes a estabilidade, diminuindo consideravelmente o balanço.

Caminhos de ferro africanos **P**ELO schema junto se podem avaliar as proporções da rede ferro-viaria nos cinco continentes do globo. A inferioridade de Africa é manifesta, e mais frizante se torna quando se disser que, ao passo que no reino Unido

Meridional pelos inglezes. Os planos importantes para a construção dos futuros caminhos de ferro africanos são, em primeiro logar, a linha do Cabo ao Cairo; segundo, a linha trans-sahariana, desde qualquer terminus algeriano até Tombuctu e o lago Tchad; e por fim uma linha transversal, por emquanto «no estado nebuloso», partindo de Mombaça. Estas considerações de um tecnico inglez devem ser meditadas pelos governos de Portugal, potencia á qual nem sequer allude o artigo e que, pela extensão dos



O inventor, com o modelo em repouso sobre um carril aereo



O modelo Brennan equilibrado sobre um carril unico

O NOVO CARRIL BRENNAN

seus dominios no continente africano, precisa contribuir largamente para o desenvolvimento das comunicações rapidas em todo elle.

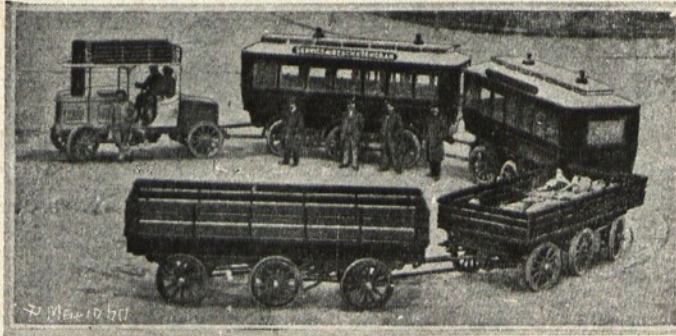
Alem das difficuldades politicas, acrescenta ainda o artigo outras duas naturaes que teem embaraçado esse desenvolvimento: a differença de nivel a vencer para se attingir o interior e o clima tropical de duas terças partes d'esse interior. A primeira circumstancia augmenta extraordinariamente o preço de construcção. Assim, os caminhos de ferro do Natal teem custado 15.000 l bras por milha, ao passo que os do Canadá custaram 12.000 e os da Australia 9.000.

Comboio sem carris **A** invenção do coronel Renard permite a tracção de um comboio por estradas ordinarias, sem os inconvenientes resultantes da inercia dos vehiculos

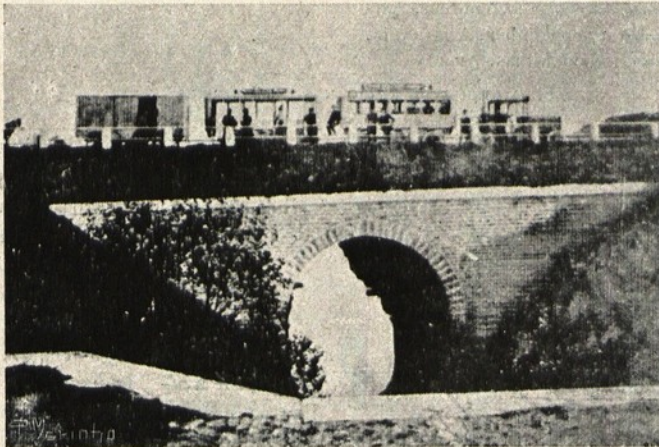
rebocados. O propulsor é um pequeno motor ou machina leve que, prompto e equipado para marcha, pesa pouco mais de 2 toneladas. A communicacão de força aos vehiculos é por meio de uma haste que liga o motor com os eixos das rodas d'estes ultimos. Quando a machina começa a funcionar, todas essas rodas revolvem immediatamente. Assim o andamento de cada vehiculo conforma-se absolutamente com o do vehiculo motor. Os vehiculos teem tres eixos e seis rodas, e ha um engenho compensador para que cada par de rodas possa passar sobre qualquer obstaculo, sem choques para o vehiculo, assegurando uma distribuicão equitativa de peso pelos tres eixos. O machinismo per-

mitte que o comboio serpenteie á vontade, vencendo curvas de pequeno raio.

Este systema, inventado em França e aperfeiçoado em Inglaterra, está-se desenvolvendo rapidamente

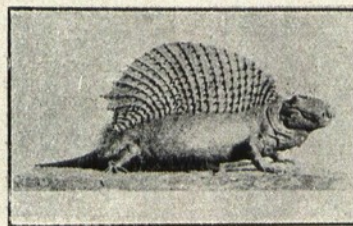


O COMBOIO RENARD DANDO UMA VOLTA



O COMBOIO RENARD ATRAVESSANDO UMA PONTE

em ambos os paizes, porque acode com effeito ás necessidades mercantis instantes, dispensando a despesa e a demora que importam os caminhos de ferro e dando facilidades de communicacão que estes não podem ter.



UM SAURIO PRIMITIVO

O «Naosaurus» reconstituído como era em vida

O pioneiro dos reptis **D**E todas as formas extintas de vida de que a sciencia tem ultimamente tomado conhecimento, nenhuma excede em interesse o Naosaurus, typo espantosamente antigo de transição para os reptis. Os restos do animal estão no Musu Americano de Historia Natural, em New-York, e foram encontrados em leitos peruvianos do Texas. O Naosaurus viveu portanto pelo fim da era paleozoica, ao terminar a «idade dos peixes», e foi o pioneiro dos gigantes reptis que dominaram o periodo mesozoico, para darem mais tarde logar aos mammiferos dos tempos terciarios. Pertence á sub-ordem denominada dos Theriodontes, por Owen, por causa da semelhança da sua denticão com a dos mammiferos. Era de modestas proporções, pouco mais de dois metros e meio de comprimento, e a sua feição caracteristica era a existencia de uma especie de barbatana no dorso, suggerindo a descendencia dos peixes, formada pelo prolongamento das espinhas neurales das vertebraes. D'ahi deriva o seu nome, que significa «navio-lagarto».

Os olhos das creanças **A**s creanças devem andar bem abafadas, mas sem serem sobrecarregadas de fato, e cuidadosamente defendidas contra o frio ou rapidas e fortes mudanças de temperatura. Deve-se evitar expol-as a tempo agreste, frio ou ventoso, especialmente quando são pequeninas. Recommenda-se exer-

cicio abundante e saudavel ao ar livre, aposentos bem ventilados de dia e de noite, e dieta cuidadosamente ordenada. Sobretudo nas creanças que mostrem tendencia para o escrofulismo ou para o rachitismo, deve-se ter toda a cautela, na alimentação. O dr Allen Greenwood aponta a importancia de considerar o esforço de visão como um importante factor nas creanças atrasadas no estudo. Mostrou recentemente que a maioria de creanças

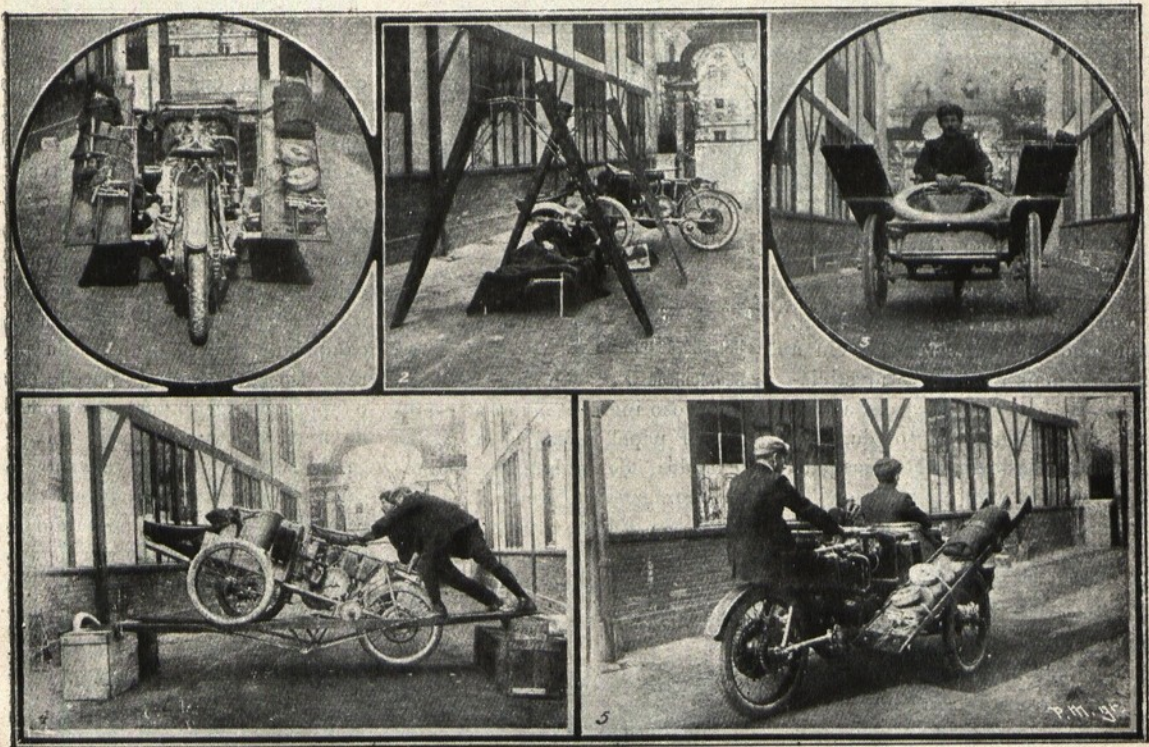
de fraco intellecto teem defeitos evidentes de visão, e o mesmo succede, embora em menor grau, ás creanças que não dão boa conta dos seus estudos.

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperanza de se curar! É porque ignoram que o *xarope de hypophosphito de soda* de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio

para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outrós se mallogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doença degenerem em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris e encontra-se á venda em todas as pharmacias.

Vida no Sport



1. A ponte portatil ligada ao carro. — 2. Como se arma a tenda para pernoitar.
— 3. A ponte dobrada no carro durante a viagem. — 4. A ponte em serviço: o automovel a transpòl-a.
— 5. Outro aspecto da ponte dobrada no carro

A CORRIDA DE AUTOMOVEIS PEKIN-PARIS

A corrida Pekin-Paris **O** *Matin* organisou uma corrida de automoveis de Pekin a Paris, e um grande numero de automobilistas se acham já na capital da China ou a caminho d'ella, para a partida que está fixada em 10 de junho.

O trajecto atravessará a Mongolia, a Sibéria, a Russia, e a Alemanha. Os concorrentes levam consigo muitos inventos engenhosos, incluindo uma tenda e uma ponte portatil, sobre a qual transportarão o automovel em sitios onde seja impossivel guia-lo.

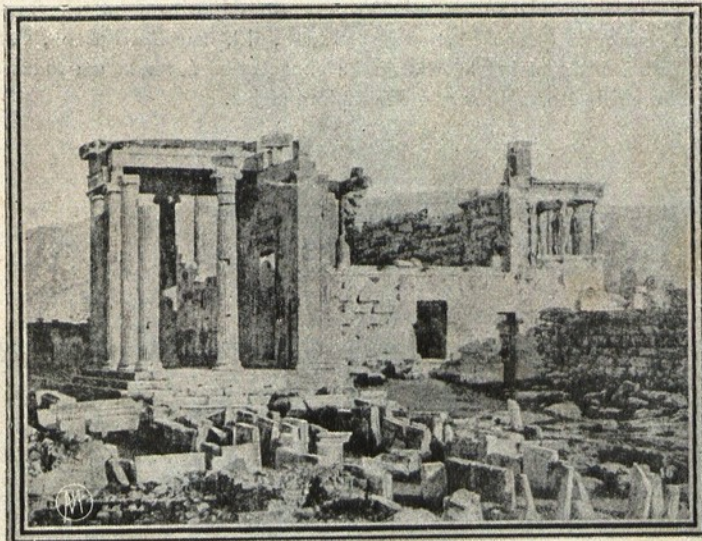
As photographias que publicamos apresentam as feições mais curiosas d'esses inventos, e mostram como elles se podem usar.

E' certamente este o percurso mais longo de que até hoje reza a historia dos concursos do automobilismo.

Vida na arte

Huyssmans **A**CABA de expirar o romancista Huyssmans, notavel pelo vigor de seus trabalhos

cavações na Acropole trouxeram à luz todas as pedras que faltavam, as quaes servirão para restaurar o antigo edificio.



O ERICHTHEIUM, NA ACROPOLE, NO SEU ESTADO ACTUAL

e pela evolução de seu espirito, que, começando pela descrença, veiu a cahir no mais requintado mysticismo. A sua característica era a pintura dos *dessous* sombrios da alma humana, e das suas tendencias para a perversão e para o extranho.

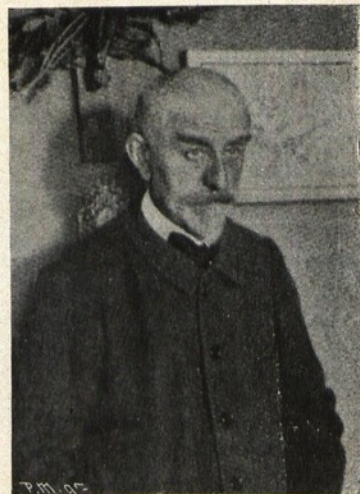
Uma interessante restauração architectonica **D**EPOIS do Parthenon, o edificio mais afamado na Acropole de Athenas, é o Erichtheium, que costumava conter todos os documentos mais importantes de historia e de religião do estado atheniense. O templo original foi incendiado pelos persas, e o edificio, cujas ruínas chegaram ao nosso tempo, foi construido uns 400 annos A. C. Pelo decurso dos seculos tem soffrido muitas vicissitudes, sendo alternadamente templo pagão, igreja christã, e harem turco.

Ha um seculo ainda permanecia quasi inteiro, mas soffreu estragos durante a revolução da Grecia, e foi muito damnificado por um grande temporal em 1832. As recentes ex-

Como se arranjam placas phonographicas

um curioso incidente em que representa o papel principal a rainha Alexandra, de Inglaterra, apaixonada por musica. Um compositor inglez, Mr. Edwin Greene, dedicou à rainha uma das suas canções. Como a rainha possuia um gramophone, ordenou à firma constructora

A gravura que produzimos prende-se com



J. K. HUYSSMANS

da machina que lhe fizesse uma placa phonographica da canção. Assim se fez, com effeito, e é essa operação que representa a gravura, onde se mostra a disposição necessaria para ella se executar. O piano e a acompanhadora estão sobre uma caixa de ar por detraz do cantor, o qual fica a pouca distancia da campanula que se projecta da parede. Do outro lado da parede está o apparelho reproductor e placas de uma substancia macia em que se inscrevem perduravelmente os sons, os quaes se reproduzem phonicamente quando o possuidor do gramophone colloca no seu logar a reproducção, na forma já conhecida de um disco negro.



COMO SE INSCREVE A MUSICA NO GRAMOPHONE